

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**METODOLOGIA DE PROJETO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DA
HISTÓRIA NO 1º CEB**

Catarina Almeida

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Mestre Teresa Meireles

Junho 2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**METODOLOGIA DE PROJETO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DA
HISTÓRIA NO 1º CEB**

Catarina Almeida

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Mestre Teresa Meireles

Junho 2015

AGRADECIMENTOS

Na elaboração deste relatório final contei com a colaboração, empenho e incentivo de várias pessoas às quais quero expressar os meus sinceros agradecimentos:

Aos meus pais, por me terem apoiado incondicionalmente, em todas as etapas da minha vida, mesmo quando isso implicou fazer alguns sacrifícios.

Aos meus irmãos, pelo companheirismo, amizade e atenção que sempre me dedicaram.

A todos os meus amigos, por fazerem parte da minha vida, em especial ao grupo de amigas de faculdade, que tornaram mais alegre, interessante e animada a minha passagem por este lugar.

À minha professora orientadora, pelo apoio e disponibilidade que manifestou, ao longo de todo este trabalho.

À professora cooperante, pela disponibilidade, receptividade e apoio durante todo o período de estágio.

Aos alunos com quem realizei a prática pedagógica supervisionada, pelo entusiasmo com que realizaram todas as tarefas e pela alegria contagiante, que encoraja qualquer professor a querer fazer mais e melhor, pois são sempre os primeiros a acreditar que tudo é possível.

“Uma vez mais, faz parte da responsabilidade do educador prestar atenção de forma equilibrada a duas coisas: em primeiro lugar, que o problema brote das condições da experiência que se está a ter no presente e que faça parte do âmbito das capacidades dos estudantes; e, em segundo lugar, que desperte naquele que aprende uma busca activa por informação e produção de novas ideias. Os novos factos e novas ideias assim obtidas tornam-se terreno para posteriores experiências nas quais novos problemas são apresentados. O processo é uma espiral contínua.”

Dewey (1938/1963:79)

RESUMO

A elaboração deste relatório final teve por problema central a intervenção pedagógica inspirada na metodologia de projetos aplicada ao ensino da História no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O projeto foi implementado com um grupo de dezassete alunos do terceiro ano de escolaridade, com o consentimento e colaboração da professora cooperante, e constitui a base de recolha de dados, obtidos por uma amostragem não representativa.

A revisão de literatura dá predomínio a propostas recentes do Ministério da Educação, promovendo uma perspetiva de intervenção voltada para o trabalho por projetos (Vasconcelos) ou pedagogia participativa (Formosinho)..., dentre outros modelos interacionais voltados para o aprender a aprender e para a construção de aprendizagens interdisciplinares cooperativas e significativas.

O trabalho opta por uma metodologia de cariz qualitativo com observação direta e participante, recolhendo dados a partir de notas de campo e de uma conversa informal com as crianças para avaliação das práticas desenvolvidas.

A ação educativa foi desenvolvida com base na observação participante, que permitiu intervir diretamente junto de um grupo de alunos do 3º ano, utilizando a metodologia de projeto realçando e reforçando a autonomia e a ação dos alunos. Durante este período recolheu-se dados no terreno, confrontando-se práticas institucionais com as propostas teóricas obtidas na revisão de literatura. Este procedimento permitiu refletir sobre a ação desenvolvida e melhorar as práticas educativas de intervenção pedagógica, tendo em conta a estimulação sustentada do processo de questionamento, investigação, reflexão, aquisição, exposição e avaliação de conhecimentos das crianças.

Palavras-chave: Trabalho de Projeto; Aprendizagem significativa; cooperação; Ensino de história no 1º ciclo do Ensino Básico

ABSTRACT

The central problem of this final report is the pedagogical intervention inspired by the projects methodology applied to the teaching of History in the 1st cycle of elementary education.

The project was implemented with a group of seventeen third grade students, with the consent and cooperation of the teacher, which forms the data collection base, obtained by a non-representative sample.

The literature review emphasizes recent proposals of the Ministry of Education, promoting an intervention perspective focused on the work by projects (Vasconcelos) or participatory pedagogy (Formosinho) ... among other interactional models aimed at learning to learn and to build cooperative and meaningful interdisciplinary learning.

The work opts for a qualitative oriented methodology with direct and participant observation, collecting data from field notes and an informal chat with the children for evaluation of practices developed.

The educational activity was developed based on participant observation, which allowed us to intervene directly with a group of 3rd year students, using the projects methodology and enhancing and reinforcing the students' autonomy and activity. During this period we collected data on the ground, comparing institutional practices with the theoretical proposals from the literature review. This procedure allowed us to reflect on the developed action and to improve the educational practices of pedagogical intervention, taking into account the sustained stimulation of the processes of questioning, research, reflection, acquisition, presentation and evaluation of the children's knowledge.

Keywords: Project work; Significant learning; cooperation; Teaching of History in elementary school

Índice

Introdução.....	1
1. Capítulo I - Enquadramento teórico- metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES).....	4
1.1 Fundamentação do objeto.....	4
1.2 A metodologia de trabalho de projeto como estratégia de aprendizagem.....	4
1.2.1 Evolução histórica	5
1.2.2. Caraterização do trabalho de projeto.....	8
1.2.3. Fases de desenvolvimento do Trabalho de Projeto.....	9
1.2.4 Potencialidades do trabalho de projeto para o processo de ensino-aprendizagem.....	12
1.3. O conhecimento histórico.....	13
1.3.1. O Ensino da História no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	14
1.4. Opções metodológicas.....	18
2. Capítulo II - Caraterização do contexto institucional.....	22
2.1 A instituição.....	22
2.2 O grupo de crianças envolvidas no Trabalho de Projeto.....	26
3. Capítulo III – A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição.....	28
3.1 Atividade 1: Lançar e estruturar o projeto “Histórias da história, na Idade Média”.....	29
3.2. Atividade 2: Pesquisar e seleccionar informação.....	33
3.3. Atividade 3: Construir o livro e representar o planeamento em teia.....	40
3.4. Atividade 4: Organizar a apresentação do trabalho desenvolvido.....	45
3.5. Atividade 5: Apresentar e avaliar os resultados finais.....	45

3.6. Atividade 6: Preparação do Baú das “Histórias da História” e recolha da opinião dos alunos sobre o trabalho de projeto.....	49
4. Capítulo IV - Considerações finais.....	58
Bibliografia.....	65
Anexos.....	68
Anexo I – Notas de Campo.....	69
Anexo II- Grelhas de estruturação do projeto.....	89
Anexo III - Localização de informação selecionada.....	95
Anexo IV – Planeamento em teia (mapa mental).....	103
Anexo V – Ficha de consolidação de conhecimentos.....	111
Anexo VI – Produto final (livros).....	113
Anexo VII – Avaliação do trabalho de projeto (Questionários).....	143
Anexo VIII – Avaliação do trabalho de projeto (Conversa informal).....	151

Índice de figuras

Figura 1 - Registo das questões de partida.....	29
Figura 2 - Preenchimento da grelha de estruturação do projeto.....	31
Figura 3 - Pesquisa de informação (biblioteca).....	34
Figura 4 - Ilustração e recorte das pesquisas realizadas.....	36
Figura 5 - Dobragem do livro.....	36
Figura 6 - Pesquisa e seleção de informação	37
Figura 7 -Construção/Ilustração da capa e contracapa do livro.....	38
Figura 8 - Continuação da construção do livro.....	40
Figura 9 - Registo de informação.....	42
Figura 10 - Planeamento em teia (Mapa mental).....	43
Figura 11 - Apresentação do produto final.....	46
Figura 12 - Apresentação do produto final.....	47
Figura 13 - Identificação e ilustração do baú.....	49

INTRODUÇÃO

Este relatório final insere-se no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada (PES), prática essa que proporciona aos formandos “uma experiência reflectida e reconstruída a partir dessa reflexão”. (Vasconcelos, p.33)

Nesta minha experiência pretendi desenvolver uma prática de ação investigativa que pudesse ser significativa e contextualizada, tanto para mim como para os alunos envolvidos, de modo a não interferir nas rotinas organizativas do grupo. Esta ação tinha como objetivos a prática de ensino supervisionada e, simultaneamente, a recolha de dados no sentido de obter resposta para a questão problema que serviu de ponto de partida para a elaboração do relatório final.

A escolha do tema está relacionada com as memórias da minha infância em que o estudo da História era feito com recurso a metodologias mais tradicionais, tais como aulas expositivas, apontamentos, fichas de avaliação, leitura de livros didáticos, entre outras. Desta forma, para mim, aprender História significou, essencialmente, decorar informações, datas, fatos ou nomes de personagens, tornando-se desinteressante e, por consequência, pouco significativo e pouco construtivo. Por essa razão, senti curiosidade em saber se o ensino da História poderia ser interessante para os alunos, logo no primeiro Ciclo, e como é que isso poderia acontecer.

Terminada a parte curricular do Curso de Educação Básica, manifestei interesse em fazer o meu trabalho de investigação sobre o ensino da História no 1º Ciclo e foi-me dada oportunidade de desenvolver a componente prática numa instituição onde a História está inserida no projeto curricular, uma vez que tal não acontece na maioria das escolas.

Ao chegar à instituição, como observadora participante, verifiquei que os alunos gostavam muito de aprender história, eram muito participativos nas aulas e mantinham-se interessados, pois a professora é uma entusiasta do ensino da História e consegue transmitir aos alunos esse mesmo entusiasmo, mantendo-os motivados. Observando este interesse por parte dos alunos e da professora e tratando-se da área que me interessava explorar, entendi que estavam reunidas as condições para iniciar um novo desafio. Propus então à professora cooperante que me permitisse

implementar um projeto, no âmbito do estudo da História, de modo a dar continuidade ao que os alunos estavam a aprender, mas envolvendo-os mais diretamente no processo de ensino/aprendizagem.

Com o consentimento e colaboração da professora cooperante e tendo em conta que todos os projetos têm como ponto de partida interesses/ questões colocadas por um ou mais alunos, com vista a proporcionar a descoberta e incentivar o interesse pela pesquisa e busca do conhecimento, dei início ao processo de implementação do trabalho de projeto questionando os alunos (após uma aula dada pela professora), sobre o que ainda gostariam de aprender acerca do tema que estavam a trabalhar (Idade Média).

As questões colocadas pelos alunos deram origem à formação dos grupos, de acordo com os interesses manifestados individualmente e iniciou-se um trabalho de pesquisa que envolveu, também, a colaboração das famílias.

O processo desenvolveu-se, assim, dentro e fora da sala de aula (em casa e na biblioteca escolar) e os alunos tiveram oportunidade de realizar trabalho individual, trabalho em grupo ou trabalho em grande grupo/turma.

Terminado o trabalho, foi feita a avaliação do mesmo através da apresentação do resultado ao grupo/turma (contando também com a presença de outro grupo de 3º ano com quem estabelecem parceria no domínio do estudo da História), da realização de uma Ficha Formativa, da resposta a um questionário individual e conversa informal a cada um dos grupos. Esta avaliação constitui, por sua vez, a base de reflexão que deu origem à elaboração deste relatório.

A estrutura deste relatório está organizada em quatro capítulos que complementam a observação e investigação desenvolvida.

Assim, o capítulo I contém o enquadramento teórico que visa estabelecer o confronto com a realidade observada, apresentando a visão de vários autores acerca da importância da

aprendizagem da História e sua integração no currículo do 1º CEB, bem como da importância da metodologia de trabalho de projeto na dinamização das aprendizagens.

O capítulo II faz a apresentação do local de estágio, com referência à sua visão educativa expressa no projeto educativo da instituição, à organização e às práticas correntes, observadas, relativamente ao problema escolhido/abordado.

O capítulo III ostenta o relato, contextualização e análise das atividades desenvolvidas, que integram o objeto de estudo, bem como as inferências resultantes das notas de campo recolhidas.

Por último, o capítulo IV apresenta as considerações finais sobre a problemática em estudo, através da análise crítica da experiência vivida neste período de prática de ensino supervisionada.

CAPÍTULO I – Enquadramento teórico - metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

1.1 Fundamentação do objeto

Este trabalho de investigação qualitativa teve origem na formulação da questão problema a abordar, com vista a encontrar resposta para algumas questões que com ela se relacionam. Assim, sendo a questão problema - Metodologia de Projeto no Ensino/Aprendizagem da História no 1º CEB - as questões colocadas e para as quais se procurou encontrar resposta são:

- Será que o trabalho de projeto constitui um estímulo que conduz a criança a ser parte integrante e recetor ativo no processo de ensino/aprendizagem?
- Como é que o trabalho de projeto consegue levar o grupo de crianças a procurar saberes diversificados para além dos estipulados no programa?
- Como pode o professor, através do estudo da História, integrar saberes interdisciplinares que ajudem a criança a compreender a evolução da humanidade até aos nossos dias?

1.2. A metodologia de trabalho de projeto como estratégia de aprendizagem

A metodologia de projeto pode ser utilizada pelo professor/educador como metodologia de aprendizagem, de forma sistemática, observável sobretudo em Jardins de Infância, ou como estratégia de aprendizagem de alguns conteúdos do currículo, como normalmente acontece nos ciclos seguintes.

Neste caso, embora a professora cooperante não utilize a metodologia de projeto como modelo pedagógico, foi bastante recetiva e concordante com a minha proposta de desenvolver um trabalho de projeto como estratégia de aprendizagem da História e deu todo o apoio para que fossem criadas as condições necessárias à implementação do mesmo. Como a professora estava a trabalhar, com os seus alunos, a História da Idade Média, propus aos mesmos que realizássemos um trabalho de projeto sobre a referida época, convidando-os a colocar algumas questões sobre o

tema para as quais ainda não tivessem resposta e gostassem de encontrá-la. Os alunos gostaram do desafio e surgiu assim o Projeto “Histórias da História na Idade Média.”

1.2.1 Evolução histórica

A aplicação da metodologia de Trabalho de Projeto vê o seu caminho aberto com o aparecimento do movimento da Escola Nova, que surgiu nos finais do séc. XIX, por oposição ao modelo da escola tradicional, baseada na transmissão de conhecimentos em que os conteúdos eram transmitidos de forma descontextualizada e sem significado para os alunos.

Este movimento, nascido na Europa, teve como principal fundador e defensor o professor suíço Adolphe Ferrière (1879 a 1960). “Em 1920 publica-se o livro-manifesto da Educação Nova, Transformemos a Escola”, de sua autoria. (Nóvoa, s.d, p.4)

Como importantes percursores deste movimento salientam-se ainda outros nomes importantes, tais como: Édouard Claparède, John Dewey, Maria Montessori, Jean-Ovide Decroly, (Trindade R., 2012, p. 30), entre outros.

"Apesar de reconhecer que nem todos os pedagogos relacionados com “O Movimento da Educação Nova” demonstraram possuir uma consciência tão clara da articulação entre as suas propostas educativas e a perspectiva crítica que desenvolveram relativamente à educação tradicional, isso não significa que essa articulação não fosse, pelo menos intuída ou pressentida. (Idem, p. 29)

O autor supracitado refere, ainda, que o alargamento do universo de reflexão a outros pedagogos e autores, para além daqueles que estão reconhecidamente implicados no “Movimento da Educação Nova”, não minoriza a importância deste movimento mas reconhece “que o campo das pedagogias de aprendizagem o transcende, apesar da influência matricial que sobre ele exerce.” No entanto, o autor acha importante reconhecer “que se há um paradigma do aprender, distinto do paradigma do instruir”, ele foi inaugurado pelo referido movimento. (idem, pp.82-83)

Segundo Nóvoa (s.d.), “entre 1870 e 1920 assiste-se a um avanço, sem precedentes no desenvolvimento de ideias pedagógicas, que mobilizam os mais variados conhecimentos (psicológicos, sociológicos, médicos, filosóficos, etc.) no estudo da criança e na produção de uma

ciência da educação.” O autor resume as teses da Educação Nova a quatro princípios fundamentais: “educação integral, autonomia dos educandos, métodos activos e diferenciação pedagógica” aos quais acrescenta “a referência de Edouard Claparède à revolução copernicana que coloca a criança no centro, procurando assegurar uma educação à sua medida.” (p.4)

No documento elaborado pela equipa coordenada por Teresa Vasconcelos (Portugal, 2011) pode ler-se que o desenvolvimento do “Método de Projectos” no primeiro ciclo foi iniciado por Kilpatrick (discípulo de Dewey), em 1918, nos Estados Unidos, ligado ao Movimento da Progressive Education que aí correspondeu ao Movimento da Educação Nova na Europa e tem já uma longa tradição pedagógica em Portugal, onde foi introduzido, pela primeira vez, pela grande pedagoga Irene Lisboa, em 1943. (p.9)

A partir dos anos 60 destaca-se Sérgio Niza (1996) que “descreve amplamente os “projectos” como fazendo parte intrínseca do modelo pedagógico do MEM, reportando a sua concepção a uma perspectiva sócio-cultural do desenvolvimento (Vygotsky).” (Idem, p.10)

Segundo apontamentos que recolhi ao longo da licenciatura, Vygotsky realçou as influências socioculturais no desenvolvimento cognitivo da criança, considerando que:

- O desenvolvimento não pode ser separado do contexto social;
- A cultura afeta a forma como pensamos e o que pensamos;
- Cada cultura tem o seu próprio impacto;
- O conhecimento depende da experiência social;
- A criança desenvolve representações do mundo através da cultura e da linguagem,
- Os adultos têm um importante papel no desenvolvimento porque orientam e ensinam.

Na sua teoria de desenvolvimento cognitivo Vygotsky defende a existência de uma Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) na qual se situa a ação dos mediadores da aprendizagem (os professores, os pares, a família, entre outros). Assim, a ZDP representa o intervalo entre o

desenvolvimento real da criança (o que ela é capaz de fazer sozinha) e o desenvolvimento potencial (o que ela é capaz de fazer mediada pelo outro).

Também Piaget (1976), citado por Weikart e Hohmann (1995) defende a ação do educador como um agente que deve “despertar a curiosidade da criança e estimular-lhe o espírito de investigação. Isto é conseguido através do encorajamento da criança para que coloque os seus próprios problemas...” (p.32).

Segundo Gesell (1977), aos oito anos, “Na escola, a criança já alcançou um bom quinhão de liberdade. Já não é tão dependente da professora como dantes era.” (p. 179) Nesta idade, a professora “Figura mais como um potentado benévolo e moderador.” (Idem). Depreende-se destas afirmações que a criança já está preparada para desenvolver trabalho de projeto, ou seja, trabalho colaborativo.

Refere o documento elaborado pela equipa coordenada por Teresa Vasconcelos (Portugal, 2011) que na década de 70, mais concretamente em 1975, o GEB (Gabinete de Estudos e planeamento, Ministério da Educação) promoveu um Curso de Formação de formadores, que contou com a participação de docentes da Universidade de Estocolmo e pedagogos portugueses, entre os quais se destacam Luiza Cortesão, Maria de Jesus Lima, Manuela Malpique e Milice Ribeiro (pp. 9-10), sendo que as duas últimas se vêm a destacar, anos mais tarde, na década de 80, através de algumas publicações sobre trabalho de projeto.

Mais tarde, “no início dos anos 90 começou também a ser divulgado o trabalho que as escolas de Reggio Emília (Itália) faziam no âmbito desta metodologia de trabalho, com uma forte atenção às artes, consideradas as cem linguagens da criança.” (Idem)

Em 1997 a Fundação Calouste Gulbenkian publica a tradução para português do conhecido livro de Lilian Katz e Sylvia Chard (1987) intitulado “A abordagem de projeto na Educação de Infância. (Idem)

Em 1997, Teresa Vasconcelos “descreve a metodologia de trabalho de projecto como um possível instrumento de suporte à implementação das Orientações Curriculares para a Educação Pré - Escolar.” (Idem)

Já em 2009, a Fundação Calouste Gulbenkian publica “uma nova edição (revista e aumentada) do livro de Katz e Chard.” (Idem)

No Primeiro Ciclo do Ensino Básico, “as áreas não disciplinares (Área de Projeto, Estudo Acompanhado e Educação para a Cidadania) são eliminadas ao mesmo tempo que se introduz Apoio ao Estudo (Diário da República, 2.^a série — N.º 133 — 12 de julho de 2013). No entanto, a estrutura do programa mantém-se aberta e flexível, permitindo que seja alterada a lógica pela qual são apresentados os conteúdos, de modo a atender à diversidade de pontos de partida e ritmos de aprendizagem dos alunos, aos seus interesses, necessidades e às características do meio local. Esta flexibilidade permite igualmente ao professor utilizar as metodologias mais adequadas ao grupo de alunos, tendo em conta as suas características, podendo utilizar as metodologias e estratégias que melhor se adaptem a essas características.

1.2.2. Caraterização do trabalho de projeto

As autoras Leite, Malpique e Santos (1991) definem o trabalho de projeto como “Uma metodologia que resulta da necessidade de articular, de forma coerente e sistemática, um projecto que incorpora a intervenção de um grupo de indivíduos com diferentes formações, diferentes experiências, aptidões, saberes, alimento para o trabalho inter/transdisciplinar.” (p. 75) - (Anexo I- Nota de campo nº 4, 24/02/2015)

As mesmas autoras consideram que a metodologia de projeto se integra nas novas perspetivas que se abrem aos educadores, constituindo “ mais uma tentativa para atravessar o fosso que tem separado os teóricos e os práticos na investigação em educação” afirmando que este tipo de trabalho constitui “uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação

de todos os participantes, envolvendo trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder aos problemas encontrados” (Idem, pp. 82 e 140).

Segundo o documento coordenado por Teresa Vasconcelos (Portugal, 2011), o trabalho de projeto pode ser considerado “uma abordagem pedagógica centrada em problemas.” (p.10)

Citados no mesmo documento, Formosinho e Oliveira-Formosinho (2009) afirmam que as pedagogias de trabalho de projeto “produzem a ruptura com uma pedagogia tradicional transmissiva para promover outra visão do processo ensino-aprendizagem e do(s) ofício(s) de aluno e professor.” (Idem, p.7) e concretizam-se através da “criação de espaços e tempos pedagógicos onde a ética das relações e interações permite desenvolver actividades e projectos que valorizam a experiência, os saberes e as culturas das crianças em diálogo com os saberes e as culturas dos adultos.” Estes autores consideram que o papel do aluno “é questionar, participar na planificação das actividades e projectos, investigar, cooperar”, enquanto ao professor cabe “organizar o ambiente, escutar e observar para planificar, documentar, avaliar, formular perguntas e estender os interesses e conhecimentos da criança e do grupo em direcção à cultura.” (idem, p.8)

Segundo as autoras Katz e Chard (1997) o trabalho de projeto “é um estudo em profundidade de um determinado tópico que uma ou mais crianças levam a cabo” (p.3). As mesmas autoras defendem que “quando o currículo inclui tanto a instrução sistemática como o trabalho de projecto, a responsabilidade de aprender é partilhada tanto pelo professor como pelas crianças.” (p. 31)

1.2.3. Fases de desenvolvimento do Trabalho de Projeto

Na já referida publicação, coordenada por Teresa Vasconcelos (Portugal, 2011) encontram-se definidas as quatro fases que, segundo a autora (1998), constituem um trabalho de projeto e que a seguir apresentamos.

Fase I – Definição do problema

Segundo Munari (1982), citado por Vasconcelos (1998:139) “Todo o problema implica um certo saber ou não saber, ou seja, antever se terá ou não solução e, para isso é preciso experiência.” (Portugal, 2011, p.14). Esta experiência resulta, segundo Leite, Malpique e Santos (1991) das “diferentes formações, diferentes experiências, aptidões, saberes ...” (p.75) de todos os participantes.

Segundo o mesmo documento (Portugal, 2011, p.14), nesta fase, com apoio do adulto, o aluno realiza os seguintes procedimentos:

- Formulação do problema ou questões a investigar;
- Definição de dificuldades a resolver e do assunto a estudar;
- Partilha de saberes já adquiridos sobre o assunto;
- Conversa em grande e pequeno grupo;
- Construção de desenhos, esquemas e textos.

Citando Helms (2010), o mesmo documento refere que, “parte-se de um “conhecimento base” sobre o assunto: “o que sabemos”. Pode fazer-se uma “teia inicial” com as crianças e o educador faz também a sua própria teia (ou contribui para a teia das crianças, ampliando-a)”. (p.14)

Fase II - Planificação e desenvolvimento do trabalho

Nesta fase, os mesmos autores (Portugal, 2011) salientam que deve partir-se de um “diagnóstico da realidade educativa e das necessidades e potencialidades do grupo de crianças – diagnóstico esse que não é estático, antes é dinâmico porque se vai reformulando mercê das novas informações que estão sistematicamente a ser recebidas.” (p.15)

Segue-se a elaboração da planificação que, segundo as autoras, deverá ir ao encontro da raiz da palavra planear, apontando “para a flexibilidade e multiplicidade de possibilidades e não para a unidireccionalidade de uma planificação tradicional e linear.” (Idem)

Esta fase contempla ainda os seguintes procedimentos:

- Elaboração de “mapas conceptuais, teias ou redes como linhas de pesquisa”, onde se define “o que se vai fazer, por onde se começa, como se vai fazer”;
- Divisão das tarefas: “quem faz o quê?”
- Organização e gestão do tempo: “os dias, as semanas”;
- Inventariação dos recursos: “quem pode ajudar?”
- Realização de questionários “com” e “à medida” das crianças.” (Idem)

Fase III – Execução

Nesta fase, segundo os mesmos autores, as crianças:

- Pesquisam, "através de experiências directas, preparando aquilo que desejam saber;
- “Organizam, seleccionam e registam a informação”: desenhos, fotografias, textos, construções, gráficos, sínteses e outros documentos de suporte da informação recolhida;
- “Aprofundam a informação obtida, discutindo, representando e contrastando com as ideias iniciais: “o que sabíamos antes”; “o que sabemos agora”; “o que não era verdade”.
- Reformulam/reconstróem “as teias iniciais” que “podem ser reconstruídas em diferentes momentos do processo ... para relançar e planificar o que vem a seguir. Surgem grandes mapas, gráficos, quadros, que são afixados nas paredes da sala.

Ainda nesta fase, Vasconcelos (2009), citando Rinaldi (2005) alerta para a importância da promoção de “uma análise crítica e rigorosa dos espaços, do equipamento e dos materiais que introduzimos, tornando-se a sala de actividades e o próprio jardim de infância num “grande laboratório de pesquisa e reflexão.” (Idem, p.16)

Fase IV - Divulgação/ Avaliação

Segundo o mesmo documento (Portugal, 2011), nesta última fase é o tempo de promover:

- A apresentação do produto final “socialização do saber, tornando-o útil aos outros: a sala ao lado, o jardim de infância no seu conjunto, a escola do 1º ciclo, o agrupamento, as famílias, a comunidade envolvente...”

- A avaliação do trabalho: “a intervenção dos vários elementos do grupo, o grau de entre-ajuda, a qualidade da pesquisa e das tarefas realizadas, a informação recolhida, as competências adquiridas.”
- A formulação de “novas hipóteses de trabalho” que poderão, eventualmente, dar origem a “novos projectos e ideias que serão posteriormente explorados”.
- Elaboração de “narrativas de aprendizagens (individuais e colectivas)” e organização dos “processos individuais das crianças (ou portefólios) que deverão ser “ilustrados com trabalhos realizados e que contenham alguma informação sobre o desempenho e a evolução da criança ou o seu contributo específico para o projecto.” (p.17)

Segundo as autoras Katz e Chard (1997), “Cultivar a predisposição das crianças para avaliar e reflectir sobre as suas próprias contribuições para um projecto e para serem responsáveis por elas próprias é uma característica importante da abordagem de projecto. (p.31)

Os autores da já referida publicação (Portugal, 2011) alertam para o fato de que “as fases anteriormente referidas não são apenas sequenciais no tempo, num desenvolvimento linear. Entrecruzam-se, reelaboram-se de forma sistémica, numa espécie de espiral geradora de conhecimento, dinamismo e descoberta.” Acrescentam, ainda, que “pode coexistir mais do que um projecto na sala de actividades, desde que não se perca a unidade e faseamento de cada um deles...” (Idem)

1.2.4 Potencialidades do trabalho de projeto para o processo de ensino-aprendizagem

Pode dizer-se que o trabalho de projeto contribui para a formação integral do aluno, numa perspectiva de formação ao longo da vida e para a vida, pois ajuda a formar cidadãos reflexivos, críticos e interventivos.

Para salientar a relevância deste tipo de trabalho no processo de ensino-aprendizagem, os autores do documento já mencionado anteriormente (Portugal, 2011, p. 18) referem que “Katz e Chard (1989) consideram que o trabalho de projecto ajuda a criança a desenvolver hábitos da

mente que serão duradouros: a capacidade de imaginar, de prever, de explicar, de pesquisar, de inquirir” (Anexo I – Nota de campo nº 7, 05/03/2015) e que “o trabalho de projecto pretende cultivar e desenvolver a vida inteligente da criança, activando saberes, competências, a sensibilidade estética, emocional, moral e social” (Idem). Consideram os referidos autores que “A criança é assim encarada como um ser competente e capaz, um/a pequeno/a investigador/a que quer descobrir o mundo, que sabe que pode e deve resolver problemas.” (Idem).

1.3. O conhecimento histórico

A história é uma ciência humana e, como tal, tem um papel importante no domínio da construção do conhecimento do indivíduo como ser social, pois “é através dela que o aluno constrói uma visão global e organizada de uma sociedade complexa, global e em permanente mudança.” (Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais 2007, p. 87), pois ao longo da história os fatos observados e estudados podem ajudar a refletir a evolução humana contribuindo para uma melhor compreensão do presente.

Segundo Fontana (1992), citado por Félix e Roldão (1996), “De entre todas as ciências sociais, a História tem o privilégio de ser a que maiores serviços pode render, porque é a mais próxima à vida quotidiana e a única que abarca o humano na sua totalidade” (p. 18). Segundo as mesmas autoras “ Estuda-se História para compreender o mundo em que vivemos e para poder actuar nele com espírito crítico e não simplesmente para recordar factos heróicos ou personagens de antigamente.” (Idem).

Segundo Chaffer e Taylor (1984) “ A educação é uma preparação e por isso defende-se sempre a ideia de que a história na escola é uma introdução.” Afirmam ainda os autores que “Os teóricos e os professores concordam, geralmente, que deveria procurar ser uma «introdução» (iniciação) ao pensamento histórico.” (p. 31)

Segundo Collingwood (2001), a história serve “para o autoconhecimento humano” que o autor define da seguinte forma:

“Conhecer-se a si mesmo significa saber o que se pode fazer. E como ninguém sabe o que pode fazer antes de tentar, a única indicação para aquilo que o homem pode fazer é aquilo que já fez. O valor da história está então em ensinar-nos o que o homem tem feito e, deste modo, o que o homem é.” (p. 20)

Félix e Roldão (1996) comparam a importância da História para a comunidade com a importância da memória para o indivíduo. Assim, “A História permite à sociedade pôr-se em relação com o próprio passado, com outras sociedades e de construir por isso o sentido da própria sociedade”. Consideram as autoras que “A História ajuda a compreender quem somos e onde somos.” Desta forma permite a construção de um horizonte temporal “no qual o nosso presente se torna inteligível através daquilo que deixámos para trás”, em vez de nos sentirmos à deriva num tempo sem fim e sem referências. (p. 29). Segundo os especialistas do conselho da Europa, citados pelas mesmas autoras, a História ...

“é uma disciplina única que desenvolve o espírito e a imaginação e comunica um conjunto preciso de conhecimentos, permitindo aos alunos compreender distintos pontos de vista. A história ajuda os alunos a apreciar as causas, os efeitos, as mudanças, os desenvolvimentos.” (Idem, p.55)

Na perspectiva de Bloch (s.d.), o estudo da história permite a compreensão do presente através do conhecimento do passado e vice-versa. O autor considera ser “tal a força de solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos.” (p. 42)

Tendo em conta os pontos de vista dos vários autores supracitados, pode concluir-se que o conhecimento dos processos de transformação, no tempo, das formas de organização social, económica e cultural de uma comunidade constituem uma ferramenta para compreender melhor o passado e ter domínio sobre o próprio presente.

1.3.1. O Ensino da História no 1º Ciclo do Ensino Básico

No que diz respeito à necessidade da presença da História nos currículos escolares, como disciplina, segundo Hirst., citado por Chaffer e Taylor (1984) uma “cadeira” só terá justificação

num currículo se apresentar uma forma específica de conhecimento: “uma maneira distinta de a nossa experiência se estruturar, utilizando símbolos publicamente reconhecidos.” (p. 25)

Na visão de Citron (1990), “as outras disciplinas dos programas escolares, tanto como a história em sentido tradicional, encerradas nos seus corredores lineares, não apreendem a complexidade do mundo real.” Segundo a autora, o “repensar a cultura escolar nos quadros intelectuais do presente” implica percorrer um caminho “em busca das memórias perdidas, esquecidas, devido ao triunfalismo da história” Esse caminho permite “reencontrar durante o trajecto a multiplicidade viva das crianças e dos jovens” bem como “formular para a Educação Pública uma nova problemática: substituir ao sistema das disciplinas compartimentadas a prioridade do Sujeito a formar.” (p. 23)

Tendo em conta os autores acima mencionados, podemos então considerar que a presença da História no currículo escolar não tem que se apresentar sob a forma de disciplina autónoma.

Quanto à importância da sua presença no currículo, segundo as autoras Félix e Roldão (1996), reportando-se a Egan (1994), “verifica-se uma tendência para considerar que a História deve estar presente nos currículos desde os primeiros níveis de ensino ... (que no nosso sistema de ensino corresponderia ao 1º Ciclo)”, uma vez que, para os alunos destes níveis de ensino,

“a História será um espaço aberto à projecção do seu mundo interior em que o real (pessoas e situações) é caracterizado em oposições binárias (bons/maus, triste/contente), à identificação de referentes significativos, à construção progressiva de um sentido de memória e identidade”. (p. 39)

As mesmas autoras defendem que, na adolescência “o aluno procura cada vez mais, interpretar, organizar, estruturar, e são os conhecimentos adquiridos nas fases anteriores, de forma descritiva, factual e personalizada que constituem a matéria prima onde vai buscar o lastro para este desenvolvimento.” (Idem. p. 39) Na mesma obra, as autoras citam uma das recomendações feitas pelos especialistas do Conselho da Europa, numa reunião de trabalho (Strasburgo, 1994) sobre a dimensão formativa da História na promoção dos valores democráticos, para salientar que “Todos os alunos devem estudar História em todos os níveis da

sua educação escolar, porque ela tem um valor que não pode ser veiculado por nenhuma outra matéria” (Idem, p. 55)

No Primeiro Ciclo do Ensino Básico, podemos observar que o ensino da História não tem um currículo próprio. Assim, neste Ciclo, o estudo da História emana do currículo de Estudo do Meio, com base nos seus Princípios Orientadores que permitem encarar esta área disciplinar como uma área de cariz transdisciplinar, ou seja, “ que busca o sentido da vida através da relação entre os diversos saberes (ciências exatas, humanas e artes), coexistindo numa democracia cognitiva em que nenhum deles é mais importante do que o outro”. (Nascimento, V.F., s.d.)

No Programa de Estudo do Meio para o 1º Ciclo do Ensino Básico, os Princípios Orientadores contemplam os diferentes agentes da aprendizagem:

- A criança, com “um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia”
- A escola, a quem cabe “valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes,…”
- O professor, a quem “cabe a orientação de todo este processo, constituindo, também, ele próprio, mais uma fonte de informação,…”
- A comunidade, onde a criança é confrontada com “os problemas concretos” e a “pluralidade de opiniões” que lhe permitem adquirir “a noção da responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem, compreendendo, gradualmente, o seu papel de agentes dinâmicos nas transformações da realidade que os cerca.”

Além da abertura e flexibilidade expressa nos Princípios Orientadores do programa de Estudo do Meio (s.d.), que permitem ao professor “recriar o programa, de modo a atender aos diversificados pontos de partida e ritmos de aprendizagem dos alunos, aos seus interesses e necessidades e às características do meio local” (p.101) bem como “alterar a ordem dos conteúdos, associá-los a diferentes formas, variar o seu grau de aprofundamento ou mesmo

acrescentar outros” (p.102), também nos objetivos nele apresentados, é possível encontrar espaço para o ensino da história, nomeadamente:

1 - Estruturar o conhecimento de si próprio, desenvolvendo atitudes de auto-estima e de autoconfiança e valorizando a sua identidade e raízes.

5 - Desenvolver e estruturar noções de espaço e de tempo e identificar alguns elementos relativos à História e à Geografia de Portugal.

10 - Reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas, rejeitando qualquer tipo de discriminação. (Idem pp.103-104)

Apesar da abertura e flexibilidade que se observam no Programa de Estudo do Meio, para uma abordagem ao estudo da História, após uma análise detalhada do mesmo, tanto no que respeita aos princípios orientadores como aos objetivos gerais, as autoras Félix e Roldão (1996) apontam, nas suas conclusões, para a falta de “uma dimensão importante que é a de sensibilizar os alunos para a importância das pessoas como sujeitos activos da História e que nestes níveis mais elementares deveria passar pelo imaginário (com emoções, sentimentos, heróis) da memória colectiva.” (p. 79) As mesmas autoras apontam ainda para a necessidade de uma cuidadosa articulação entre os três ciclos de ensino, “de modo a que o que o aluno domina num ciclo seja considerado como pré requisito para o ciclo seguinte, tanto ao nível dos instrumentos de aprendizagem como dos conteúdos” (p. 80) e consideram, ainda, necessário que o programa de 1º Ciclo contemple a abordagem histórica, quer pela sua utilidade, quer pela sua dimensão formativa.

O Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (2007), no que se refere ao Estudo do Meio, salienta que

“o carácter globalizador desta área não pode prescindir dos contributos específicos das várias ciências que a integram (História Geografia e Ciências Físicas e Naturais, entre outras), tornando-se fulcral, por isso, a acção do professor na gestão do processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente na organização dos conteúdos a abordar” (p.76).

O mesmo documento refere, também, no capítulo relativo à História, que a “construção do pensamento histórico é progressiva e gradualmente contextualizada, em função das experiências vividas” e que o professor deve estimular o aluno “a construir o saber histórico através da expressão de «ideias históricas» na sua linguagem, desde os primeiros anos de escolaridade.” Apresenta, ainda, três princípios orientadores, resultantes da “pesquisa existente em cognição histórica” que deverão ser tidos em conta no processo de desenvolvimento e avaliação das aprendizagens dos alunos, dos quais destacamos o seguinte:

“Não existe uma progressão linear e invariante da aprendizagem: embora o pensamento histórico tenda a evoluir com a idade, há crianças de 7 anos que, em contextos específicos, manifestam um grau de elaboração mental semelhante às de 14 anos e vice-versa.” (idem p.78)

1.4. Opções metodológicas

A minha chegada e o meu envolvimento no contexto em estudo aconteceu na sequência da prática pedagógica assistida e já em função do tema previamente escolhido por mim (Metodologia de Projeto no ensino/aprendizagem da História no 1º CEB), por se tratar de uma área que suscita o meu interesse e curiosidade, principalmente o interesse em descobrir e explorar estratégias que permitam trabalhar os conteúdos de forma significativa para os alunos.

Este trabalho partiu da questão problema - Metodologia de Projeto no Ensino/Aprendizagem da História no 1º CEB - que conduziu à prática de uma investigação qualitativa como observadora participante que Uwe Flick (2005) caracteriza como “a correta escolha de métodos e teorias apropriadas; o reconhecimento e análise de diferentes perspetivas; a reflexão do investigador sobre a investigação, como parte do processo de produção do saber; a variedade dos métodos e perspetivas.” (p.4)

Após um período de observação (cerca de duas semanas) iniciei a minha ação como observadora participante dinamizando algumas atividades que me permitiram um melhor conhecimento e integração no contexto do grupo. Esta ação culminou com a dinamização de um

trabalho de projeto cujas atividades se encontram descritas no capítulo III. Desempenhando este papel, iniciei então um trabalho de investigação que assume características de uma investigação qualitativa.

Como a professora cooperante já trabalhava alguns conteúdos de História com os alunos, não foi difícil desafiar o grupo para desenvolver com eles o referido trabalho, pois tratava-se apenas de utilizar uma estratégia diferente para alcançar o mesmo objetivo (estudo da História) e que despertou o interesse e a curiosidade dos mesmos.

O trabalho de pesquisa no terreno, embora tenha ocorrido num curto período de tempo, pois não se verificou o pressuposto de “presença prolongada do investigador” (Costa, 2007, p.129) no contexto social em estudo, permitiu implementar uma estratégia de metodologia de trabalho de projeto.

Segundo o autor, o investigador no terreno “observa os locais, os objectos e os símbolos, observa as pessoas, actividades, os comportamentos, as interacções verbais, as maneiras de fazer, de estar e de dizer, observa as situações, os ritmos, os acontecimentos.” Esta ação permite realizar um registo diário e sistemático através de: “(a) observações e informações, (b) reflexões teóricas e metodológicas, (c) impressões e estados de espírito. (Idem, p. 132)

No caso específico do educador/investigador, a recolha de informação sobre a sua própria ação ou intervenção permite-lhe avaliar com mais distanciamento os efeitos da sua prática de modo a poder reformulá-la sempre que seja necessário. Segundo Bell (2008) os “investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles” enquanto os investigadores qualitativos “estão mais interessados em compreender as perceções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística. (...). Contudo, há momentos em que os investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas, e vice-versa.” (pp. 19-20).

A metodologia utilizada neste relatório apoiou-se na observação participante efetuada durante todo o período de prática de ensino supervisionada.

Para Clara Coutinho (2008), a observação direta participante, define-se como “uma estratégia muito utilizada pelos professores/investigadores, que consiste na técnica da observação directa e que se aplica nos casos em que o investigador está implicado na participação e pretende compreender determinado fenómeno em profundidade.” O produto da observação resultou em registos escritos, como por exemplo os registos das atividades desenvolvidas, enriquecidos com registos fotográficos.

Notas de campo, resultantes da observação e retiradas ao longo do processo de investigação. Segundo a mesma autora (Idem) “ As notas de campo, aplicam-se nos casos em que o professor pretende estudar as práticas educativas no seu contexto sociocultural e caracterizam-se pela sua flexibilidade e abertura ao imprevisto.” As notas de campo apresentam o relato de algumas situações do quotidiano que permitem responder, de forma fundamentada, às questões colocadas inicialmente.

O trabalho de projeto terminou com uma avaliação final, a partir da aplicação de uma ficha de consolidação de conhecimentos, um pequeno questionário, com três itens, compostos por questões fechadas e abertas e uma entrevista em moldes de conversa, com cada grupo de alunos (instrumento criado por mim, com quatro itens, desdobrados em várias questões).

Os três itens apresentados no questionário são compostos por:

- Uma questão de escolha múltipla, apresentada em forma de tabela em que os alunos avaliam, numa escala de Insuficiente, Suficiente, Bom ou Muito Bom, o material utilizado para recolha de informação, a colaboração do adulto, a colaboração dos colegas do grupo e o resultado alcançado.

- Duas questões abertas: Gostaste de realizar este trabalho? Porquê? O que gostaste mais de fazer?

A entrevista em moldes de conversa informal surgiu para complementar a avaliação feita pelos alunos, baseada nos quatro tópicos apresentados na questão de escolha múltipla (material

utilizado para recolha de informação, colaboração do adulto, colaboração dos colegas do grupo e resultado alcançado) que foram desdobrados em várias questões relacionadas com os mesmos.

A aplicação das referidas técnicas e instrumentos permitiu-me recolher dados para analisar e compreender melhor como é que os alunos se envolveram nas atividades, como refletiram e avaliaram o processo e o produto final do trabalho desenvolvido e, ainda, como aplicaram conhecimentos adquiridos.

CAPÍTULO II - Caracterização do contexto institucional

2.1 A instituição

Trata-se de uma instituição de ensino privado, situada em meio urbano, num bairro antigo da cidade de Lisboa.

É uma escola que oferece a valência de 1º Ciclo do Ensino Básico cuja população escolar pertence a um grupo de classe média alta.

Funciona num edifício antigo, com cave, rés-do-chão e três andares. Na cave situa-se uma pequena capela, um pequeno ginásio e o acesso ao pátio exterior; no rés-do-chão situam-se a cozinha, o refeitório e uma sala polivalente; no primeiro andar situam-se duas salas de aula e a sala de recursos informáticos; no segundo andar situam-se duas salas de aula e a sala dos professores, onde também funcionam os serviços administrativos; no terceiro andar situam-se duas salas de aula, uma biblioteca e uma pequena sala onde funcionam os serviços de psicologia. Todos os andares possuem casas de banho para alunos e professores, à exceção do terceiro andar em que as mesmas se destinam apenas aos alunos.

A população escolar abrange cerca de 103 alunos, distribuídos por 6 turmas, sendo duas de 1º ano, uma de 2º, duas de 3º e uma de 4º.

Por opção da escola as turmas são pouco numerosas (não ultrapassando os 21 alunos). É uma opção de carácter pedagógico que visa evitar a sobrelotação dos espaços e facilitar o processo de ensino/aprendizagem.

Além das atividades curriculares a escola inclui a oferta de atividades extra curriculares de Inglês; Música, Atividade Física e Desportiva e Educação Moral e Religiosa Católica.

No que respeita à visão educativa, segundo o programa curricular da instituição, esta considera que a escola deve promover a Educação renovando-a e dando-lhe sentido; que a educação, neste século XXI, é a grande oportunidade, um precioso tesouro e um tempo de esperança por excelência para transformar o mundo em algo melhor; que cada criança é vista no seu todo em

função do seu destino último; que cada pessoa encerra um potencial de talentos a desenvolver e nada deve deter o seu pleno e adequado desenvolvimento; que a função da Escola é criar a oportunidade, o direito e o dever que cada um tem, de conhecer o mundo, para o transformar.

A instituição propõe um projeto educativo que considera emergente e que implica não só estar atento às tendências atuais mas sobretudo saber escolher para desenvolver e subordinar essas tendências a princípios éticos. Esta atenção por parte da instituição e da professora cooperante permitiu-me desenvolver, durante o período de prática pedagógica supervisionada, um trabalho contextualizado, na medida em que o tópico abordado através do trabalho de projeto deu continuidade ao trabalho já iniciado pela professora (História da Idade Média). A mesma, por sua vez, concordou com a proposta de uma nova estratégia de abordagem que me permitiu envolver os alunos de uma forma mais ativa e participada, procurando respostas para as questões que eles próprios colocaram sobre o tema.

Citando a sua fundadora, a instituição reafirma que “todos fomos criados para ser deuses, não no sentido de sermos perfeitos ou virtuosos, mas no sentido de atingirmos o máximo do que somos capazes, de visarmos atingir a plenitude do nosso ser, na integridade, na generosidade, na capacidade de realização e no entusiasmo.” (1969)

Atualmente é possível verificar que a escola continua a reger-se por princípios católicos. Dispõe de uma pequena capela onde, à segunda-feira, antes de iniciar as atividades escolares, todos se reúnem para agradecer os bons momentos e interceder pelos que estão a atravessar momentos menos bons, através de uma pequena oração coletiva e da comunicação de iniciativas a realizar para ajudar os que mais precisam. É um momento de reflexão individual e coletiva que contribui para a formação integral das crianças.

O projeto curricular respeita os programas e metas de aprendizagem estabelecidas para o 1º CEB, adaptado às necessidades de cada grupo, cumprindo as diretrizes do Ministério da Educação.

Relativamente ao tema escolhido e abordado, “Metodologia de trabalho de projeto no ensino/aprendizagem da História no 1º Ciclo do Ensino Básico” pude observar o seguinte:

O ensino da História está contemplado no projeto curricular da instituição, a partir do 3º ano de escolaridade. Segundo o documento do Ministério da Educação que define as Metas Curriculares para a disciplina de Estudo do Meio no 1º CEB, o estudo da História enquadra-se no “Domínio: Conhecimento do Meio Natural e Social” e nos Subdomínios: “Utilização de Fontes de Informação” e “Compreensão Histórica Contextualizada” para os quais são definidas as seguintes metas finais:

- “Meta Final 13) O aluno interpreta fontes diversas e, com base nestas e em conhecimentos prévios, produz informação e inferências válidas e pertinentes sobre o passado pessoal e familiar, local, nacional e europeu.” (pp.4-7)

- Meta Final 14) O aluno sistematiza conhecimentos de si próprio, da sua família, comunidade, história local, nacional e europeia relativamente ao passado próximo e ao passado mais longínquo.

- Meta Final 15) O aluno reconhece e respeita identidades sociais e culturais à luz do passado próximo e longínquo, tendo em conta o contributo dos diversos patrimónios e culturas para a vida social, presente e futura.

- Meta Final 17) O aluno reconhece a diversidade na organização da vida em sociedade ao longo dos tempos e a sua relação com as condições naturais.”

No caso concreto da turma a que se aplicou este projeto, o ensino/aprendizagem da História é desenvolvido pelas professoras das duas turmas do 3º ano, através de uma parceria.

Assim, na disciplina de Estudo do Meio, os alunos e as professoras das duas turmas reúnem-se na sala polivalente e desenvolvem atividades em conjunto. O horário semanal destinado a essa disciplina é distribuído entre os conteúdos de História (que vão para lá dos conteúdos previstos no programa de Estudo do Meio), lecionados por uma das professoras (a professora cooperante que me acompanhou na prática pedagógica) e os conteúdos de Estudo do Meio que são

leccionados pela outra professora. As turmas só se separam nos dias em que realizam atividades de avaliação em suporte escrito (Fichas).

Esta articulação e partilha de saberes enquadra-se no espírito da metodologia do trabalho de projeto que as autoras Leite, Malpique e Santos (1991), já referidas no Capítulo I, definem como “Uma metodologia que resulta da necessidade de articular, de forma coerente e sistemática, um projecto que incorpora a intervenção de um grupo de indivíduos com diferentes formações, diferentes experiências, aptidões, saberes, alimento para o trabalho inter/transdisciplinar.” (p.75)

Ao trabalharem em parceria a disciplina de Estudo do Meio/História, cada uma das professoras está mais liberta para preparar as atividades que pretende desenvolver com os alunos. Esta parceria estende-se depois a todo o trabalho desenvolvido pelas mesmas, concretizando-se, por exemplo, na troca de opiniões, partilha de materiais, elaboração de instrumentos de avaliação, ... e estende-se, igualmente, aos alunos que se relacionam como se pertencessem a um só grupo/turma, festejando juntos os aniversários, partilhando brincadeiras de recreio, mostrando trabalhos que realizaram separadamente, entre outras coisas.

Segundo as autoras Katz e Chard (1997), um “objectivo relacionado com a abordagem de projecto é que adultos e crianças compreendam que a escola é vida. As experiências escolares das crianças são experiências da vida real e do dia-a-dia; não são um afastamento da vida que apenas recomeçaria fora da escola.” (p. 12) Desta forma podemos considerar que, embora as professoras anteriormente referidas não desenvolvam, habitualmente, trabalho de projeto no seu sentido mais amplo, agindo em colaboração elas estão a contribuir para o alcance do objetivo definido pelas autoras, na medida em que promovem a socialização das crianças e adultos.

A escola promove também a aproximação entre alunos de todas as idades através da dinâmica de ateliers, que se realizam todas as segundas-feiras, integrando, em cada grupo, crianças de todas as idades.

Destaca-se ainda a promoção da aproximação à vida real através da organização de saídas de alunos em pequenos grupos (formados por 4 alunos de 3º e 4º ano), que se movimentam nas

proximidades da escola, no intervalo do almoço (após terem almoçado), sem a supervisão do adulto, podendo fazer pequenas compras individuais (normalmente pequenas guloseimas). A organização dos grupos é da responsabilidade dos alunos e cada aluno só sai uma vez, de quinze em quinze dias.

Seguindo esta dinâmica de cooperação, durante o período da minha prática pedagógica supervisionada, os alunos da outra turma do 3º ano estiveram presentes em todas as aulas que presenciei, dadas pelas respetivas professoras. Estiveram igualmente presentes numa aula de Estudo do Meio, sobre as plantas, numa aula de História sobre a Idade Média, dadas por mim, e na apresentação do produto final do trabalho de projeto, feita pelos alunos. Além destas duas disciplinas, as professoras preparam em conjunto todas as outras aulas o que origina um notório espírito de colaboração e entreajuda, quer por parte das professoras quer entre as crianças.

A interpretação que faço deste trecho é que o educador é um adulto que tem como função primordial a instigação das crianças. E como é que o faz? Através: da organização do espaço; das observações e registo que faz de cada criança; das atividades que propõe; da mediação; da interpelação; entre muitas outras estratégias. Desta forma é alguém que deverá circular pela sala e prestar apoio às crianças sempre que solicitado e ou que achar conveniente.

2.2 O grupo de crianças envolvidas no Trabalho de Projeto

O trabalho de projeto incidiu apenas sobre um dos grupos de alunos do 3º ano, formado por 17 crianças.

Os alunos anuíram facilmente à proposta e envolveram-se nas atividades com muito empenho.

São alunos interessados e muito comunicativos, contudo revelam algum egocentrismo e impaciência no que se refere às intervenções, tendo dificuldade em aceitar as opiniões dos outros e aguardar pela sua vez.

De salientar que os comportamentos referidos no parágrafo anterior foram bastante atenuados durante a realização do trabalho de projeto, onde os alunos se revelaram muito mais pacientes

compreensivos e cooperantes. Segundo as autoras Katz e Chard (1997) “O trabalho de projecto cria muitas oportunidades para que floresça um sentido de cooperação.” (p. 13)

No relacionamento entre alunos não se verificam situações de conflito e/ou agressividade. São tolerantes, cordeais e afetuosas, resolvem os problemas com base no diálogo e recebem bem os elementos exteriores ao grupo.

No que diz respeito ao trabalho escolar, são um grupo bastante autónomo, tanto nas atividades curriculares como nas tarefas do quotidiano (pôr a mesa, arrumar os materiais, vestirem-se para Educação Física,...) e muito recetivos a novos desafios.

CAPÍTULO III – A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição

Neste ponto apresento a descrição de um trabalho de projeto desenvolvido com um grupo de crianças do terceiro ano de escolaridade, com o objetivo de recolher informação para a compreensão da problemática em análise, bem como recolher notas de campo que serão apresentadas em anexo.

O Projeto Pedagógico “ Histórias da História na Idade Média” concretiza-se através de diferentes atividades, dinamizadas em grande grupo, em pequeno grupo ou individualmente.

O mesmo foi posto em prática ao longo das últimas 5 semanas de estágio, de 3 de fevereiro a 6 de março de 2015 e constituiu, para as crianças, uma nova forma de trabalhar e aprender e, para mim, a oportunidade de aplicar a metodologia de projeto ao estudo do tema/problema de forma a recolher, interpretar e refletir os dados obtidos na elaboração do relatório final.

Após uma aula de História sobre a Idade Média, apresentada com base num Power Point construído por mim, perguntei aos alunos se gostariam de saber mais coisas sobre essa época da História. Como todos manifestaram interesse em saber mais, sugeri-lhes que formulassem algumas questões para as quais gostariam de encontrar resposta para, posteriormente, refletirmos sobre a melhor forma de encontrar as respostas para essas perguntas.

Esta proposta foi anteriormente acordada com a professora cooperante.

Tendo em conta o curto espaço de tempo destinado à implementação do trabalho de projeto, optei por prolongar o período de estágio, para conseguir aplicar e respeitar as diferentes Fases do mesmo e perceber, ao máximo, cada uma delas. No final senti, também, necessidade de elaborar um instrumento de avaliação um pouco mais completo, pois verifiquei, ao aplicar o primeiro questionário (apenas com 3 itens) que os alunos queriam dizer mais coisas sobre o trabalho e eu tinha interesse em perceber melhor se a opinião deles refletia as respostas às questões de partida.

Segue-se o relato e análise das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto, bem como a reflexão sobre cada uma delas no que respeita à sua relação com as diferentes fases que caracterizam o trabalho de projeto, conforme descrição apresentada no Capítulo I.

3.1. Atividade 1: Lançar e estruturar o projeto “Histórias da História, na Idade Média” - Dia 3 de fevereiro, das 9h15 às 10h30 (45 min.)

No dia anterior tinha recolhido junto dos alunos, algumas questões que eles tinham formulado sobre o que ainda não sabiam e gostariam de saber sobre a Idade Média. Alguns alunos não tinham questões formuladas e foram dizendo “Não sei. Tanto faz”, enquanto outros, por sua vez, tinham ideias bem delineadas acerca daquilo que gostariam de descobrir sobre essa época como, por exemplo, “Como eram conquistadas as terras? Como eram governadas? O povo só trabalhava ou também se divertia?...”, entre outras questões.

Durante o lançamento escrevi no quadro os pontos de interesse anteriormente recolhidos no diálogo com os alunos e coloquei à frente de cada tópico o nome correspondente a esse mesmo aluno (Figura 1).



Figura 1 - Registo das questões de partida

Informei que teríamos de formar seis grupos sendo que um deles seria composto por dois alunos e que os restantes teriam três elementos cada um. Informei, ainda, que os alunos que não tinham colocado nenhuma questão podiam inserir-se num dos grupos já formados, caso entendessem que a questão de partida era do seu interesse ou então poderiam dar outra sugestão. Estes foram observando as questões já colocadas e inseriram-se nos grupos que lhes suscitaram maior interesse.

Uma das alunas disse que gostaria muito de pertencer ao grupo dos divertimentos, mas que este já estava completo. Então outra aluna que tinha escolhido o tema não se importou de trocar e deu-lhe o seu lugar no grupo, passando para outro.

Faltava ainda um tema para fazer seis grupos. Sugerí-lhes que pensassem em mais alguma coisa do seu interesse, que gostassem de descobrir. Como os alunos não se manifestaram de imediato, a professora, que vibra com o conhecimento da história, quis participar no diálogo e perguntou se não achavam interessante saber mais sobre as profissões que se exerciam nessa época. Um dos alunos ficou logo interessado no tema e disse que não se importava de trocar com a colega que anteriormente tinha cedido o seu lugar nesse grupo. Formou-se então o grupo que faltava.

Após a escolha dos temas e formação dos grupos, os colegas repararam que faltavam dois elementos, que não estavam presentes. Expliquei-lhes que quando elas voltassem escolheriam um grupo que ainda não estivesse completo ou então poderiam trocar com alguém caso os alunos envolvidos chegassem a acordo.

Entretanto chamei à atenção uma aluna que estava a decidir onde ficaria uma das colegas quando voltasse, explicando-lhe que não era correto que fosse ela a decidir pela colega, mas que quando ela voltasse poderiam discutir isso as duas e ver se a amiga concordava com a sugestão.

A certa altura uma menina diz “C, que confusão!”

Perguntei-lhe onde é que ela estava a ver a confusão, uma vez que estava tudo bem organizado e escrito no quadro. Ela respondeu-me que a confusão era porque agora estavam todos a querer trocar de grupo. Respondi que não havia problema desde que fosse do acordo dos meninos que queriam trocar. Eles depressa se organizaram e não houve muitas trocas.

No tema “Como funcionava o clero?” surgiu, entretanto outra questão associada ao tema, ou seja, “Se não existiam escolas, onde é que ensinavam?”. Um dos alunos que se interessa muito por esta área começou logo a dar palpites dizendo que nessa época se aprendia latim e que houve

uma altura em que aprendiam na rua. A professora, que se encontrava perto do grupo, confirmou dizendo-lhe que isso era mais frequente na Grécia, na Idade Clássica, mas que na Idade Média também acontecia.

Entretanto, distribuí as grelhas de estruturação do projeto onde os grupos teriam que responder às questões: O que sabemos? O que queremos saber? Onde vamos procurar? (Figura 2) Expliquei como deveriam preencher cada um dos itens, que a folha de rascunho (a de grupo) era para depois me entregarem e que a grelha individual, que cada aluno iria copiar do rascunho, levariam para casa, para mostrarem aos encarregados de educação e se orientarem nas pesquisas (Anexo II).



Figura 2 - Preenchimento da grelha de estruturação do projeto

Enquanto escreviam as informações relativas ao seu tema na grelha, fui ouvindo e registando alguns comentários dos alunos entre si: (Anexo I - Nota de campo nº1, 03/02/2015)

- Aprendiam é com m?
- Sim! Com m é no passado, no futuro é com til.

Noutro grupo o dilema estava em conseguirem passar da folha de rascunho para as suas grelhas uma vez que lhes pedi para fazerem primeiro nessa folha de rascunho e só depois, quando discutissem e tivessem a certeza do que queriam pesquisar, passassem para as grelhas. Surgiu então uma situação de ditado, de aluno para aluno, e alguns comentários pelo meio:

- Pelos é uma palavra homónima! Povo é com maiúscula?
- Não! Só os nomes das cidades e dos reis.
- Fixar não é o mesmo que juntar.
- Fixar também pode ser pôr na cabeça.

Uma das alunas que pertencia ao grupo que ia tratar a questão “ Como se divertiam os diferentes grupos sociais, na Idade Média?” enquanto preenchia a sua grelha de estruturação, comentou:

- O povo é uma incógnita, um mistério!

Quando alguns grupos terminaram os seus registos sugeri-lhes que dividissem tarefas para que cada um pudesse procurar informação diferente, pois assim seria mais fácil e conseguiriam reunir mais informações. Os alunos concordaram e começaram a trocar ideias.

Um dos grupos quis saber quando é que se podiam reunir outra vez. Informei que poderiam fazê-lo nos intervalos, para trocarem algumas informações, que se precisassem de mim eu reuniria com eles e voltaríamos a reunir a turma quando todos os grupos tivessem informações suficientes ou quando a professora nos dispensasse alguns momentos.

Quando a aula terminou já todos os alunos tinham os registos organizados e tinham feito a distribuição das tarefas no que diz respeito à recolha de informação. Entregaram-me o rascunho e guardaram na mochila a grelha para mostrarem aos encarregados de educação e para se orientarem nas pesquisas.

Esta atividade insere-se na Fase I do trabalho de projeto (Definição do problema), pois foram efetuados os procedimentos previstos para esta fase, de acordo com o documento (Portugal, 2011, p. 14), já referido no Capítulo I, ou seja, com base no tema em estudo (Idade Média) os alunos “formularam as questões a investigar”, depois formaram os grupos em torno dessas questões, conforme os seus interesses (cognitivos ou afetivos), seguindo-se o levantamento e “partilha de saberes já adquiridos”, que deu lugar à elaboração de um “esquema” (grelha de estruturação), tudo isto baseado em “conversas de grande e pequeno grupo.”

Como afirma Helms (2010), igualmente referido no Capítulo I, citado em (Portugal, 2011, p. 14) “parte-se de um “conhecimento base” sobre o assunto: “o que sabemos”. Pode fazer-se uma

“teia inicial” com as crianças e o educador faz também a sua própria teia (ou contribui para a teia das crianças, ampliando-a).”

Verifica-se, no entanto, que nesta atividade se iniciam já alguns procedimentos que, segundo o mesmo documento (Portugal 2011) caracterizam a Fase II (Planificação e desenvolvimento do trabalho), sobretudo no que diz respeito ao planeamento, tais como a “divisão de tarefas” (Quem vai pesquisar o quê?), a organização e gestão do tempo (os alunos já querem saber quando voltarão a reunir-se), a “inventariação de recursos” (já registaram na grelha os recursos necessários e sabem que vão dar conhecimento e pedir a colaboração da família).

Tal como afirmam os autores do referido documento “as fases anteriormente referidas não são apenas sequenciais no tempo, num desenvolvimento linear. Entrecruzam-se, reelaboram-se de forma sistémica, numa espécie de espiral geradora de conhecimento, dinamismo e descoberta.” (p.17)

3.2. Atividade 2: Pesquisar e selecionar informação

- **Dia 06/02/2015** (entre as 11:30 e as 12:00)

- **Dia 11/02/2015** (das 14: 05 às 15:30)

No dia 6 de fevereiro, após realizarem a prova de História/Estudo do Meio, da parte da manhã, os alunos foram saindo, à medida que foram terminando o trabalho de avaliação e dirigiram-se à biblioteca sabendo que eu estava aí para orientar o trabalho de pesquisa.

Mesmo não estando presentes todos os elementos de cada grupo, os que estiveram foram-se organizando e começaram a pesquisar nos livros da biblioteca da escola e outros que requisitei noutras bibliotecas.

Fui alertando os alunos para a importância da consulta do índice do livro, antes de começarem a procurar as informações pretendidas, de modo a facilitarem essa procura (Figura 3).



Figura 3 - Pesquisa de informação (biblioteca)

À medida que outros alunos iam chegando já eram os colegas do grupo que, na maioria das vezes, davam orientações sobre o trabalho a realizar.

Enquanto os grupos se iam organizando e registrando as suas pesquisas fui observando as dinâmicas estabelecidas e registrando alguns comentários que considere relevantes nas três descrições seguintes: (Anexo I – Nota de campo nº 2, 06/02/2015)

Num grupo

- Não faz sentido porque foi o rei que morreu, não pode haver duas rainhas! (A aluna referia-se à esposa do rei e possibilidade de ser uma filha a suceder-lhe)

- Nas últimas dinastias há dois reis que só tiveram filhas raparigas por isso quando ele morreu teve de ser uma delas a substituí-lo.

Disse-lhes que eram exatamente essas dúvidas que a concretização deste trabalho nos iria esclarecer e cabia a esse grupo pesquisar informação sobre o assunto para, posteriormente, apresentarem aos outros colegas as suas descobertas.

Depois de algum tempo, a aluna que fez o primeiro comentário referiu:

- Já está! Só não sei se a irmã do rei pode ou não governar quando ele não tem filhos, mas vou pesquisar.

Noutro grupo

- Como é que os reis aprendiam?

- Esta a professora já ensinou. Naquela altura havia osaios que ensinavam os reis.

Rapidamente, um dos alunos foi buscar um livro que tinha trazido de casa, escrito por um membro da sua família (tia), e que falava de Egas Moniz, que era o aio de D. Afonso Henriques e outro aluno associou o tema ao filme do Star Wars dizendo:

- No star wars uma aia morreu para a princesa não morrer, ela fez-se passar por princesa.

- Também descobri alguns alimentos dessa época. Sei que havia massa porque vi no computador, na wikipédia.

Entre grupos

- Já estás a ver imensa coisa nesse livro não é? Pois, eu disse, esse é muito mais para o teu trabalho.

De seguida a menina acrescentou outra questão à sua grelha de estruturação, que encontrou nesse livro “ Porque usavam os reis e as rainhas coroas?”, e anotou nas suas folhas de registo a resposta à mesma. À medida que registava a informação perguntou-me o que era reluzente e distintivo. Em vez de lhe dar a resposta diretamente desafiei-a a ir pesquisar no dicionário.

A aluna, muito empenhada, aceitou a sugestão e continuou o seu trabalho acrescentando:

- Queria fazer mais uma pergunta para o meu trabalho mas estou sem ideias.

- Uma pergunta que não seja óbvia! – Comentou um colega de outro grupo.

- Sim, dá-me lá uma ideia para o meu tema. – Sugeriu a menina.

Os alunos acabaram por estar todos reunidos na biblioteca cerca de 25 minutos. Todos os grupos conseguiram organizar as suas pesquisas, tendo em conta as informações que já tinham recolhido individualmente.

Para evitar que os alunos que terminaram mais rápido se distraíssem ou perturbassem os colegas, propus-lhes que fossem ilustrando e recortando as pesquisas já feitas para depois construir o livro (Figura 4).

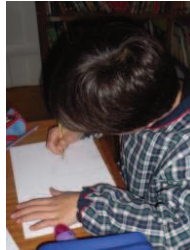


Figura 4 - Ilustração e recorte das pesquisas realizadas

No dia 11 de fevereiro teve lugar a segunda reunião com todos os alunos para dar continuidade ao projeto.

Nesse dia, como na parte da manhã (das 10:15 às 11:20) não ia haver tempo suficiente para dinamizar o tratamento de informações, em conversa com a professora, decidimos que eu poderia propor-lhes que fizessem a dobragem dos livros, visto já não ser a primeira vez que o faziam e por isso mesmo seria um processo rápido (Figura 5). Só depois, da parte da tarde (14:05 às 15:30h), é que decorreu o trabalho de pesquisa nos livros de história que lhes disponibilizei e alguns da biblioteca da escola.



Figura 5 - Dobragem do livro

Comecei por lhes pedir que reunissem os grupos de trabalho, distribuí os livros e uma folha pelos grupos, expliquei como deveriam consultar o índice e registar na folha a informação ou a página onde estava localizada para mais tarde poderem consultar (Anexo III). Expliquei-lhes

também que quando não precisassem mais do livro que estavam a consultar deveriam trocá-lo com outro grupo.

No decorrer da atividade de pesquisa fui passando por todos os grupos e pude registar algumas observações e comentários feitos por estes que achei pertinentes, tais como: (Anexo I – Nota de campo nº 3, 11/02/2015)

- A C. (eu) tirou daqui muitas imagens! - Referia-se às imagens que usei para construir o Power Point acerca da Idade Média, que usei como instrumento de apoio na atividade que propus no dia 30 de janeiro, atividade essa que tinha como objetivo consolidar e aplicar conhecimentos que os alunos já tinham trabalhado com a professora, sobre a Idade Média (Figura 6).



Figura 6 - Pesquisa e seleção de informação

Num dos grupos, um dos elementos tinha recolhido em casa muita informação, trazendo tudo muito bem organizado numa pastinha e quando lhe perguntei o que estavam a fazer respondeu-me:

- Estamos a sublinhar a informação mais importante porque trouxe informação a mais.

A aluna estava a sublinhar com marcador fluorescente. Mostrou-me também que à medida que iam encontrando palavras que desconheciam, iam ver ao dicionário o seu significado e registando junto da mesma, dentro de parênteses o significado retirado do dicionário. Um exemplo dessa recolha foi a palavra “possuía” que dentro de parênteses escreveu “tinha em seu poder”.

Um dos alunos do grupo cujo tema era “Que profissões existiam na Idade Média?” já sabia que uma das profissões daquela época eram os tecelões mas não tinha conseguido encontrar na Internet informações relativas a essa profissão. No entanto, lembraram-se que na prova de

português, realizada na semana anterior, o texto que apareceu foi um excerto de um dos contos de Guerra Junqueiro, “O fato novo do sultão” cuja história tinha sido trabalhada recentemente numa aula e que não só fazia referência a essa arte como tinha imagens associadas à mesma.

Um aluno foi ao seu cacifo buscar o livro onde constava esse conto e quando me aproximei do grupo ele disse:

- Vimos na história “O fato novo do sultão” informações sobre os tecelões e vamos escrevê-la também na folha que nos deste. A informação que eu já trouxe do ferreiro e do pedreiro já está resumida por outras palavras.

Quando mais tarde, voltei a passar pelo grupo um dos elementos do mesmo disse-me:

- Obtive muita informação dos tecelões, vou ler-lhe – e leu.

Um dos alunos foi buscar o seu manual de história, construído pela Instituição para verificar se tinha alguma informação relacionada com a sua temática.

Após os grupos terem visto todos os livros que lhes interessaram e anotado as páginas e o respetivo título, fazendo-o mais rápido do que eu tinha previsto, sugeri-lhes que avançassem para a construção/ilustração da capa e contracapa do livro em construção (Figura 7).



Figura 7 -
Construção/Ilustração da
capa e contracapa do livro

Foram surgindo trabalhos muito criativos. Um dos elementos do grupo cuja temática era “Como eram as guerras?” e “Como eram conquistadas as terras?” aproveitou a folha em branco, destinada à pintura e recorte para fazer dobragens. Muito engenhoso, elaborou uma espada

através de dobragem e colou-a no centro da capa do seu livro. De seguida decidiu construir todas as outras armas utilizadas na Idade Média e colá-las à volta da primeira. O aluno já tinha pesquisado sobre o assunto, conhecia o nome de todas elas, e foi dizendo:

- Já fiz também a catapulta!

- Olha, já tenho também a besta e o canhão.

Depois, perguntou ao colega do lado:

- F, conheces mais alguma arma, já que o ferreiro fazia armas?”

O colega olhou para a capa dele vendo as armas que ele já tinha e verificou que ainda lhe faltava uma, a torre de assalto.

O menino muito satisfeito disse em tom de espanto e depois de agradecimento:

- Ah! A torre de assalto, pois é! Obrigada pela ideia.

Por fim, como já estava quase na hora de saída, pedi aos alunos que arrumassem os materiais e me entregassem os livros e os registos que tinham feito sobre algumas páginas que pretendiam consultar de novo, para eu fotocopiar, de modo a facilitar a consulta noutros momentos, para além das aulas. Acrescentei que não se preocupassem porque iríamos reunir noutros momentos para dar continuidade à tarefa.

Nestes dois dias os alunos pesquisaram informação nos livros disponibilizados, aprofundaram informação trazida de casa e iniciaram o tratamento da informação recolhida (organizar, seleccionar, sublinhar, esclarecer o significado de algumas palavras, resumir, ilustrar...) e reformularam a grelha de estruturação (um grupo acrescentou uma nova questão relacionada com a questão de partida). Estes procedimentos inserem-se na Fase III (Execução) do trabalho de projeto, conforme a descrição apresentada no Capítulo I, baseada na publicação coordenada por Teresa Vasconcelos (Portugal 2011, p. 16).

Os procedimentos correspondentes à fase de desenvolvimento do projeto atrás mencionada têm continuidade nas duas atividades que se seguem (atividade 3 e atividade 4).

3.3. Atividade 3: Construir o livro e representar o planeamento em teia

23 de fevereiro de 2015 - De manhã:11:15 às 12h

Construção dos livros (cont.) Na parte da manhã não foi possível dar continuidade ao projeto uma vez que a professora já tinha uma tarefa planeada (entrega e correção das provas e realização de uma ficha de português do manual). Seguiu-se a aula de Educação Física.

Na hora de Educação Física, duas das alunas não foram, por motivos de saúde, e ficaram comigo na sala, aproveitando para dar continuidade à construção do livro (Figura 8).



Figura 8 - Continuação da construção do livro

Acabaram a capa do seu livro e uma das alunas, sugeriu escrever atrás, junto ao nome, a palavra autora. Embora pertencendo a grupos diferentes as alunas ficaram juntas e trocaram ideias acerca da melhor forma de identificar o livro. Concluíram que seria importante escrever o nome do autor e ilustrador, na capa do livro e adiantaram o seu trabalho. Um das meninas quis colocar o índice mas ficaria, assim, sem uma página para responder a uma das questões. Depois de discutir o assunto com a colega, decidiu prescindir da questão e colocar o índice. Quando os colegas do grupo souberam que a amiga tinha eliminado uma das questões não concordaram com a decisão. No entanto, esta argumentou que poderiam colocar no livro deles porque ela já sabia a resposta e não precisava de a colocar no seu livro.

Neste dia tive oportunidade de reunir com um grupo à hora do intervalo, depois do almoço, por iniciativa dos alunos. Durante o trabalho, um dos elementos do grupo, que tinha ficado encarregue de pesquisar a informação relativa ao cocheiro, descobriu que, afinal, esta não era

considerada uma profissão da Idade Média. Muito preocupada, veio perguntar-me o que deveria fazer, pois já tinha ilustrado a capa do seu livro com um desenho do cocheiro, recortado e colado. Perguntei-lhe se não poderíamos adaptar o cocheiro a um camponês a guiar uma carroça. A aluna discordou, dizendo que aquilo se parecia mesmo com uma carruagem de princesa. Disse-lhe que iria tentar retirar o recorte e, se não conseguisse, dar-lhe-ia outra folha para fazer um novo livro. Consegui descolar a ilustração e a menina agradeceu. Contudo surgiu novo imprevisto: “O que fazer às estrelas que ilustravam a noite?” Que profissão representar?

A menina lembrou-se do padeiro, que trabalhava à noite “ Mas na rua?” Sugeri-lhe que representasse a padaria. A menina ficou bastante feliz com a ideia. Quando acabou, mostrou-me e fez questão de me perguntar se depois podia levar para casa a ilustração do cocheiro, que ela tinha feito antes, com tanto empenho. Claro que achei boa ideia!

Alguns pediram para levar para casa, para poderem continuar a tarefa. Deixei ao critério de cada aluno.

24 de fevereiro de 2015 – Hora do intervalo, 12h:40 às 13h:45

Neste dia o trabalho decorreu na sala de aula com todos os alunos.

Entreguei aos grupos alguma informação fotocopiada, que eles tinham selecionado nos livros, para agilizar o processo, pois assim, em aula anterior, os alunos conseguiram sinalizar a informação que lhes interessava e passar o livro a outro grupo, rentabilizando o tempo.

Neste dia, alguns alunos começaram a registar nos livros a informação já trabalhada e revista por mim, escrevendo a pergunta e respetiva resposta e ilustrando cada página construída.

Enquanto decorria a atividade, um aluno veio informar-me que ia acrescentar mais uma informação no seu livro sobre quem podia ser guerreiro, pois acabara de descobrir num dos livros que “ o povo também podia participar na guerra se provasse e demonstrasse a sua bravura”. Elogiei o seu interesse e persistência. Ele foi de imediato passar a informação ao seu grupo.

25 de fevereiro de 2015 - De manhã das 09:20 às 10h

Juntaram-se de novo na sala e os próprios alunos distribuíram os livros existentes, pelos grupos, para continuarem a construção dos mesmos, registrando as informações já tratadas (Figura 9).



Figura 9 - Registo de informação

Neste dia registei alguns comentários que registro a seguir. (Anexo I – Nota de campo nº 5, 25/02/2015)

- C, vou alterar esta palavra. Em vez de pôr passagens subterrâneas, podemos pôr que havia passagens secretas. Mas tenho de lhes perguntar para ver se eles concordam - referindo-se aos restantes elementos do grupo.

- Vou fazer duas crianças a lutar para treinarem, para serem guerreiros - disse um dos alunos, enquanto se preparava para ilustrar a página onde constava a informação que "... se preparavam desde a infância para serem guerreiros".

- Eu só fiz o índice para as pessoas não perderem tempo a lerem coisas que não querem. Como a C. disse, facilita a vida!

- Um dos alunos, muito entusiasmado, disse que tinha conseguido descobrir, finalmente, com a ajuda do irmão, a informação que o grupo tanto precisava de saber, relativamente ao modo como eram fixadas as pedras dos castelos, antigamente. O aluno informou os colegas do grupo que, segundo a pesquisa que fez com o irmão mais velho, na Internet, as pedras dos castelos se fixavam com barro. Informou também que uma experiência atual de construção de um castelo, em Yonne, na França, mostra que "com 50 trabalhadores e usando técnicas antigas, um castelo

demorava 25 anos a ser construído”. Todos os elementos do grupo concordaram que esta última informação era bastante interessante e que deveria constar nos seus livros.

Um dos alunos pertencente ao grupo das “profissões existentes na Idade Média” veio ter comigo para me mostrar o rascunho relativo ao camponês. Tinha levado para casa, para rever e passar a limpo e queria que eu verificasse. Respondi ao pedido do aluno.

Planeamento em teia

Duas alunas, de grupos diferentes, pediram a minha opinião sobre o lugar onde deveriam indicar a autora e ilustradora. Entretanto, em conjunto, as duas decidiram colocar essa informação na capa do livro.

Alguns alunos terminaram o livro e iniciaram a tarefa de representação do resumo da informação, em forma de teia (Anexo IV), numa folha de papel A3 (Figura 10).



Figura 10 - Planeamento em teia (Mapa mental)

Pedi aos alunos que interrompessem a tarefa que estavam a realizar para explicar a todos essa etapa. Expliquei que à medida que acabassem me iam pedir uma folha para nela fazerem um esquema que resumisse a informação do projeto, em forma de teia. Exemplifiquei no quadro, mostrando-lhes que no centro iriam colocar a questão principal/tema e daí partiriam as outras questões que, por sua vez, se ligariam às respostas, apresentadas de forma resumida.

Após a minha explicação, uma aluna comentou: (Anexo I – Nota de campo nº 6, 25/02/2015)

- C, primeiro vou pôr a questão base e as outras, que isso eu percebi, mas depois chamo-a para me vir explicar o resto.

Informei que estaria disponível para voltar a explicar, sempre que fosse necessário. Os alunos retomaram a atividade.

Um aluno do grupo que pesquisava sobre “Como se conquistavam as terras?”, enquanto finalizava o seu livro, comentou:

- Se invadissem o meu castelo eu fugia!

- Fugas? – perguntei - Então não davas luta, com todas essas armas que pesquisaste e desenhaste para o teu trabalho?

- Não, não percebeste. Ou se morria, ou se fugia, ou se rendia e, destas, eu preferia fugir.

No grupo dos “Reis e rainhas da Idade Média” o grupo procurava resposta para a questão “Onde é que as rainhas tinham os filhos?”.

Uma das alunas que já tinha escrito no seu livro a resposta a essa pergunta, na hora de fazer a ilustração relativa à mesma, chamou-me e perguntou?

- Posso não fazer este último desenho? Não sei como fazer a rainha deitada a ter o bebé.

Uma colega estava a ouvi-la e sugeriu-lhe que fizesse a rainha deitada na cama com o bebé já ao seu colo. Ela aceitou a sugestão e agradeceu.

Um dos alunos que estava já a fazer o planeamento em teia colocou o dedo no ar e perguntou-me como é que unia aqueles tópicos que tinha representado para referir que, em todos eles, a informação tinha sido retirada do mesmo sítio se uns estavam em cima e outros em baixo. Percebi o dilema e sugeri-lhe que utilizasse o asterisco. O aluno colocou então em cada grupo a sinalização *1, e *2, seguidas da palavra “internet” para identificar a fonte de informação.

Quando a aula terminou alguns alunos ainda não tinham terminado algumas ilustrações e ficou combinado que fariam em casa ou noutros momentos em que conseguissem ter tempo para terminar essa atividade.

3.4. Atividade 4: Organizar a apresentação do trabalho desenvolvido

- **Dia 27/2/2015** - Das 15:30 às 16:00

Neste dia, os grupos reuniram-se para decidir, entre si, quais seriam os primeiros dois grupos a apresentar o trabalho realizado e como iria ser apresentado.

Em cada grupo, combinaram que parte do trabalho é que cada elemento iria apresentar, para eu digitalizar e elaborar um Power Point que iria servir de suporte à apresentação.

Combinámos, ainda, com a concordância da professora, que o trabalho seria apresentado na sala grande, para todos os alunos do 3º ano (duas turmas).

Perante a decisão de convidar a outra turma para assistir às apresentações um dos alunos manifestou o seu constrangimento por ter que apresentar o trabalho perante todos os colegas do 3º ano, mas logo um dos colegas do grupo o acalmou sugerindo-lhe que apresentasse as imagens que ele falaria sobre elas.

Ficou, assim, combinada a estratégia de apresentação dos trabalhos realizados.

3.5. Atividade 5: Apresentar e avaliar os resultados finais

- **Dia 2/3/2015** - Das 09:20 às 10:15 – Apresentações (2)

As apresentações decorreram na sala grande, onde está instalado o equipamento informático e contou com a presença de todos os alunos do 3º ano, a turma envolvida e a turma com quem costumam reunir para trabalhar o Estudo do Meio e a História. Foram feitas em três dias consecutivos. Em cada dia foram apresentados os trabalhos de 2 grupos.

Estas apresentações inserem-se na Fase IV (Divulgação / Avaliação) do trabalho de projeto, mais concretamente a divulgação que pressupõe “socialização do saber, tornando-o útil aos outros”. (Portugal 20011)

Embora não tenham visualizado antecipadamente o Power Point, os alunos sabiam exatamente quais eram as informações que continha, pois foram eles a decidir o que iria ser digitalizado e quem apresentaria cada uma das partes.

O primeiro grupo a apresentar foi o das profissões. O equipamento já estava ligado e as crianças sabiam como funcionava. Passei-lhes o comando, para passarem os slides, e dei-lhes liberdade total, sem os interromper (Figura 11).



Figura 11 - Apresentação do produto final

No final da primeira apresentação e tendo em conta a presença dos alunos da outra turma que não tinha estado envolvida no trabalho de projeto, a professora fez uma intervenção para reforçar que na Idade Média o povo desempenhava quase todas as profissões e que não havia, como hoje, fabrico em série (tudo igual), tudo era feito artesanalmente (peça a peça).

Seguiu-se a apresentação do grupo que fez pesquisas sobre o clero, igualmente sem interrupções.

Mais uma vez a professora aproveitou para reforçar que na Idade Média os mosteiros eram habitados pelos monges e que em volta estes possuíam muitas terras e cultivavam e produziam tudo o que precisavam para sobreviver.

No final a professora alertou-me para o fato de terem aparecido alguns erros ortográficos nos textos dos alunos. Reconheci que, como tinha feito a revisão dos textos antes de os alunos fazerem o registo final, confiei nos registos dos mesmos e não fiz nova revisão antes da elaboração dos Power Points. Agradei o alerta, pois estava ainda a tempo de rever os textos dos outros grupos e pedir aos alunos que corrigissem, caso fosse necessário.

Dia 3/3/2015 – Das 15:15 às 15:55 – Apresentações (2)

As restantes apresentações seguiram os mesmos procedimentos.

O primeiro grupo apresentou o tema “Reis e rainhas da Idade Média.” (Figura 12).



Figura 12 - Apresentação do produto final

O segundo grupo apresentou o tema “ Como eram conquistadas as terras e como eram organizadas as guerras na Idade Média?”

Quando o segundo grupo se preparava para iniciar a apresentação, um dos colegas do grupo que acabara de apresentar o seu trabalho aproximou-se e disse-lhes, baixinho:

- Boa sorte!

Após a segunda apresentação, os alunos colocaram algumas dúvidas que foram esclarecidas por mim e pela professora cooperante, nomeadamente, quiseram saber o que era um banho de purificação e porque é que a Batalha de Aljubarrota tinha sido muito importante na História de Portugal.

Dia 4/3/2015 - Das 09:20 às 10:15 – Apresentações (2)

- Das 10:15 às 11:30 – Ficha de consolidação

Estes dois grupos abordaram os temas “ Como se divertiam na, Idade média?” e “ Como eram construídos os castelos e o que havia lá dentro?”.

O primeiro grupo iniciou a apresentação com uma informação que constava no seu guião, sobre as “cantigas de amor e de amigo” e, entretanto, quiseram também falar das “cantigas de escárnio e de maldizer”. Neste ponto houve algumas dúvidas e os alunos precisaram de ajuda para explicar aos colegas o significado das duas últimas.

No final das duas apresentações, a professora aproveitou para realçar a importância da ilustração ser coerente com a época em causa elogiando o esforço dos alunos nesse sentido.

Terminadas as apresentações, as turmas regressaram às respetivas salas onde os alunos, individualmente, realizaram uma ficha de consolidação de conhecimentos, com questões relativas às diferentes temáticas abordadas pelos grupos (Anexo V).

Antes de os alunos iniciarem a resolução fiz a leitura de todas as perguntas e esclareci algumas dúvidas, nomeadamente no que diz respeito à imagem do castelo que não tendo ficado muito nítida os alunos quiseram esclarecer para onde estavam orientadas algumas das setas que iriam legendar; o significado da palavra arado e rebarbadora

No decorrer da resolução da ficha de trabalho os alunos colocaram algumas dúvidas que fui esclarecendo para o grupo em geral, nomeadamente, esclarecer melhor para onde estavam a apontar algumas das setas que pediam para legendar alguns elementos do castelo, pois a imagem desformatou e três das setas ficaram a apontar para a muralha.

Quando todos os alunos terminaram o registo escrito, foi feita a correção oral do trabalho realizado. Esta avaliação insere-se na Fase IV da metodologia de trabalho de projeto. A correção oral permitiu integrar os alunos no processo de avaliação, implicando-os na autoavaliação das suas aprendizagens como forma de desenvolver a competência de avaliação dos conhecimentos, de forma refletida.

Na sua obra “Aprender a Ensinar” Arends (1995) realça a importância deste tipo de avaliação dizendo que “obter feedback do desempenho é o quinto factor motivacional descrito por Hunter (1982) e que este inclui feedback de áreas em que o aluno se está a sair bem para além daquelas em que ele precisa de melhorar.” (p.126)

Com esta atividade iniciou-se a Fase IV, última fase do trabalho de projeto (Divulgação/Avaliação), descrita no Capítulo I, segundo o documento coordenado por Teresa Vasconcelos (Portugal, 2011, p. 17). Os alunos apresentaram o produto final, ou seja

“socialização do saber, tornando-o útil aos outros” (envolvendo a própria turma e a outra turma do 3º ano) e iniciaram a avaliação de conhecimentos adquiridos através da realização de uma ficha de consolidação de conhecimentos que foi corrigida em grupo (só a turma), logo de seguida.

3.6. Atividade 6: Preparação do Baú das “Histórias da História” e recolha da opinião dos alunos sobre o trabalho de projeto – Dia 6 de março das 12:40 às 13:45 (hora do intervalo) e das 15:15 às 16:00, respetivamente.

Esta pequena e última atividade foi realizada por duas voluntárias, à hora de intervalo.

As duas alunas colaram os desenhos feitos previamente pelos grupos, para esse fim, e identificaram o baú, para guardar, na biblioteca da escola, as produções (livros) de todos os grupos (Anexo VI). – (Figura 13)



Figura 13 - Identificação e ilustração do baú

Seguiu-se a distribuição de um pequeno questionário aos alunos que se insere na Fase IV (Divulgação /Avaliação), dando continuidade à avaliação do trabalho de projeto, iniciada na atividade anterior. Esta avaliação, como já foi referido no Capítulo I, pressupões “a intervenção dos vários elementos do grupo, o grau de entre-ajuda, a qualidade da pesquisa e das tarefas realizadas, a informação recolhida, as competências adquiridas.” (Portugal, 2011)

O referido questionário, elaborado por mim, é composto por uma pergunta de escolha múltipla e duas de resposta aberta.

Na primeira pergunta, constituída por quatro tópicos (material para recolha de informação, colaboração do adulto, colaboração dos colegas do grupo e resultado alcançado), sobressai uma

avaliação muito positiva (Anexo VII). No entanto, num dos grupos (com três elementos), a avaliação da colaboração dos colegas levou a uma troca de ideias entre os mesmos, quando um deles considerou que deveria identificar os colegas e diferenciar a colaboração dos mesmos, conforme se pode observar no diálogo que se segue e que envolve os três elementos do grupo: (Anexo I – Nota de campo nº 8, 06/03/2015)

G - Tens de admitir D, que podias ter ajudado mais. C, ele podia ter ajudado! Não ter feito barulho já era uma grande ajuda.

D – Mas, vocês não precisavam de ajuda e eu estava muito atrasado. E vocês também não me pediram ajuda!

T - É um trabalho de grupo, não é preciso pedir ajuda.

D – Mas, vocês também não me ajudaram!

G – Dirigindo-se a mim – C, sabe porque é que não ajudei o D, porque como ele só estava a falar pensei que já estivesse muito à frente.

No final da aula, o aluno que foi acusado de não ter ajudado tanto o grupo, argumentando que os colegas também não o tinham ajudado, veio ter comigo para dizer que, afinal, o colega (que o avaliou desfavoravelmente) o tinha ajudado a pôr a informação na grelha inicial de estruturação do projeto e que ele tinha gostado muito dessa ajuda. Elogiei a sua atitude e aconselhei-o a ir dizer isso diretamente ao colega em causa. Como o mesmo já tinha saído ele disse-me que o faria no dia seguinte.

Relativamente às outras duas questões (de resposta aberta) surgiram respostas que considero bastante pertinentes, seguindo-se a transcrição de algumas delas:

Relativamente à questão – Gostaste de realizar este trabalho? Porquê? – A avaliação dos alunos foi positiva, como ilustram algumas das respostas que se seguem.

- Sim, porque trabalhámos em equipa e por trabalhar em equipa conseguimos acabar o livro.
- Sim, gostei, porque estava com os amigos.

- Sim, porque gosto de História e acho que foi uma boa ideia.

- Eu gostei de realizar este trabalho, porque consegui recolher muita informação nova.

- Sim, porque fizemos um bom trabalho e ajudámo-nos umas às outras.

- Sim, gostei de fazer este trabalho, porque foi a primeira vez que fiz um trabalho em equipa.

- Eu gostei muito porque trabalhei em equipa e também porque gosto de escrever e ler.

- Sim, eu adorei realizar este trabalho porque acho que é uma boa maneira de passarmos mais tempo juntos e ao mesmo tempo aprender história;

- Sim, eu gostei de fazer este trabalho porque, foi o primeiro trabalho de grupo que nós fizemos e porque foi um trabalho da nossa nova matéria.

- Sim, porque senti-me mais próxima das minhas colegas, diverti-me imenso ...

- Sim, acho que foi uma ótima influência para todos nós e gostei principalmente porque adoro a Idade Média e acho que foi um ótimo trabalho de grupo. Acho que foi um bocado mal planeado pelo grupo mas de resto foi ótimo.

Perguntei a este último aluno o que é que ele queria dizer quando escreveu que foi “mal planeado” pelo grupo. Ele respondeu que o “mal planeado” tinha a ver com o fato de ter sido uma trapalhice reunirem a informação porque não conseguiram reunir-se fora da escola.

Relativamente à questão – O que gostaste mais de fazer? (escrita pelos alunos porque foi pensada posteriormente à elaboração do documento) – os alunos destacaram a liberdade para escolher as perguntas, a apresentação do projeto, o trabalho em equipa e a ilustração, conforme destacam as respostas que se seguem.

- O que eu mais gostei foi poder fazer as perguntas à nossa escolha e podermos ter liberdade.

- Gostei de fazer a ilustração das batalhas e de fazer um grupo com o meu melhor amigo.

- O que eu mais gostei foi de pesquisar e de fazer o livro.

- O que eu mais gostei de fazer foi apresentar o projeto.

- Gostei de todas as etapas do projeto.

- O que eu mais gostei foi de apresentar, fazer o livro e ajudar os colegas.

- O que mais gostei foi de trabalhar em conjunto porque, em equipa, o livro ficou mais completo.

- O que mais gostei foi do trabalho de equipa, porque aprendemos a trabalhar juntos.

Como senti que as crianças tinham muito mais para dizer, pois foram fazendo comentários soltos à medida que preenchiam ou entregavam o documento e como para mim seria importante obter mais dados que suportassem a avaliação/reflexão do trabalho realizado, resolvi criar outro instrumento de avaliação para recolher dados mais concretos sobre a avaliação dos alunos relativamente ao trabalho de projeto. Elaborei então algumas perguntas de resposta aberta, para minha orientação e realizei a cada grupo uma pequena conversa informal em que todos os elementos podiam responder a cada uma das perguntas, dando o seu ponto de vista. A entrevista foi gravada e decorreu em moldes de conversa. Desta forma eu pude participar na mesma, sem interrupções, e as opiniões das crianças fluíram com mais naturalidade.

As questões que serviram de base à conversa informal agrupam-se em quatro tópicos principais: a recolha de material, a colaboração do adulto, a colaboração dos colegas do grupo e o produto final (Anexo VIII).

Segue-se uma breve análise dos resultados da conversa com os diferentes grupos ilustrada com algumas citações (opiniões dos alunos) extraídas dessa mesma conversa:

No que respeita ao material (fontes) para recolha de informação pode observa-se, pelos comentários dos alunos, que os mesmos fazem referência:

- Aos livros - “livros da biblioteca”, “livros da C. (os que reuni de outras bibliotecas), “ à enciclopédia”;

- Às aulas de história dadas pela professora – “Eu também acho que todas nós fomos buscar alguma informação às aulas de história que a T dá”

- Às conversas com adultos - “falando com as pessoas, com os pais, os amigos, a C.”;

- À Internet, onde, de um modo geral, os alunos consideram que há mais informação, embora também reconheçam que nem toda a informação que aí se encontra está correta - “Tem mais opções mas às vezes estão erradas”. Alguns alunos consideram que na Internet é mais fácil pesquisar “Porque nos livros estávamos sempre ali a ver imensas páginas e dava mais trabalho, na Internet era só pesquisar e ler” ou “Porque a Internet também explica melhor e nós temos dicionário na internet para ver as coisas que não percebemos.”

Relativamente à colaboração do adulto, os alunos destacam:

- A ajuda de familiares - “A mim ajudou o pai”, O meu irmão! “...foi a minha irmã”, “o namorado da minha mãe e o meu irmão”, “foi o meu pai e a minha mãe”, Os meus pais”, “...a minha avó, ajudou-me também a pesquisar.”

- A minha colaboração – “A mim foi a C (eu)”

- A professora – “ A C.(eu) e a T. (professora)”;

Quanto à ajuda em casa apenas dois alunos, pertencentes a grupos diferentes, não contaram com essa ajuda “Foste só tu e a T”, “A C. ... eu estava sempre a pedir à mãe para me ajudar só que depois a mãe ou estava muito cansada ou ia jantar fora ou ia ao yoga.”

Da colaboração dos familiares destacam a ajuda na pesquisa de informação, “Disseram-me os sites, procuraram nos sites comigo e depois tiveram a ver as enciclopédias, porque eu não sabia muito bem como procurar”;

No que se refere à minha colaboração destacam os vários livros reunidos “A C (eu) é que nos deu as opções de irmos buscar aos livros” e a correção ortográfica. “A C. ajudou na maior parte das coisas, por exemplo quando não sabia como se escrevia ia perguntar à C.”

Referem também a ajuda da professora “Sim. A ajuda da T (professora) também foi importante porque nós estávamos à procura no índice e não encontramos, depois a T é que nos ajudou.”

Da análise deste tópico conclui-se que os alunos têm consciência da importância da ajuda do adulto e valorizam essa ajuda. Ao identificarem a colaboração do adulto os alunos referem com

maior frequência a ajuda dos familiares do que a minha ou a da professora o que é revelador da importância que tem para eles essa colaboração/aproximação. A resposta que se segue, produzida por uma das crianças durante o projeto, ilustra essa importância:

“ Eu acho que foi importante a ajuda do adulto porque se não fosse o adulto eu acho que o livro não ficava bom, ficou melhor porque a minha irmã me ajudou. E acho que se não tivesse o apoio da minha irmã ... tinha ficado muito comprido e em vez de desenvolver as coisas mais importantes iam estar coisas importantes e coisas que não eram precisas como, por exemplo, o ferreiro precisa de um martelo, isso toda a gente sabe, coisas óbvias, mas quando eu disse uma forja, que era onde eles trabalhavam, as pessoas não sabiam porque também tinha um nome diferente e essas coisas é que são importantes e que nós devíamos pôr no texto.”

Reforçando a importância da participação das famílias na vida escolar, Ramiro Marques (1991) defende que a mesma tem influência nos resultados escolares, afirmando que “quando os pais acompanham e ajudam o trabalho dos filhos, estes têm melhores resultados do que os colegas com idêntico backgroup, mas cujos pais se mantêm afastados da escola e deste acompanhamento por parte das famílias.” (p. 9)

De um modo geral, os alunos destacaram a colaboração do adulto:

- Na pesquisa e tratamento da informação - “Eu acho que foi importante porque as coisas que eu consegui pesquisar mais foi com a ajuda dos adultos”, “ A ajuda da C. também foi importante porque nos ajudou a fazer o resumo, porque depois ficava uma coisa muito grande e já não cabia o desenho também.”

- Na correção ortográfica - “A C. ajudou na maior parte das coisas, por exemplo quando não sabia como se escrevia ia perguntar à C.”

- No vocabulário – “Ajudaste-nos a entender palavras que não percebíamos, os desenhos e mais outras coisas que eu não sei explicar.”

- Na organização do trabalho – “Havia imensas coisas que nós não sabíamos. Achávamos que não encaixávamos, pensávamos que a palavra estava mal e tu e a T estavam lá. Isto aqui encaixa,

aqui estão enganadas, metam antes não sei o quê/não sei que mais, foram dizendo assim, mesmo coisas que nós precisávamos, porque senão não fazia sentido”, “A C. ajudou-me a não aldrabar.”

Quanto à avaliação da colaboração dos colegas (heteroavaliação), observa-se que nenhum aluno faz avaliação negativa de algum elemento do seu grupo, embora façam alguma diferenciação entre o tipo de colaboração prestada por alguns desses elementos, tais como: “Uns trouxeram mais do que os outros, por exemplo a V. trouxe mais rápido as informações do que nós ... a colaboração delas foi muito boa. “Sim, mas ajudou a procurar aqui nos livros que a C (eu) trouxe” (sobre um colega que não tinha recolhido informação em casa), “ A VG também ajudou-nos imenso, foi ela que tirou todas as ideias, praticamente, e foi ela que teve mais empenho”, “... não interessa só a escrita, o desenho também é super importante e tu foste a que mais te empenhaste no desenho!”

Em resumo, os alunos foram unânimes a afirmar que gostaram de trabalhar em grupo, revelaram sentido crítico, sentido de justiça e realçaram o valor da cooperação ao reconhecer que sozinhos não conseguiriam fazer o mesmo tipo de trabalho “Porque nós, quando estamos sozinhas, não temos muitas ideias do que podemos fazer e do que não podemos e como eu fiz em grupo tive mais ideias e tive mais colaboração”, “E, com as coisas uns dos outros, fica mais elaborado e mais giro.”

Quanto aos motivos que levaram à constituição dos grupos os alunos destacam:

- O interesse pelo tema/questão de partida escolhida (a maioria dos alunos escolheram o grupo em função do mesmo) - “...eu tive uma ideia e depois a C. foi perguntar ao F. se ele também gostava e queria fazer a minha ideia”, “Eu não quis sair daquele grupo para ir ter com as minhas amigas porque quis ver com quem calhava, ..., foi porque quis ver quem é que iria estar interessado no mesmo tema que eu”, “Eu mudei do meu tema para este porque achei que este tema era realmente muito interessante”;

- A amizade/solidariedade - “Eu tive um bocado de pena da B porque ela estava sozinha no grupo dela e eu já tinha um grupo com as minhas amigas e depois vi a saírem do grupo da B e vi logo que a B estava sozinha e depois fiquei com a B.”

Todos os alunos valorizaram o fato de poderem trabalhar em grupo e apontaram vantagens como:

- Novas aprendizagens – “Admiramos mais o estilo de trabalho do outro”, “Não sabia quase nada disto, só sabia que eles eram copistas e que eles eram quem era da igreja... Agora sei como se veste o clero, sei que trabalhavam na agricultura, sei onde é que eles viviam... Já me tinha passado pela cabeça que eles ensinavam mas não como é que eles ensinavam, isso nunca me tinha passado pela cabeça. Agora sei que eles ensinavam o que sabiam aos futuros monges para eles conseguirem ser monges”; “Onde viviam os monges, o que comiam, como se vestiam”, “Tudo sobre as guerras: as armas, como é que eles usavam as coisas na Idade Média, como é que se tornavam cavaleiros, imensas coisas... Vai também ajudar-nos agora a percebermos melhor os filmes”. Esta última afirmação evidencia a transposição do conhecimento para a vida real.

Reforço da afinidade com os colegas – “Imagine, eu não era zangada com a L mas também não me dava muito com ela, mas não era de zanga e como fizemos este trabalho juntas ficámos a conhecer-nos muito melhor”, Eu gosto mais de fazer um trabalho de grupo porque primeiro aproximamo-nos mais das pessoas com quem estamos a fazer”.

Ao pronunciarem-se sobre o último tópico, o produto final, na opinião dos alunos sobre o que mais gostaram destaca-se:

- A apresentação - “ de apresentar, de ilustrar e também de escrever o livro”;

- O momento de organização da apresentação do trabalho, pela forma como distribuíram as tarefas - “Foi um bocado difícil porque podiam achar injusto mas pronto, conseguimos chegar a um acordo”, “Eu acho que foi boa, toda a gente disse o que queria ler”, “Mas eles tiveram de juntar as coisas (texto do T e desenho do G) porque, ó G, tens de admitir, não tens assim uma boa

letra e o T tem melhor e então como o T tinha um erro no desenho, estava riscado, então o G tinha o desenho sem riscos, então deu o desenho ao T para substituir pelo dele e ficar mais bonito na apresentação”, “Cada um leu as coisas que fez.”

Concluindo, esta última fase do projeto, Fase IV (Divulgação/ Avaliação, foi importante na medida em que, tal como se apresenta no Capítulo I, permitiu aos alunos desenvolver competências, partilhar os saberes adquiridos, questionar as suas ações, e refletir sobre o trabalho realizado. É nesta avaliação que se reflete todo o processo e que, como referem as autoras Katz e Chard (1989), citadas no Capítulo I, se pode considerar “que o trabalho de projecto ajuda a criança a desenvolver hábitos da mente que serão duradouros: a capacidade de imaginar, de prever, de explicar, de pesquisar, de inquirir” e que “o trabalho de projecto pretende cultivar e desenvolver a vida inteligente da criança, activando saberes, competências, a sensibilidade estética, emocional, moral e social”. (Portugal, p.18)

Segundo as autoras Katz e Chard (1997), já referidas no Capítulo I, “Cultivar a predisposição das crianças para avaliar e reflectir sobre as suas próprias contribuições para um projecto e para serem responsáveis por elas próprias é uma característica importante da abordagem de projecto.” (p.31)

Capítulo IV - Considerações finais

Este estudo, da forma como foi encaminhado, conduziu à reflexão sobre a realização do trabalho de projeto e permitiu tecer algumas considerações sobre o mesmo.

Fazendo uma retrospectiva de todo o trabalho realizado, com base nos dados recolhidos e nas reflexões efetuadas ao longo de todo o processo, é possível concluir e demonstrar que este trabalho permitiu esclarecer as questões inicialmente colocadas:

- Será que o trabalho de projeto constitui um estímulo que conduz a criança a ser parte integrante e recetor ativo no processo ensino/aprendizagem?
- Como é que o trabalho de projeto consegue levar o grupo de crianças a procurar saberes diversificados para além dos estipulados no programa?
- Como pode o professor, através do estudo da História, integrar saberes interdisciplinares que ajudem a criança a compreender a evolução da humanidade até aos nossos dias?

Em relação à primeira questão foi possível observar, através do envolvimento dos alunos, dos comentários que iam fazendo e do trabalho que desenvolveram que os mesmos estavam motivados e se envolveram facilmente em todas as atividades.

Refletindo aqui também as diferentes fases de desenvolvimento do trabalho de projeto, verifica-se que a primeira questão está de certo modo associada à Fase I (Definição do problema) caracterizada no Capítulo I. Nesta primeira fase foi possível observar o grande envolvimento dos alunos, através da reação dos mesmos à proposta de trabalho apresentada: aceitação imediata da proposta; envolvimento na formulação das questões (tanto as questões de partida como as que surgiram a partir das mesmas); a organização espontânea dos grupos de trabalho (os alunos organizaram-se, na sua maioria, em função do interesse pelo tema refletido nas questões de partida); cedências de alguns alunos em função da necessidade de ajustamento de alguns grupos, relativamente ao número de elementos (alguns alunos prescindiram do tema inicialmente escolhido ou da companhia de amigos mais próximos para proceder a esses ajustes).

As reações dos alunos, descritas no parágrafo anterior, encontram-se expressas na descrição da Atividade 1, Capítulo III, em que é feito o lançamento do trabalho de projeto.

Tal como afirmam as autoras Leite, Malpique e Santos, pode considerar-se que “o projecto se distribui por etapas sem fronteiras definidas” (1991, p.75), pelo que, na Atividade 1, também já se registaram alguns procedimentos que aparecem descritos na Fase II (Planificação e desenvolvimento do trabalho) relativos ao planeamento, tais como a “divisão de tarefas” (Quem vai pesquisar o quê?), a organização e gestão do tempo (os alunos já querem saber quando voltarão a reunir-se), a “inventariação de recursos” (já registaram na grelha os recursos necessários e sabem que vão dar conhecimento e pedir a colaboração da família), o tempo que vai ser dedicado a este trabalho (cerca de um mês) e os espaços onde se vai desenvolver (na sala de aula, na biblioteca e em casa).

Nesta segunda fase, no decurso das atividades seguintes, começam também a surgir dados que permitem responder à segunda questão - Como é que o trabalho de projeto consegue levar o grupo de crianças a procurar saberes diversificados para além dos estipulados no programa? - No entanto a resposta só se completa com os dados recolhidos no decorrer da Fase III (Execução), igualmente descrita no Capítulo I, em que os alunos pesquisam, organizam, seleccionam e registam a informação.

Na Fase III os alunos começam também a revelar novos conhecimentos, a articular as informações no grupo e entre grupos que ultrapassam o âmbito das questões colocadas inicialmente pelos grupos, bem como os conteúdos programáticos. Para além dos saberes cognitivos, começa também a tornar-se cada vez mais visível o espírito de partilha e cooperação que evidenciam, a sensibilidade emocional, moral e social dos alunos, referidas pelas autoras Katz e Chard, citadas no Capítulo I. Os alunos foram também fortalecendo a sua autonomia no exercício da procura e tratamento da informação, adotando procedimentos facilitadores dessa tarefa (consultar o índice, sublinhar, dizer por outras palavras, resumir).

A certa altura, já numa fase adiantada do trabalho, registou-se uma alteração ao nome do projeto “Histórias da História da Idade Média, “ passando a chamar-se “Histórias da História”. Esta alteração deveu-se ao fato de o baú onde iriam ser guardadas as histórias construídas pelos alunos ser pequeno e estes acharem que seria difícil identificá-lo com um nome tão extenso, pois não havia espaço para registar tantas letras. Concordei com a ideia, pois acabámos por concluir que, assim, o baú poderia servir também para outras histórias da História. Esta alteração é um exemplo da flexibilidade referida por Leite, Malpique e Santos quando afirmam que “o esquema do método que está implicitamente presente no projecto é apenas um instrumento de trabalho que não é, de modo algum, único, absoluto, fixo, nem sequer definitivo.” (1991, p. 75)

Na última fase do trabalho de projeto, Fase IV (Divulgação/Avaliação), que também se encontra caracterizada no Capítulo I, encontramos resposta à terceira e última questão - Como pode o professor, através do estudo da História, integrar saberes interdisciplinares que ajudem a criança a compreender a evolução da humanidade até aos nossos dias?- bem como um reforço das respostas para as questões anteriores. Foi evidente a aquisição de saberes interdisciplinares, por exemplo quando foi proposto aos alunos que construíssem um marcador de livros, com diferentes materiais e um dos alunos reconstruiu uma situação histórica transportando para a expressão plástica os conhecimentos adquiridos ao longo do trabalho de projeto, representando no seu marcador cada personagem através de um alimento recortado de revistas e estabelecendo, oralmente, a relação hierárquica entre as personagens.

Os alunos adotaram uma postura de maior responsabilidade, tanto na apresentação do resultado do trabalho do grupo a que pertenciam como durante a apresentação dos outros grupos, tornando-se evidente a importância que atribuíram ao trabalho realizado. Estes desejavam boa sorte uns aos outros, antes das apresentações e elogiavam as apresentações dos outros grupos.

A resposta à terceira questão confirma-se, ainda, quando se observa, por exemplo, que os alunos conseguem identificar estratos sociais no período da Idade Média, bem como modos de

vida, usos e costumes e estabelecer comparações com a atualidade, identificando o que permanece e o que apenas podemos observar através de “documentos históricos”, saberes que podemos observar através da análise das respostas dos alunos à questão “O que é que este trabalho acrescentou aos vossos conhecimentos?” colocada no decorrer de uma conversa em grupo sobre a avaliação do trabalho de projeto, analisada no capítulo III, em que surgem respostas como: “Eu não sabia que a oficina do ferreiro, antigamente, se chamava “forja”; “Descobri que a bigorna é um bloco maciço de ferro”; “Eu aprendi imenso. Não sabia quase nada disto, só sabia que eles eram copistas e que eles eram quem era da igreja,... Agora sei como se veste o clero, sei que trabalhavam na agricultura, sei onde é que eles viviam...”; Também não sabíamos que a nobreza cantava músicas de amor, de amigo ou de mal dizer”; “Antigamente a farinha era feita com bolotas”, “Vai também ajudar-nos agora a percebermos melhor os filmes.”

A apresentação dos trabalhos contou com a presença dos alunos do outro grupo do terceiro ano, que sempre se junta a esta turma para o estudo da história, pois as duas professoras trabalham em parceria a área de Estudo do Meio e História e cada uma delas é responsável por uma dessas áreas. Esta partilha de informação foi valorizada pelos dois grupos, uma vez que estão habituados a fazê-lo ao longo do ano. Tal como foi referido no Capítulo II, esta articulação e partilha de saberes enquadra-se no espírito da metodologia do trabalho de projeto que as autoras Leite, Malpique e Santos (1991), definem como “Uma metodologia que resulta da necessidade de articular, de forma coerente e sistemática, um projecto que incorpora a intervenção de um grupo de indivíduos com diferentes formações, diferentes experiências, aptidões, saberes, alimento para o trabalho inter/transdisciplinar.” (p.75)

Ao refletir sobre os vários momentos em que se desenvolveu o trabalho de projeto, tanto em conjunto com os alunos e professora cooperante como individualmente, compreendi que o fator autonomia agregado à segurança, organização, disponibilidade e compreensão em muito influenciam a motivação e apropriação do conhecimento. Como diz Paulo Freire (1981) "ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens educam-se entre si,

mediatizados pelo mundo." O fato de poderem trabalhar em espaços diferenciados (em casa, na biblioteca, na sala grande, na sala de aula) permitiu aos alunos uma liberdade e autonomia que, por vezes, me surpreenderam. Foi igualmente visível a cooperação entre os elementos de cada grupo e entre grupos. Essa liberdade, autonomia e cooperação sustentam os princípios da pedagogia-em-participação que, como já foi referido no Capítulo I, defende a ação do educador como um agente que deve "despertar a curiosidade da criança e estimular-lhe o espírito de investigação. Isto é conseguido através do encorajamento da criança para que coloque os seus próprios problemas..." (Piaget 1976, citado por Weikart e Hohmann 1995, p.32).

Refletindo, ainda, sobre o interesse do ensino da História no 1º CEB, que se encontra implícita na questão problema, podemos reportar-nos a Fontana (1992), citado por Félix e Roldão, quando afirma que "De entre todas as ciências sociais, a História tem o privilégio de ser a que maiores serviços pode render, porque é a mais próxima à vida quotidiana e a única que abarca o humano na sua totalidade" (1996, p.18). Segundo as mesmas autoras "Estuda-se História para compreender o mundo em que vivemos e para poder actuar nele com espírito crítico e não simplesmente para recordar factos heróicos ou personagens de antigamente." (1996, p. 18). É este o sentido que pretendemos atribuir ao trabalho desenvolvido, que as aprendizagens realizadas contribuam para que o aluno compreenda melhor o mundo contemporâneo e a evolução da humanidade facilitando assim a sua integração na sociedade enquanto ser humano e enquanto cidadão.

No que diz respeito à metodologia de investigação qualitativa, de observação participante, ela é vista atualmente, por vários autores, como um elemento fundamental da atividade docente na medida em que promove a prática da reflexão, dando assim um importante contributo para uma progressiva melhoria das práticas educativas. Como refere Uwe Flick (2005), já referido no Capítulo I, esta prática representa "a correta escolha de métodos e teorias apropriadas; o reconhecimento e análise de diferentes perspetivas; a reflexão do investigador sobre a

investigação, como parte do processo de produção do saber; a variedade dos métodos e perspectivas.” (p. 4)

É de referir que o interesse manifestado pelos alunos conduziu ao envolvimento das famílias, ao longo de todo o processo. Desta forma, os pais ou outros elementos da família puderam acompanhar os seus educandos ao longo do processo de recolha e seleção da informação, ou noutras tarefas, estabelecendo-se assim uma parceria que fortaleceu a proximidade entre os alunos e a família e entre a família e a escola. Durante o processo de avaliação, nomeadamente na análise da conversa com os diferentes grupos, verifica-se que apenas dois elementos (pertencentes a grupos diferentes) não contaram com essa colaboração e que essa falta foi facilmente superada através da partilha da informação recolhida pelos colegas de grupo.

Globalmente considero que o trabalho foi desenvolvido com sucesso, pois reuniu condições para que tal se verificasse, tais como: a disponibilidade da professora cooperante que se mostrou muito recetiva e me apoiou sempre que foi necessário (quer no aspeto científico, esclarecendo algumas dúvidas que me surgiram, quer no aspeto de organização e gestão dos tempos letivos de modo a integrar o trabalho de projeto no seu planeamento); o fato de o grupo já possuir alguns conhecimentos prévios sobre o tema e revelar grande sentido de curiosidade e espírito de descoberta de novos conhecimentos; os recursos de que a escola dispõe, entre os quais se destacam os da biblioteca escolar.

Tendo consciência de que no meu futuro profissional nem sempre encontrarei as condições ideais, quer na aplicação desta ou de outras metodologias, quer noutros domínios, entendo que não é motivo para deixar de aplicar metodologias ativas pois como refere Sousa (2003), "o verdadeiro conhecimento advém de uma conquista pessoal, de um processo de autoformação" (p. 137) e para que as crianças o adquiram é necessário "proporcionar-lhes oportunidades para que eles façam as suas próprias explorações, descubram os seus conhecimentos e estabeleçam as suas relações, motivando-os e estimulando-os nestes propósitos" (p. 127) e só as metodologias ativas proporcionam esse tipo de aprendizagem. Acredito e defendo que a dinâmica e interesse que as

metodologias ativas despertam nas crianças e a forma como contribuem para o seu desenvolvimento integral, minimizam e por vezes conseguem mesmo superar a falta de recursos com que nos podemos deparar.

Bibliografia

Referências bibliográficas:

- Arends, I.,R (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Editora McGraw – Hill de Portugal.
- Bell, J. (2008). *Como realizar um projecto de investigação* (4ª edição). Lisboa: Gradiva.
- Bloch, M. (s.d). *Introdução à História* (6ª edição). Lisboa: Publicações Europa – América. Coleção saber.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Chaffer, J. & Taylor, L. (1984). *A História e o professor de história*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Chard, S. & Katz, L. (1997). *A Abordagem de Projecto na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Citron, S. (1990). *Ensinar a História hoje: a memória perdida e reencontrada*. Lisboa: Livros Horizonte
- Collingwood, G. R. (2001). *A ideia de história*. Lisboa: Editorial Presença
- Costa, António Firmino da . (2007). *A pesquisa de terreno em sociologia* (14ª edição). In: Metodologia das ciências sociais / orgs. Augusto Santos Silva, José Madureira Pinto. Porto: Afrontamento, p. 129-148
- Félix, N. & Roldão, C.M. (1996). *Dimensões formativas de disciplinas do ensino básico – História*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Gesell, A. (1977). *A criança dos 5 aos 10 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Leite, E., Malpique, M., & Santos, M.R. (1991). *Trabalho de Projecto: 1. Aprender por projectos centrados em problemas*. (2ª edição) Porto: Edições Afrontamento. Coleção Ser Professor

Piaget, J (1976). *A aprendizagem pela acção: Como as crianças constroem o conhecimento*. In M. Hohmann & D. Weikart, *Educar a Criança* (p.32). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sousa, A. (2003). *Liberdade, espontaneidade não directividade*. In A. Sousa, *Educação pela arte e arte na educação: bases psicopedagógicas* (pp. 121-133). Lisboa: Instituto Piaget.

Vasconcelos, T (Coord). (2011). *Trabalho por projetos na Educação de Infância: Mapear aprendizagens. Integrar Metodologias*. Ministério da Educação e Ciência. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Vasconcelos, T. (2009). *Prática Pedagógica Sustentada: cruzamento de saberes e de competências*. Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa: Edições Colibri.

Artigos publicados em periódicos eletrónicos:

Coutinho, C. (2008). *Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Recuperado em: http://faadsaze.com.sapo.pt/1_resumo.htm. Consultado a 21 de maio de 2014, pelas 21:58h.

Direção Geral de Educação, Ministério da Educação, (s,d). *Programa de Estudo do Meio* [formato PDF]. Recuperado em: <http://dge.mec.pt/metascurriculares/index.php?s=directorio&pid=48>. Consultado a 31 de março de 2015, pelas 14:03h.

Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica. *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais* [formatos PDF]. Recuperado em: http://www.esamarante.edu.pt/oferta/Curriculo_Nacional_3ciclo.pdf. Consultado a 02 de abril de 2015, pelas 22:56h.

Ministério da Educação (s.d). *Metas Curriculares de Estudo do Meio [formato PDF]*. Consultado a 24 de maio de 2015, pelas 17:04h.

Nascimento, V.F (s.d). *A Interdisciplinaridade na prática pedagógica do educador: Um elemento possibilitador de formação cidadã e inclusão social*. Recuperado em: http://pt.slideshare.net/Gerdian/interdisciplinaridade-14251264?next_slideshow=1. Consultado a 31 de março de 2015, pelas 13:19h.

Nóvoa, A. (s.d.). *Educação 2021: Para uma história do futuro [formato online]*. Recuperado em: <http://pt.slideshare.net/matiasalves/nvoa-educao-2021-para-uma-histria-do-futuro>. Consultado a 1 de maio de 2015, pelas 19:54h.

Oliveira-Formosinho, J. (2009). *Limoeiros e laranjeiras [formato pdf]*. Recuperado em: <https://www.google.pt/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=pedagogia%20em%20participa%C3%A7%C3%A3o%20-%20julia%20formosinho>. Consultado a 1 de maio de 2015, pelas 21:35

Trindade, R. (2012). *O Movimento da educação Nova e a Reinvenção da Escola: Da afirmação de uma necessidade aos equívocos de um desejo [formato online]*. Recuperado em: https://books.google.pt/books?id=IAKIXdyxiSUC&pg=PA2&lpg=PA2&dq=Autor+Rui+Trindade+-+escola+nova&source=bl&ots=-4-T_ktYLP&sig=2BC8rgbo5avVQ38qNFAVtp-T6W0&hl=pt-PT&sa=X&ei=qz1DVdmjGvK07Qa26IC4BQ&ved=0CFEQ6AEwCA#v=onepage&q=Autor%20Rui%20Trindade%20-%20escola%20nova&f=false. Consultado a 1 de maio de 2015, pelas 10:08

Anexos

Anexo I - Notas de Campo

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Lançar e estruturar o projeto “Histórias da história – Atividade 1**Data:** 03/02/2015**Hora:** Das 9h15 às 10h30**Local:** Sala de aula**Intervenientes:** Alunos e estagiária.**Sexo:** Feminino e masculino**Idade:** 8 anos**Outros indicadores de Contexto:** Entre alunos, em diferentes grupos

Descrição	Inferência
<p>Esta conversa decorreu durante a primeira atividade do trabalho de projeto (atividade 1), quando pedi aos alunos que registassem as informações relativas ao seu tema numa grelha de estruturação disponibilizada por mim. No decorrer da mesma fui ouvindo e registando alguns comentários dos alunos entre si:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aprendiam é com m? - Sim! Com m é no passado, no futuro é com til. <p>Noutro grupo o dilema estava em conseguirem passar da folha de rascunho para as suas grelhas uma vez que lhes pedi para fazerem primeiro nessa folha de rascunho e só depois, quando discutissem e tivessem a certeza do que queriam pesquisar, passassem para grelhas. Surgiu então uma situação de ditado, de aluno para aluno, e alguns comentários pelo meio:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pelos é uma palavra homónima! Povo é com maiúscula? - Não! Só os nomes das cidades e dos reis. - Fixar não é o mesmo que juntar. - Fixar também pode ser pôr na cabeça. <p>Uma das alunas que pertencia ao grupo que ia tratar a questão “Como se divertiam os diferentes grupos sociais, na Idade Média?” enquanto preenchia a sua grelha de estruturação, comentou:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O povo é uma incógnita, um mistério! 	<p>Deste diálogo infere-se que, embora o tema abordado diga respeito ao conhecimento histórico, em situação de grupo, os alunos mobilizam e partilham conhecimentos e experiências associadas a outras áreas do saber.</p> <p>Os alunos partilham saberes interdisciplinares e aprendem em grupo.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A pertinência desta nota de campo reside na evidência da partilha de saberes interdisciplinares resultantes do diálogo entre alunos em situação de trabalho de grupo.

Estando o trabalho de projeto na Fase II (Definição do problema), os alunos dialogam em pequeno grupo e a constroem a grelha de estruturação do projeto, tarefas próprias desta fase e, ao mesmo tempo trocam experiências e saberes já adquiridos.

Para definir a importância destes diálogos entre alunos podemos voltar a referir os autores já apresentados no Capítulo I, Formosinho e Oliveira-Formosinho (2009), citados no documento elaborado pela equipa coordenada por Teresa Vasconcelos (Portugal, 2011) quando afirmam que as pedagogias de trabalho de projeto “produzem a ruptura com uma pedagogia tradicional transmissiva para promover outra visão do processo ensino-aprendizagem e do(s) ofício(s) de aluno e professor.” (p.7) e concretizam-se através da “criação de espaços e tempos pedagógicos onde a ética das relações e interações permite desenvolver actividades e projectos que valorizam a experiência, os saberes e as culturas das crianças em diálogo com os saberes e as culturas dos adultos.” Estes autores consideram que o papel do aluno “é questionar, participar na planificação das actividades e projectos, investigar, cooperar”, enquanto ao professor cabe “organizar o ambiente, escutar e observar para planificar, documentar, avaliar, formular perguntas e estender os interesses e conhecimentos da criança e do grupo em direcção à cultura.” (idem, p.8)

Neste tipo de trabalho a presença do professor torna-se mais discreta e os alunos ganham mais autonomia e liberdade para interagirem em pequeno grupo, tornando-se mais ativos na construção das suas aprendizagens.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: 2

Situação: Pesquisar e selecionar informação - Atividade 2

Data: 06/02/2015

Hora: Entre as 11:30 e as 12:00

Local: Biblioteca

Intervenientes: Alunos e estagiária.

Sexo: Feminino e masculino

Idade: 8 anos

Outros indicadores de Contexto: Entre alunos do mesmo grupo e alunos de diferentes grupos.

Descrição	Inferência
<p>À medida que os grupos iam organizando e registando as suas pesquisas fui observando as dinâmicas estabelecidas e registando alguns comentários que considere relevantes:</p> <p><u>Num dos grupos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Não faz sentido porque foi o rei que morreu, não pode haver duas rainhas! - A aluna referia-se à esposa do rei e possibilidade de ser uma filha a suceder-lhe. - Nas últimas dinastias há dois reis que só tiveram filhas raparigas por isso quando ele morreu teve de ser uma delas a substituí-lo. - Já está! Só não sei se a irmã do rei pode ou não governar quando ele não tem filhos, mas vou pesquisar. <p><u>Noutro grupo</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Como é que os reis aprendiam? - Esta a professora já ensinou. Naquela altura havia os aios que ensinavam os reis. - No star wars uma aia morreu para a princesa não morrer, ela fez-se passar por princesa. - Também descobri alguns alimentos dessa época. Sei que havia massa porque vi no computador, na wikipédia. <p><u>Entre grupos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Já estás a ver imensa coisa nesse livro não é? Pois, eu disse, 	<p>Pode inferir-se dos diálogos entre os alunos que estes já estão envolvidos no projeto, pois todos os diálogos remetem para as temáticas em estudo.</p>

<p>esse é muito mais para o teu trabalho.</p> <p>De seguida a menina acrescentou outra à sua grelha de estruturação, que encontrou nesse livro “ Porque usavam os reis e as rainhas coroas?”, e anotou nas suas folhas de registo a resposta à mesma. À medida que registava a informação perguntou-me o que era reluzente e distintivo. Em vez de lhe dar a resposta diretamente desafiei-a a ir pesquisar no dicionário.</p> <p>A aluna, muito empenhada, aceitou a sugestão e continuou o seu trabalho acrescentando:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Queria fazer mais uma pergunta para o meu trabalho mas estou sem ideias. - Uma pergunta que não seja óbvia! – Comentou um colega de outro grupo. - Sim, dá-me lá uma ideia para o meu tema. – Sugeriu a menina. 	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Tal como foi referido no Capítulo I, Leite, Malpique e Santos (1991) definem o trabalho de projeto como “Uma metodologia que resulta da necessidade de articular, de forma coerente e sistemática, um projecto que incorpora a intervenção de um grupo de indivíduos com diferentes formações, diferentes experiências, aptidões, saberes, alimento para o trabalho inter/transdisciplinar.” (p.75)</p> <p>Analisando os diálogos entre os alunos observa-se que estes possuem conhecimentos prévios disciplinares “Esta a professora já ensinou” e transdisciplinares “No star wars uma aia morreu para a princesa não morrer, ela fez-se passar por princesa”, Também descobri alguns alimentos dessa época. Sei que havia massa porque vi no computador, na wikipédia”.</p> <p>Verifica-se que o trabalho de projeto está a entrar na Fase III (Execução), momento em que os alunos pesquisam, organizam e aprofundam conhecimentos e reformulam o esquema inicialmente construído (um dos grupos acrescentou uma questão à grelha de estruturação inicial, por sugestão de um dos seus elementos). Esta dinâmica é realçada pelos autores do documento elaborado sob a coordenação de Teresa</p>	

Vasconcelos (Portugal, 2011), já mencionadas no Capítulo I, ao referirem que as fases do trabalho de projeto “não são apenas sequenciais no tempo, num desenvolvimento linear. Entrecruzam-se, reelaboram-se de forma sistémica, numa espécie de espiral geradora de conhecimento, dinamismo e descoberta.” (p. 17)

Esta nota de campo permite observar que o trabalho de projeto favorece a dinâmica de aprendizagem que, por sua vez, facilita a aquisição de conhecimentos disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, através da troca de conhecimentos e experiências entre todos os elementos envolvidos (mediação da aprendizagem).

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: 3

Situação: Pesquisar e selecionar informação- Atividade 2

Data: 11/02/2015

Hora: Das 14: 05 às 15:30

Local: Sala de aula

Intervenientes: Alunos e estagiária.

Sexo: Feminino e masculino

Idade: 8 anos

Outros indicadores de Contexto: Entre alunos e estagiária e entre alunos de diferentes grupos.

Descrição	Inferência
<p>No decorrer da atividade de pesquisa fui passando por todos os grupos e fui registando algumas observações e comentários entre os alunos, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A C. (eu) tirou daqui muitas imagens! – O aluno referia-se às imagens que usei em atividade anterior para construir o Power Point acerca da Idade Média - Estamos a sublinhar a informação mais importante porque trouxe informação a mais. <p>Um dos alunos do grupo cujo tema era “Que profissões existiam na idade média?” já sabia que uma das profissões daquela época eram os tecelões mas não tinha conseguido encontrar na internet informações relativas a essa profissão. No entanto, lembraram-se que na prova de português, realizada na semana anterior, o texto que apareceu foi um excerto de um dos contos de Guerra Junqueiro, “O fato novo do sultão” cuja história tinha sido trabalhada recentemente numa aula e que não só fazia referência a essa arte como tinha imagens associadas à mesma.</p> <p>Um aluno foi ao seu cacifo buscar o livro onde constava esse conto e quando me aproximei do grupo ele disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vimos na história “O fato novo do sultão” informações sobre os tecelões e vamos escrevê-la também na folha que nos deste. A 	<p>Nos diálogos aqui apresentados evidencia-se o envolvimento dos alunos na recolha de informação (quer em casa quer nos livros disponibilizados na aula) bem como a aplicação de algumas regras de tratamento da informação (sublinhar e resumir).</p> <p>Salienta-se, ainda, o conhecimento dos alunos relativamente ao trabalho que está a ser desenvolvido por cada grupo do qual resulta a</p>

<p>informação que eu já trouxe do ferreiro e do pedreiro já está resumida por outras palavras.</p> <p>Quando, mais tarde, voltei a passar pelo grupo um dos elementos do mesmo disse-me:</p> <p>- Obtive muita informação dos tecelões, vou ler-lhe – e leu.</p> <p>Noutro grupo um aluno diz:</p> <p>- Já fiz também a catapulta!</p> <p>- Olha, já tenho também a besta e o canhão.</p> <p>Depois, perguntou ao colega do lado, que pertencia ao grupo cujo tema era “As profissões na Idade Média”.</p> <p>- F, conheces mais alguma arma, já que o ferreiro fazia armas?</p> <p>O colega olhou para a capa dele, observou as armas já representadas e disse:</p> <p>- Falta-te a torre de assalto.</p> <p>- Ah! A torre de assalto, pois é! Obrigada pela ideia.</p>	<p>colaboração entre os vários grupos.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>“Katz e Chard (1989), citadas no documento elaborado pela equipa coordenada por Teresa Vasconcelos (Portugal, 2011), consideram que o trabalho de projecto ajuda a criança a desenvolver hábitos da mente que serão duradouros: a capacidade de imaginar, de prever, de explicar, de pesquisar, de inquirir.” (p.18) e que “o trabalho de projecto pretende cultivar e desenvolver a vida inteligente da criança, activando saberes, competências, a sensibilidade estética, emocional, moral e social.” (Idem)</p> <p>Alguns dos valores destacados pelas autoras podem ser identificados através dos diálogos aqui apresentados, tais como: a capacidade de pesquisar “Estamos a sublinhar a informação mais importante porque trouxe informação a mais.”, de inquirir “F, conheces mais alguma arma, já que o ferreiro fazia armas?” e ativar saberes e competências “Vimos na história “O fato novo do sultão” informações sobre os tecelões e vamos escrevê-la também na folha que nos deste.”</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

Situação: Aula sobre medidas de comprimento**Data:** 24/02/2015**Hora:** 10:00 às 10:20**Local:** Sala de aula**Intervenientes:** Professora cooperante e dois alunos**Sexo:** Feminino/Masculino**Idade:** 8 anos.**Outros indicadores de Contexto:** os alunos encontravam-se nas mesas de trabalho, atentos à explicação da professora, intervindo quando queriam fazer algum comentário ou colocar alguma dúvida.

Descrição	Inferência
<p>No dia 24 de fevereiro a professora continuou a dar as medidas de comprimento, através da leitura do livro “Tu medes e eu peso”. Posteriormente, ao colocar no quadro as abreviaturas das medidas de comprimento e a sua sequência, deu destaque ao m (metro) afirmando que este era o rei e colocando sobre o m, o desenho de uma coroa. Logo de imediato, quando começou a escrever as abreviaturas existentes do lado direito do m, dando-lhes o nome de submúltiplos, uma aluna referiu:</p> <p>- Então esses são o povo!</p> <p>Quando finalizou escrevendo os múltiplos, presentes do lado esquerdo do m (dam, hm, km), outro aluno acrescentou:</p> <p>- “Então esses podem ser o clero e a nobreza!”</p>	<p>Esta estratégia utilizada pela professora, que recorreu à interdisciplinaridade, fazendo apelo ao que os alunos tinham aprendido na aula de História, para facilitar a compreensão e aprendizagem de um novo conceito matemático (a hierarquia entre as unidades de medida), permitiu motivar os alunos para novas aprendizagens e observar que estes tinham adquirido o conceito de hierarquia e eram capazes de aplicá-lo noutros contextos (aprendizagem significativa).</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Ao aplicar às unidades de medida o conceito de hierarquia que aprenderam nas aulas de História, os alunos revelam ter compreendido esse conceito e serem capazes de aplicá-los a outros contextos, facilitando a aquisição de novos conhecimentos.

É este tipo de aprendizagem que se pretende que os alunos adquiram, pois permite-lhes relacionar os conhecimentos, desenvolver o espírito crítico e compreender melhor o mundo que os rodeia.

Ausubel (1976) parafraseado por Paula G. e Bida G. defende que a incorporação de novos conhecimentos de maneira significativa ocorre a partir do que o aluno já sabe. Ele afirma ainda, que se o conteúdo não for significativo para o aluno, será armazenado de maneira isolada, podendo esquecê-lo em seguida, ocorrendo apenas a aprendizagem mecânica.

Através das intervenções dos alunos observa-se que estes perceberam a relação de poder existente entre os vários grupos sociais da idade média que estão a estudar e por essa razão conseguiram aplicar um conhecimento da História a um contexto de aprendizagem da matemática, utilizando a interdisciplinaridade. Se assim não fosse eles teriam esquecido essa relação de poder ou então memorizá-la-iam e aplicá-la-iam apenas no contexto da disciplina de História.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

5

Situação: Construir o livro - Atividade 3**Data:** 25/02/2015**Hora:** Das 09:20 às 10h**Local:** Sala de aula**Intervenientes:** Alunos e estagiária.**Sexo:** Feminino e masculino**Idade:** 8 anos**Outros indicadores de Contexto:** Entre alunos e estagiária e entre estagiária

Descrição	Inferência
<p>Neste dia, tal como nas atividades anteriores, fui registando alguns comentários que apresento a seguir:</p> <ul style="list-style-type: none"> - C., vou alterar esta palavra. Em vez de pôr passagens subterrâneas, podemos pôr que havia passagens secretas. Mas tenho de lhes perguntar para ver se eles concordam - referindo-se aos restantes elementos do grupo. - Vou fazer duas crianças a lutar para treinarem, para serem guerreiros - disse um dos alunos, enquanto se preparava para ilustrar a página onde já tinha registado a informação de que os guerreiros “Preparavam-se desde a infância para serem guerreiros eficientes, leais e corajosos”. - Eu só fiz o índice para as pessoas não perderem tempo a ler coisas que não querem. Como a C. disse, facilita a vida! - Um dos alunos, muito entusiasmado, disse que tinha conseguido descobrir, finalmente, com a ajuda do irmão, a informação que o grupo tanto precisava de saber, relativamente ao modo como eram fixadas as pedras dos castelos, antigamente. O aluno informou os colegas do grupo que, segundo a pesquisa que fez com o irmão mais velho, na Internet, as pedras dos castelos se fixavam com barro. Informou também que uma experiência atual de construção de um castelo, em Yonne, na França, que mostra que “com 50 trabalhadores e usando técnicas antigas, um castelo demorava 25 anos a ser construído”. Todos 	<p>As manifestações dos alunos revelam que estes mantêm o interesse pelas atividades de pesquisa e tratamento da informação; que respeitam as regras de trabalho de grupo; que aplicam regras de tratamento da informação e partilham as suas descobertas com os seus pares e com a professora/estagiária</p>

os elementos do grupo concordaram que esta última informação era bastante interessante e que deveria constar nos seus livros.	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Nestas manifestações dos alunos está presente o papel da mediação na aprendizagem através de vários agentes, tais como o professor/estagiária “Eu só fiz o índice para as pessoas não perderem tempo a ler coisas que não querem. Como a C. disse, facilita a vida!”, ou da família “com a ajuda do irmão.”</p> <p>Tal como refere Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo.”¹</p> <p>Observa-se também alguma maturidade ao nível do funcionamento do grupo, evidente aqui quando a criança diz “Mas tenho de lhes perguntar para ver se eles concordam”.</p> <p>Segundo Gesell (1977), já referido co Capítulo I, aos oito anos, “Na escola, a criança já alcançou um bom quinhão de liberdade. Já não é tão dependente da professora como dantes era.” (p. 179) Nesta idade, a professora “Figura mais como um potentado benévolo e moderador.” (Idem)</p>	

¹ Citação retirada de apontamentos de uma aula de pedagogia, no 2º ano da licenciatura.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

6

Situação: Representar o planeamento em teia - Atividade 3**Data:** 25/02/2015**Hora:** Das 09:20 às 10h**Local:** Sala de aula**Intervenientes:** Alunos e estagiária.**Sexo:** Feminino e masculino**Idade:** 8 anos**Outros indicadores de Contexto:** Enquanto uns grupos finalizavam a construção dos livros, outros davam início ao planeamento em teia.

Descrição	Inferência
<p>Após a minha explicação sobre a forma de representar o planeamento em teia, uma aluna comentou:</p> <ul style="list-style-type: none"> - C, primeiro vou pôr a questão base e as outras, porque isso eu percebi, mas depois chamo-a para me vir explicar o resto. <p>Um aluno do grupo que pesquisava sobre “como se conquistavam as terras”, enquanto finalizava o seu livro, comentou:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se invadissem o meu castelo eu fugia! - Fugas? – perguntei - Então não davas luta com todas essas armas que pesquisaste e desenhaste para o teu trabalho? - Não, não percebeste. Ou se morria, ou se fugia, ou se rendia e, destas, eu preferia fugir. <p>No grupo dos “Reis e rainhas da Idade Media” para a qual o grupo procurava resposta era “Onde é que as rainhas tinham os filhos?”.</p> <p>Uma das alunas que já tinha escrito no seu livro a resposta a essa pergunta, na hora de fazer a ilustração relativa à mesma, chamou-me e perguntou?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Posso não fazer este último desenho? Não sei como fazer a rainha deitada a ter o bebé. <p>Uma colega estava a ouvi-la e sugeriu-lhe que fizesse a rainha deitada na cama com o bebé já ao seu colo. Ela aceitou a</p>	<p>Nestes diálogos os alunos revelam a capacidade de interação, aceitação, argumentação e cooperação.</p> <p>As crianças pedem ajuda, aceitam sugestões, justificam os seus pontos de vista e as suas opções e cooperam na resolução de diferentes situações.</p>

<p>sugestão e agradeceu.</p> <p>Um dos alunos que estava já a fazer o planeamento em teia colocou o dedo no ar e perguntou-me como é que unia aqueles tópicos que tinha representado para referir que, em todos eles, a informação tinha sido retirada do mesmo sítio se uns estavam em cima e outros em baixo. Percebi o dilema e sugeri-lhe que utilizasse o asterisco. O aluno colocou então em cada grupo a sinalização *1, e *2, seguidas da palavra “internet” para identificar a fonte de informação.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Segundo Gesell (1977), aos oito anos, a criança “Acima de tudo, começou a ver-se mais claramente a si mesma como uma pessoa entre pessoas, actuando, participando e fruindo.” (p. 184) Afirma, ainda, o autor que, nesta idade, cada criança “tem nítida consciência do grupo escolar como grupo de que faz parte e para com o qual tem certas obrigações. A professora já não precisa de circular tanto pela sala para dar a cada criança a sua assistência pessoal.” (p. 179)</p> <p>Estas capacidades das crianças de oito anos, realçadas pelo autor, revelam a sua maturidade para trabalhar em grupo, mesmo quando estão a trabalhar individualmente (realizando as tarefas que lhes competem) e reforçam a importância do papel do professor como mediador.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

7

Situação: Durante a construção de um marcador de livro**Data:** 05/03/5015**Hora:** No período da tarde – 13:45 às 16:00**Local:** Sala de aula**Intervenientes:** Estagiária e aluno**Sexo:** Masculino**Idade:** 8 anos.**Outros indicadores de Contexto:** O aluno estava a construir um separador de livros

Descrição	Inferência
<p>O aluno está a construir um separador de livros utilizando recortes de revistas e tecidos e pede-me ajuda para recortar um tecido, porque não está a conseguir. Ao mesmo tempo, relata a história que está a construir, que se relaciona a com “História” e diz:</p> <p>- O polvo é o rei e o tecido vermelho, que está por baixo, é o trono do rei; as postas de pescada que estão por baixo representam os seus súbitos; em cima está um tecido às flores (aquele que o aluno não conseguia recortar) que representa o trono do sucessor do rei, o seu filho; como não há mais nenhum polvo o filho do rei fica mesmo o hambúrguer.</p> <p>O aluno pegou no seu marcador e, muito contente, foi colocá-lo no livro que estava a ler (no tempo de leitura estipulado pela professora – 10 minutos após a entrada, no período da tarde)</p>	<p>Tal como noutro caso referido anteriormente, verifica-se nesta situação mais uma evidência de aprendizagem significativa em que o aluno aplica os conhecimentos sobre a História para ele próprio construir uma história através do recorte e colagem.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Tendo em conta que nem sequer foi pedido ao aluno que contasse uma história, pois poderia construir o seu marcador de livros utilizando os elementos decorativos que bem entendesse, o aluno não só utilizou esses elementos para reconstruir o seu conhecimento

histórico como foi capaz de contar, oralmente a história imaginada, com base em conhecimentos reais.

Considero que esta atitude da criança é reveladora de como estas têm facilidade em reproduzir o conhecimento, aplicando-o a novos contextos, quando lhes atribui significado. Neste caso o aluno revela que o conhecimento histórico que adquiriu é realmente significativo ao conseguir transportá-lo para um contexto diferente

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

Situação: Preparação do Baú das “Histórias da História” e recolha da opinião dos alunos sobre o trabalho de projeto – Atividade 6

Data: 06/03/2015

Hora: Das 12:40 às 13:45 (hora do intervalo) e das 15:15 às 16:00

Local: Sala de aula

Intervenientes: Alunos e estagiária.

Sexo: Feminino e masculino

Idade: 8 anos

Outros indicadores de Contexto: Conversa resultante do preenchimento de um pequeno questionário de auto e heteroavaliação.

Descrição	Inferência
<p>Após a conclusão do trabalho de projeto entreguei aos alunos um pequeno questionário elaborado por mim, composto por uma pergunta de escolha múltipla e duas de resposta aberta.</p> <p>Num dos grupos, a primeira questão levou a uma troca de ideias entre os seus elementos, quando um deles, ao avaliar a colaboração dos colegas do grupo considerou que deveria identificá-los para diferenciar a colaboração dos mesmos, conforme se pode observar no diálogo que se segue, que envolve os três elementos do grupo:</p> <p>G - Tens de admitir D, que podias ter ajudado mais. C, ele podia ter ajudado! Não ter feito barulho já era uma grande ajuda.</p> <p>D – Mas, vocês não precisavam de ajuda e eu estava muito atrasado. E vocês também não me pediram ajuda!</p> <p>T - É um trabalho de grupo, não é preciso pedir ajuda.</p> <p>D – Mas, vocês também não me ajudaram!</p> <p>G – Dirigindo-se a mim – C, sabe porque é que não ajudei o D, porque como ele só estava a falar e eu pensei que já estivesse muito à frente.</p> <p>Relativamente às outras duas questões (de resposta</p>	<p>Os diálogos aqui apresentados salientam a capacidade das crianças para avaliar o seu trabalho e o trabalho dos seus pares, bem como a capacidade para aceitar críticas e justificar comportamentos. Verifica-se também que os alunos destacam como pontos positivos a possibilidade de escolha do que queriam aprender sobre o tema e a oportunidade de trabalharem em equipa. Um aluno refere como aspeto negativo a</p>

<p>aberta) surgiram respostas que considero bastante pertinentes, seguindo-se a transcrição de algumas delas:</p> <p>Relativamente à questão – Gostaste de realizar este trabalho? Porquê?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sim, porque trabalhámos em equipa e por trabalhar em equipa conseguimos acabar o livro. - Sim, gostei, porque estava com os amigos. - Sim, porque gosto de História e acho que foi uma boa ideia. - Eu gostei de realizar este trabalho, porque consegui recolher muita informação nova. - Sim, porque fizemos um bom trabalho e ajudámo-nos umas às outras. - Sim, gostei de fazer este trabalho, porque foi a primeira vez que fiz um trabalho em equipa. - Eu gostei muito porque trabalhei em equipa e também porque gosto de escrever e ler. - Sim, eu adorei realizar este trabalho porque acho que é uma boa maneira de passarmos mais tempo juntos e ao mesmo tempo aprender história; - Sim, eu gostei de fazer este trabalho porque, foi o primeiro trabalho de grupo que nós fizemos e porque foi um trabalho da nossa nova matéria. - Sim, porque senti-me mais próxima das minhas colegas, diverti-me imenso ... - Sim, acho que foi uma ótima influência para todos nós e gostei principalmente porque adoro a Idade Média e acho que foi um ótimo trabalho de grupo. Acho que foi um bocado mal planeado pelo grupo mas de resto foi ótimo. <p>Perguntei a este último aluno o que é que ele queria dizer quando escreveu que foi “mal planeado” pelo grupo. Ele respondeu que o “mal planeado” tinha a ver com o facto de ter sido uma “trapalhice” reunirem a informação porque não conseguiram reunir-se fora da escola.</p>	<p>dificuldade sentida pelo grupo, fora da escola, no período de recolha de informação.</p>
---	---

<p>Relativamente à questão – O que gostaste mais de fazer? (escrita pelos alunos porque foi pensada posteriormente à elaboração do documento)</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que eu mais gostei foi poder fazer as perguntas à nossa escolha e podermos ter liberdade. - Gostei de fazer a ilustração das batalhas e de fazer um grupo com o meu melhor amigo. - O que eu mais foi de pesquisar e de fazer o livro. - O que eu mais gostei de fazer foi apresentar o projeto. - Gostei de todas as etapas do projeto. - O que eu mais gostei foi de apresentar, fazer o livro e ajudar os colegas. - O que mais gostei foi de trabalhar em conjunto porque, em equipa, o livro ficou mais completo. - Gostei de fazer a ilustração das batalhas e de fazer um grupo com o meu melhor amigo. - O que mais gostei foi do trabalho de equipa, porque aprendemos a trabalhar juntos. 	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Nesta altura o projeto encontra-se já na última Fase IV (Divulgação/ Avaliação) e verifica-se uma boa participação dos alunos neste processo.</p> <p>Tal como foi referido no Capítulo I, na avaliação do trabalho ocorre “a intervenção dos vários elementos do grupo, o grau de entre-ajuda, a qualidade da pesquisa e das tarefas realizadas, a informação recolhida, as competências adquiridas.” (Portugal, 20011, p. 17)</p> <p>Os diálogos dos alunos evidenciam a avaliação do trabalho nas vertentes acima mencionadas na medida em que os alunos avaliam:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a sua própria colaboração - “Eu gostei de realizar este trabalho, porque consegui recolher muita informação nova.”; - a colaboração dos elementos do grupo – “Sim, porque trabalhámos em equipa e por trabalhar em equipa conseguimos acabar o livro.” 	

- o grau de entre-ajuda - “Tens de admitir D, que podias ter ajudado mais.”;
- a qualidade das pesquisas e das tarefas realizadas - Sim, porque fizemos um bom trabalho e ajudámo-nos umas às outras.”;

Como referem as autoras Leite, Malpique e Santos (1991), “As avaliações são tempos onde se questiona o trabalho desenvolvido “e podem ser apresentadas em diferentes formatos, tais como “verbalização em grupo e ou individualizada, anónima ou personalizada, espontânea ou segundo modelos previamente elaborados.” (p. 80)

Anexo II – Grelhas de estruturação do projeto

Como se divertiam na Idade Média

O QUE SABEMOS?	O QUE QUEREMOS SABER?	Onde vamos procurar?
<p>Nós sabemos que ... Sei Um dos divertimentos do rei era quando dava festas. Nobreza Os cavaleiros divertiam-se a dar passios a cavalo. Clero divertiam-se na escola dando aulas e a embrenzear livros. Sovero</p>	<p>Suozemos saber ... onde brincavam e com que objetos. Rei (caçar, lutar, entrar em torneios, banquetes = travador - quem se levava as histórias = sobre do corte (palhaças) Nobreza (dancas) (caçar, lutar, entrar em torneios, banquetes jogavam jogos, viajavam espetáculos de mola, balão, tiro</p>	<p>Vamos procurar em ... Em livros de história, em Enciclopédias e na internet.</p>
	<p>POVO Feiras, mercados, danças na rua. As crianças brincavam e lutavam na rua</p>	

Leitura

A um livro
A internet

Quais as principais no icarte
Médica

Que fazemos
Meis

Queremos saber aonde
a mais importante e a que
era muito Holandesa?

Quanto, todos
um pouco para
o norte

1

Ferris fás espadas, farradas, escudos.
Sabemos que de trabalho o ferro

2

Fás os castelos. fás castelos muito im-
portante 5 de reis.

Escudo o escudo fás esculturas

Faz os livros
queques
guia o norte

Pastelaria

Cocheiro →

O QUE SABEMOS?	O QUE QUEREMOS SABER?	Onde vamos procurar?
<p>Que os castelos não feitos de pedra; pelo menos do povo; dentro do castelo estavam o povo; a nobreza e o clero; quando ficava cheio; avia pessoas que faziam coisas coladas à muralha na parte de fora.</p>	<p>Como se construíam os castelos e o que havia lá dentro; como se fixavam as pedras do castelo; como se vivia dentro do castelo.</p>	<p>livros e internet.</p>

Amor, NO, F, L, me

Quê sempre procura?

Quê é o meu interesse?

Quê que me faz saber?

Como é a vida de quem sabe?
Deu que não é guerra...
Quisiram eu fazer, que
Moro para conquistar
os outros

Como é a vida de quem sabe?

Quê sempre?

Quê é o rei da sempre

o presente da guerra

monarca no rei sempre

Até agora é um con-

quistado com a

de volta, que é o

no campo de exatidão

verdade, medidos e

for mais católicas

O que sabemos

- Os reis conquistam
- Os reis mandam
- Os reis usam coroa
- Quando um rei morria o filho ficava o novo rei
- Era quase sempre o filho rapaz mais velho
- Os reis escolhiam as rainhas para casar, com o objetivo de ficarem com mais terras e fazerem a paz com outros países.

O que queremos saber?

- Quem podia ser rei ou rainha
- Quando o rei morria e não tinha filhos quem deveria ser rei? — a irmã rapariga ou o primo rapaz?
- Que tipo de comida o rei comia?
- Antes de D. Afonso Henriques ser rei em que escola andava?

Onde vamos trabalhar

- Na internet
- Nos livros
- Na incide pédra

¿ que sabemos?

Nos sabemos que el
deseo es necesario
de los hijos, sus intereses,
- se con el apoyo de padres
+ porque el hijo es con padres.

Tema: Como funcionava o elis?

¿ que queremos saber?

¿ que es elis
que es elis
vivan como
de las insinuar
de el el. Ensi-
maron, como
elis aprendian
a leer, como
funcionava
elisa.

Nombre: Luisa, Maria, Tardina

¿ que queremos preguntar?

¿ como son los computadores,
el internet, a internet, a juegos,
a elis.

Anexo III – Localização da informação selecionada

Livro: A História | Livro: Os castelos tinham fossos
Página: 50, 51 e 55 | Página: 10, 20, 27 e 30

Livro: A Idade Média
Página: 50, 51, 52 e

53

GRUPO DE

Profissões

42, 43, 45 Livro A História

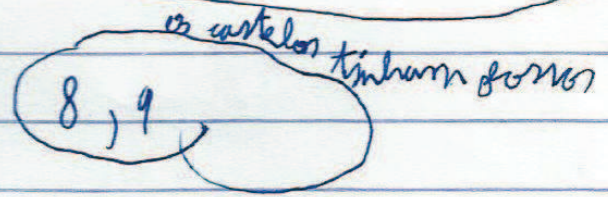
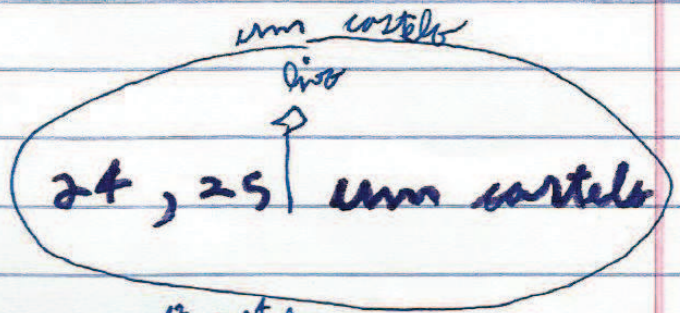
31 Livro A História da Pré-história à internet,
a grande aventura dos homens

livro: A idade média, página: 46 e
47


livro: Um castelo, página: 26027


Francisco, Vasco

VASCO



Ideias ^{cadeira} para ^{cadeira} o projeto



 Como é que sabiam a medida das coroas?



Onde é que as rainhas tinham os filhos, no Hospital?



Como aprendia D. Afonso Henriques?

Quem educou D. Afonso Henriques foi **Egas Moniz** que era o seu aio.

O Quê que o rei Comia?

O rei comia:

Carne, peixe, Cereais, massa, pão de cereais, fruta e bebiam Vinho nos dias de festa.

Porque Usavam os reis e as rainhas coroas?

Uma coroa reluzente era como um distintivo - um modo de mostrar como o rei ou a rainha eram importantes.

Onde é que D. Afonso Henriques nasceu?

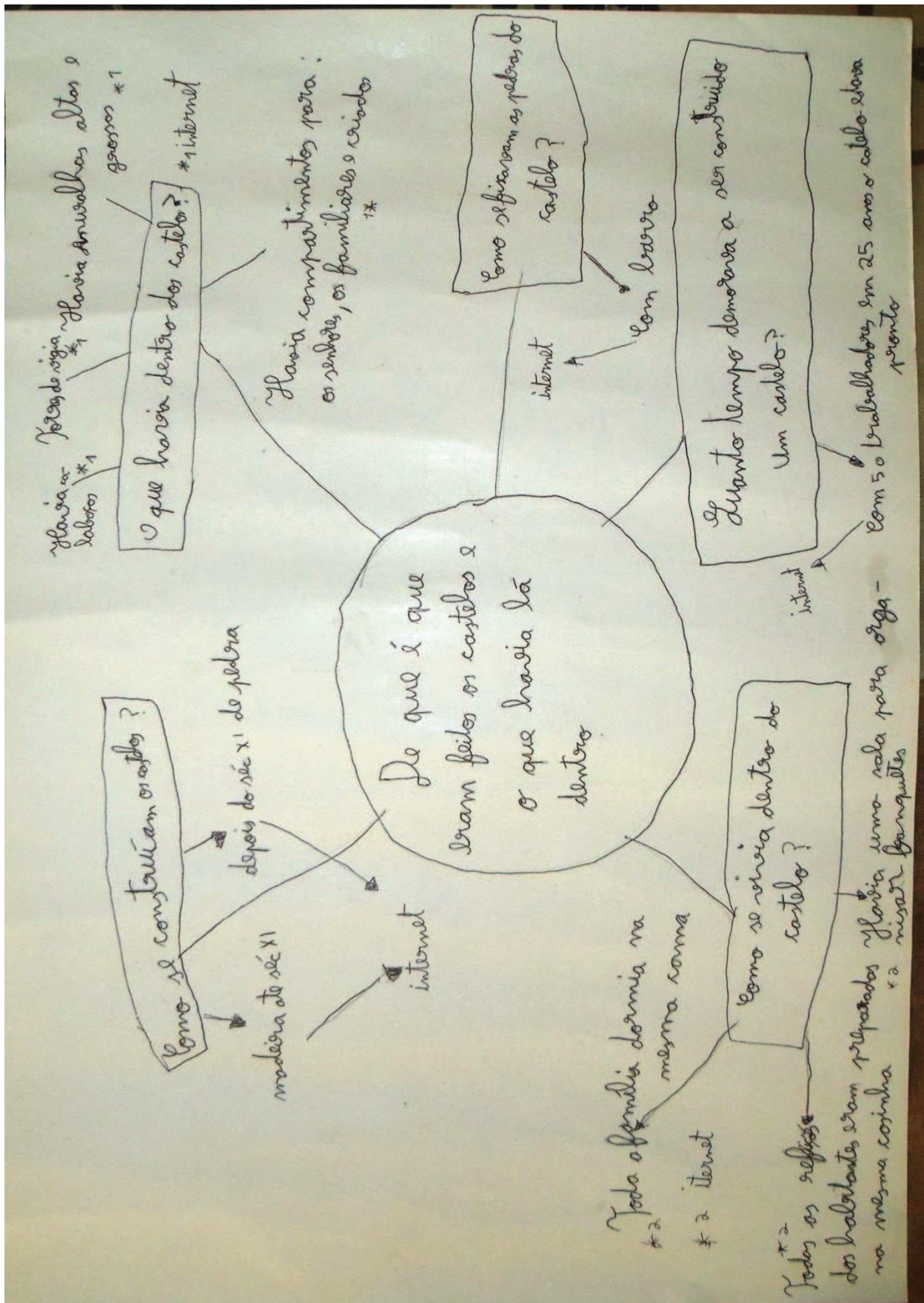
O D. Afonso Henriques nasceu em Coimbra.

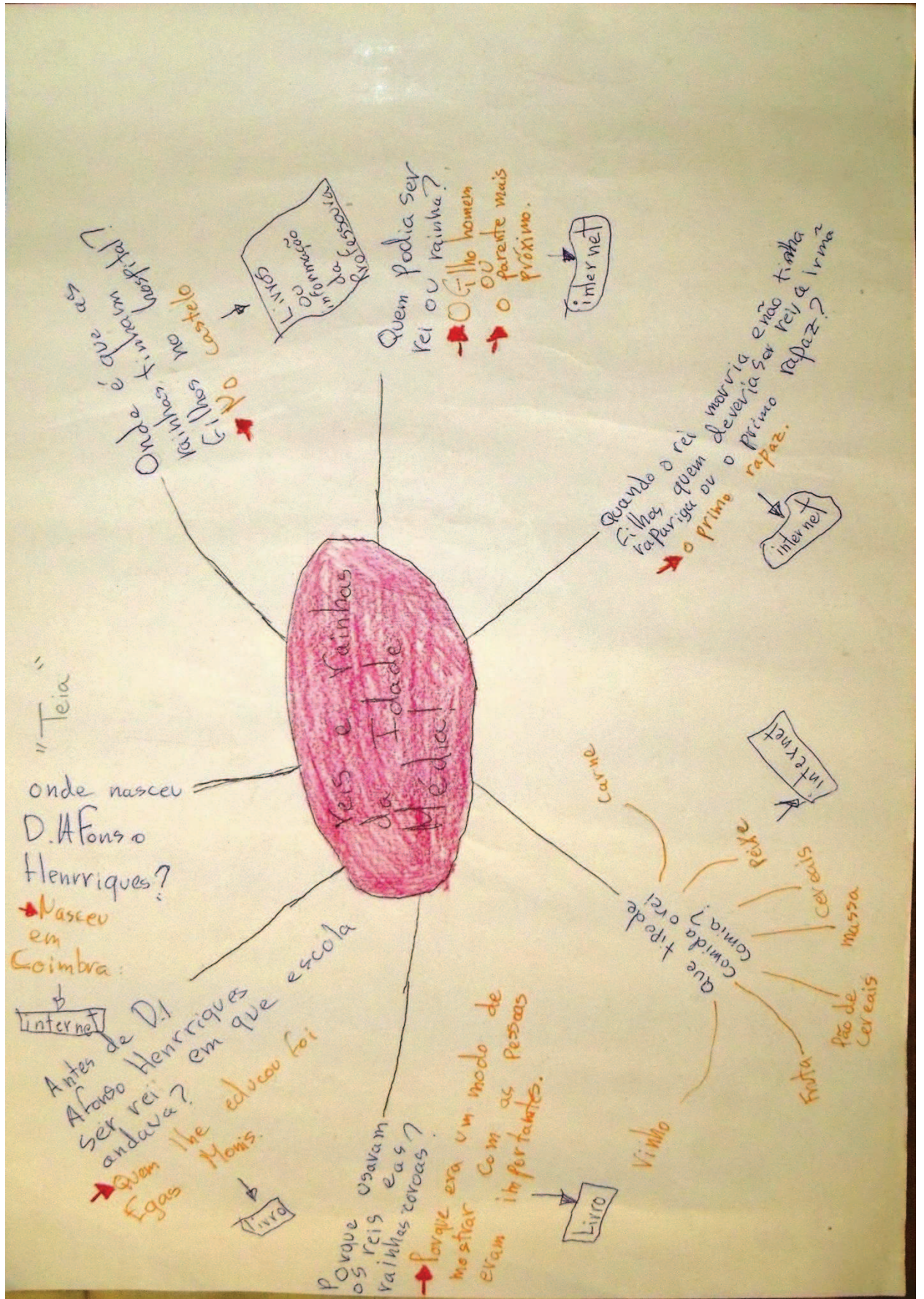
Maria M. Luísa O. Carolina M.

A Idade Média pág 48

A História pág 27

Anexo IV - Planeamento em teia (mapa mental)

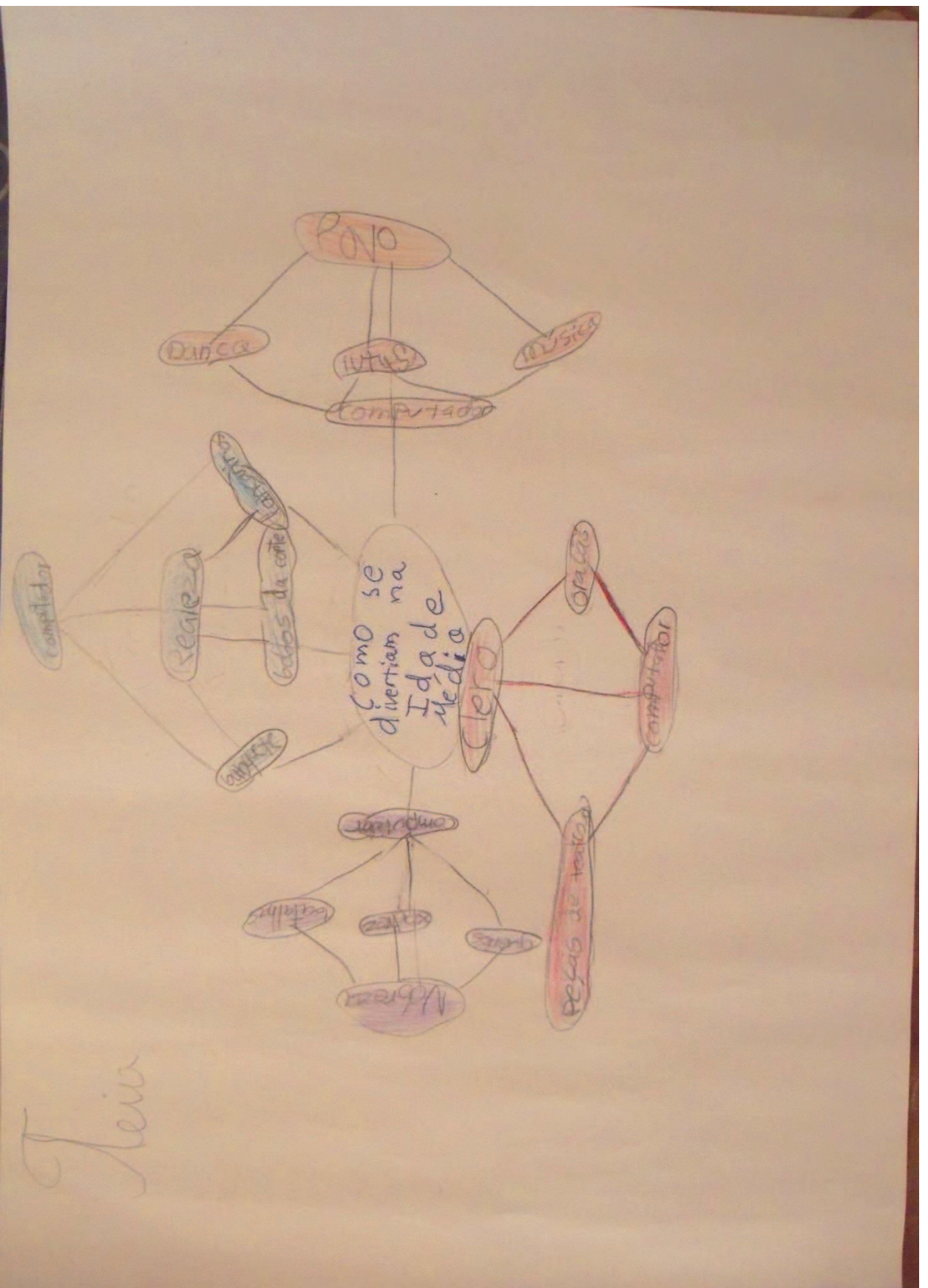


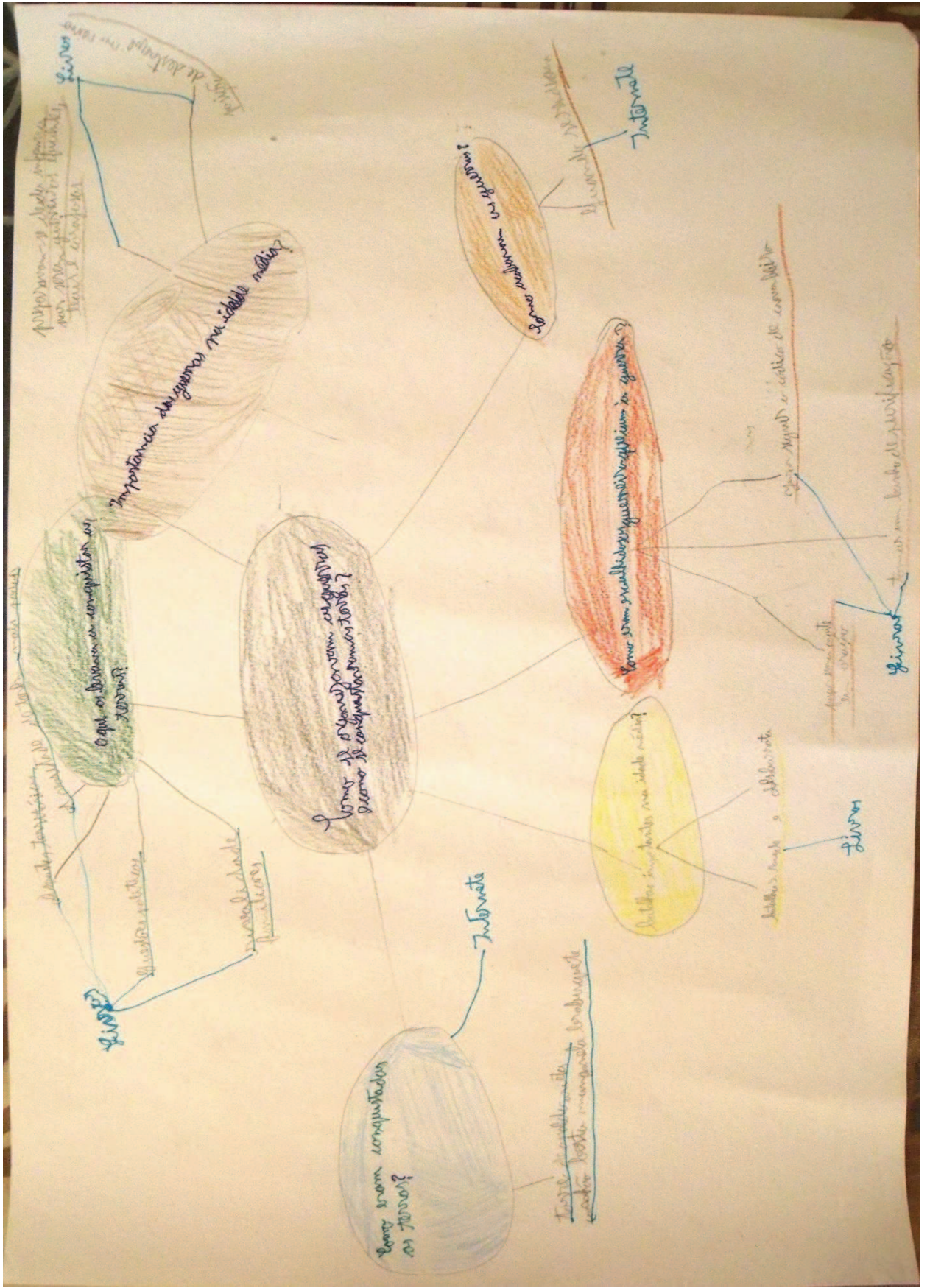


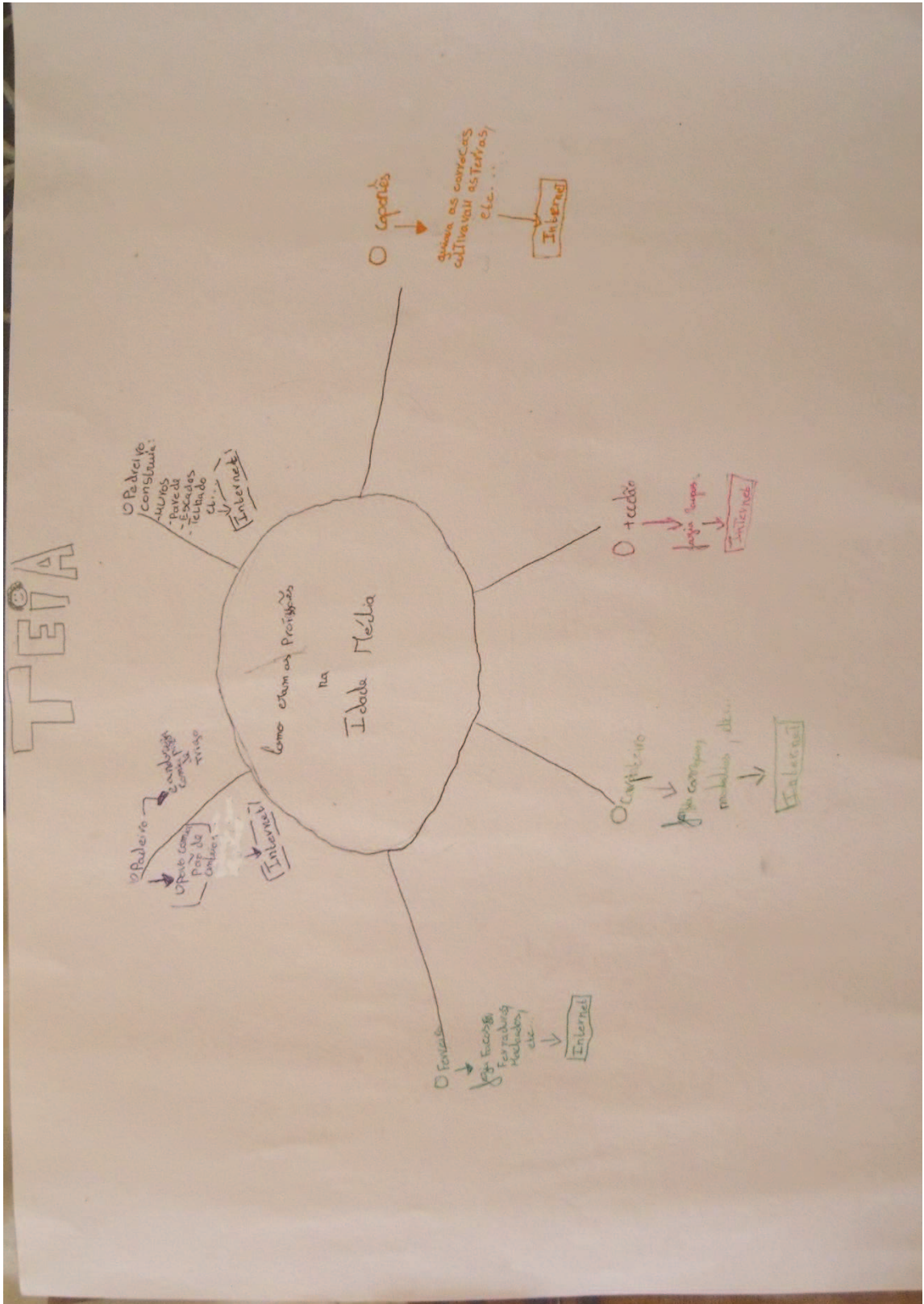
Teia



Teia







Anexo V – Ficha de consolidação de conhecimentos

FICHA FORMATIVA DE ESTUDO DO MEIO - História

Nome: _____ Data: ____/____/____

A Idade Média

Terminado o projeto de pesquisa sobre a História da Idade Média é tempo de verificar as aprendizagens realizadas.

Lê com atenção e responde a cada uma das perguntas que se seguem.

1. Em cada grupo de frases, assinala a afirmação correta:

1.1

- A Idade Média é o período histórico compreendido entre 170 e 1450.
- A Idade Média é o período histórico compreendido entre 470 e 1450.
- A Idade Média é o período histórico compreendido entre 850 e 1910.

1.2

- Na Idade Média o rei era escolhido pelo povo, por votação.
- Na Idade Média a filha mais velha do rei também podia ser rainha.
- Na Idade Média quem podia ser rei era o filho do rei ou o parente mais próximo, do sexo masculino.

2. Liga cada frase ao grupo a que se refere.

- Desempenhava a maioria das profissões.•
- Usava coroa para destacar a sua importância.•
- Desempenhava funções de defesa do reino.•
- Divertia-se em feiras e romarias.•
- Praticava serviços religiosos e de assistência à população....•
- Herdava o trono.•
- Ensinava e copiava livros.•

Clero

Rei

Povo

Nobreza

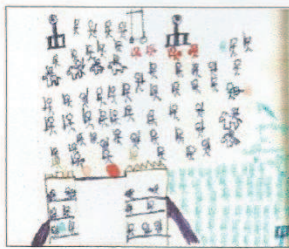
3. Das palavras que se encontram dentro do retângulo circunda as que se referem a instrumentos de trabalho utilizados da idade Média.

Computador foice arado rebarbadora serra plaina trator bigorna esferográfica

4. Legenda a imagem utilizando as palavras: **torre de vigia, muralha, fosso, ponte levadiça, terreiro.**



5. Identifica a actividade que está representada em cada imagem e a que grupo social se refere.









Anexo VI – Produto final (livros)



Índice

1- Onde vive o clero?

2- Como e onde ensinavam?

3,4- Como funcionava o clero?

5- Como se vestia o clero?

Onde vive o clero?

No Idade Média, o clero dividia-se em dois grupos:

- o clero regular: Todos os que viviam numa Ordem religiosa, num mosteiro ou convento, frades ou monges e freiras. Nos mosteiros os monges rezavam e trabalhavam. Ajuda no mosteiro era dirigida para a comunidade.
- o clero secular: Padres, bispos e cônegos que viviam junto da população nas aldeias ou vilas. Nos grandes vilas os bispos organizavam universidades que davam aulas a fim, para construir as igrejas e as catedrais.



Como surgiu o monge?

Para além do serviço religioso os monges também se dedicaram ao ensino. Durante muito tempo o clero foi a única escola social a existir e a ensinar. Fundaram-se algumas escolas junto aos mosteiros, os monges eram os professores e os alunos eram os futuros monges.

Inicialmente o clero só ensinava alunos que seguiam o caminho da religião. Mas tarde os escolas foram abertas aos nobres, mais ricos.

monge (professor)



tutores monges (alunos)

Como funcionava o clero?

- O clero dedicava-se a várias atividades, tais como:
 - Serviço religioso: muitos com regalias e cantavam em centros religiosos
 - Estudo e ensino: a Alta Média os mosteiros eram os principais centros de cultura.
 - Assistência às populações. Todos os mosteiros tinham enfermarias onde os doentes eram curados e tratados pelos monges.
 - Era também dada assistência aos peregrinos que se dirigiam aos santuários para cumprir promessas ou pagar votos.

monge "leitor"



Como se vestia o clero?

Vestia-se com vestidos de linho escuro e compridos. Usava sapatos de couro e toques.

clero (vestido com as vestes próprias)



o Livro de Livros: Na Idade Média, existiam ainda os monges copistas que copavam à mão os manuscritos. Estes dedicavam-se a copiar os livros mais importantes e ilustravam o texto com pinturas muito coloridas chamadas iluminuras.

o Desenvolvimento e aperfeiçoamento da terra: O clero praticava a agricultura, produzindo nas suas terras tudo o que precisava. A sua função principal (juntos) era trabalhar em conjunto e em silêncio no regatório e implorar orações.

copista (clero a fazer um livro)

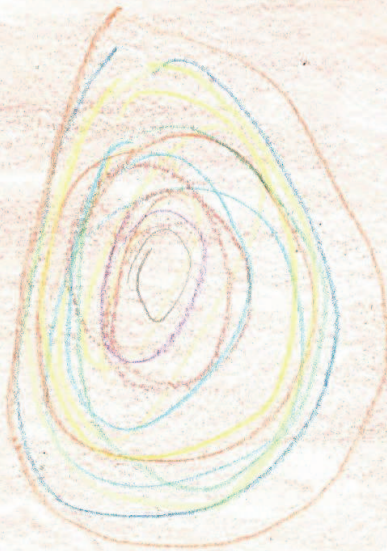


Gostaram de conhecer

Como funcionava o Clero ?

Ele é muito importante.

Se quiserem voltar, vão
Pelo portão mágico.

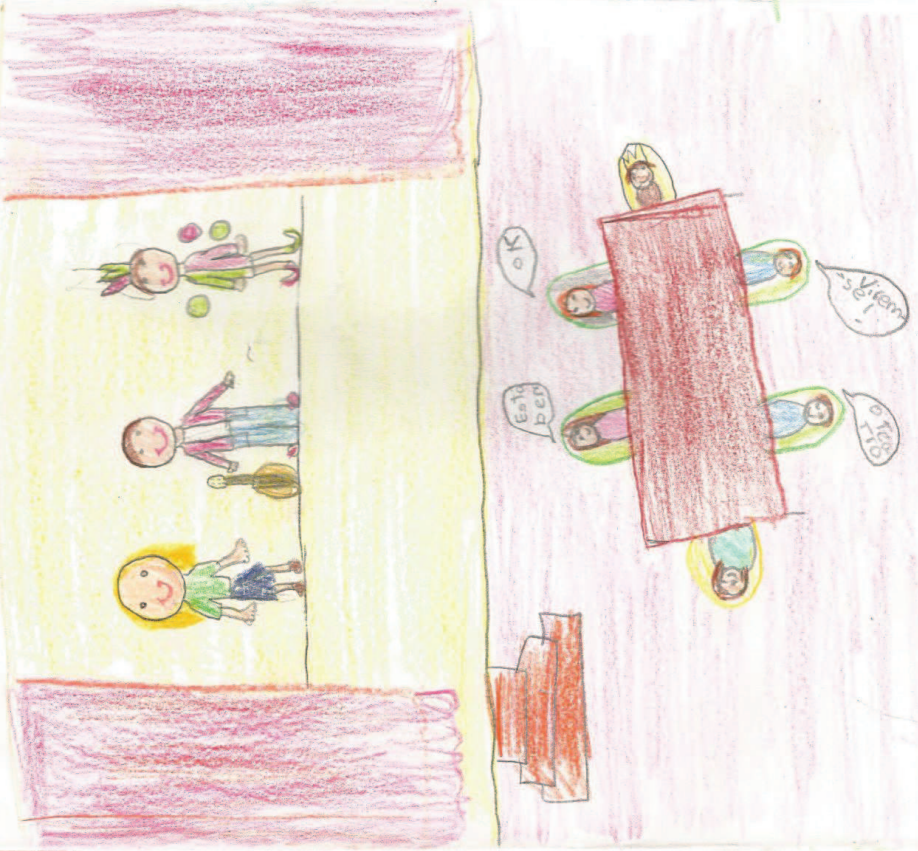


Como se divertiam
na
Idade Média?



Realeza...

Eram comuns as festas realizadas nos castelos. Momento em que convidavam amigos e parentes para um banquete. Essas festas, eram animadas pela presença de músicos, grupos de teatro, dançarinos, anões, bobos da corte, etc.



Nobreza...

Quando não havia guerras, os nobres divertiam-se nos seus castelos sempre pensando na preparação das batalhas.

Caçavam animais como o urso, o veado, o javali, coelhos e raposas.

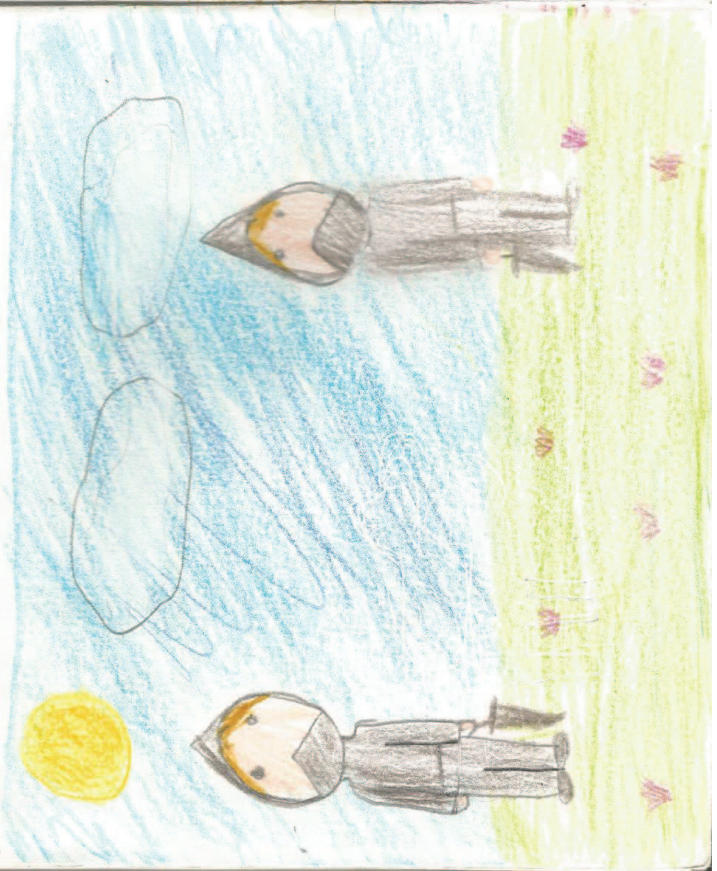


•••
Em tempos de paz, os cavaleiros participavam em torneios para se treinarem.

Os nobres faziam torneios e justas (combates entre si) para saberem qual era o melhor.

Mesmo quando os nobres ocupavam o seu tempo a jogar Xadrez, estavam a preparar-se para a guerra porque este era um jogo de estratégia, fazendo lembrar o campo de batalha da Idade Média.

Outro divertimento era ouvir música de amor ou de amigo.



Clero...

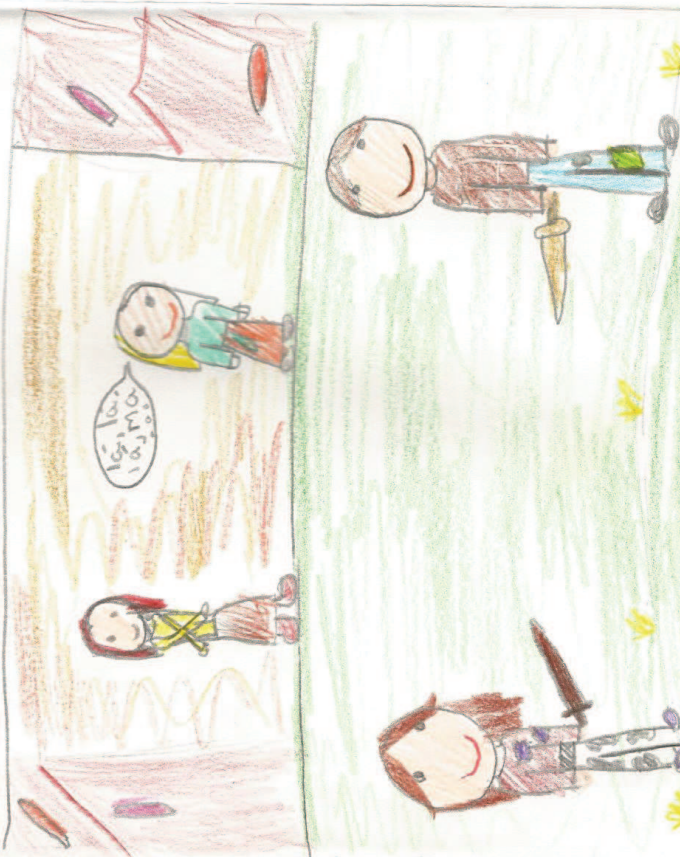
As catedrais não eram apenas lugares de oração, também eram locais de encontro e de trocas. Representavam-se peças de teatro, à frente dos seus pörticos.



Povo...

Embora tivessem uma vida muito desgastante e sofrida, os servos (camponeses) também conseguiram arranjar tempo para a diversão.

A dança e a música (com arcos e prociços) eram as principais formas de lazer entre camponeses da Idade Média. As crianças brincavam às lutas e imitavam os cavaleiros que tanto admiravam, com armas de brincar feitas de madeira.



Agora já sabem

Como se

divertiam na

Idade

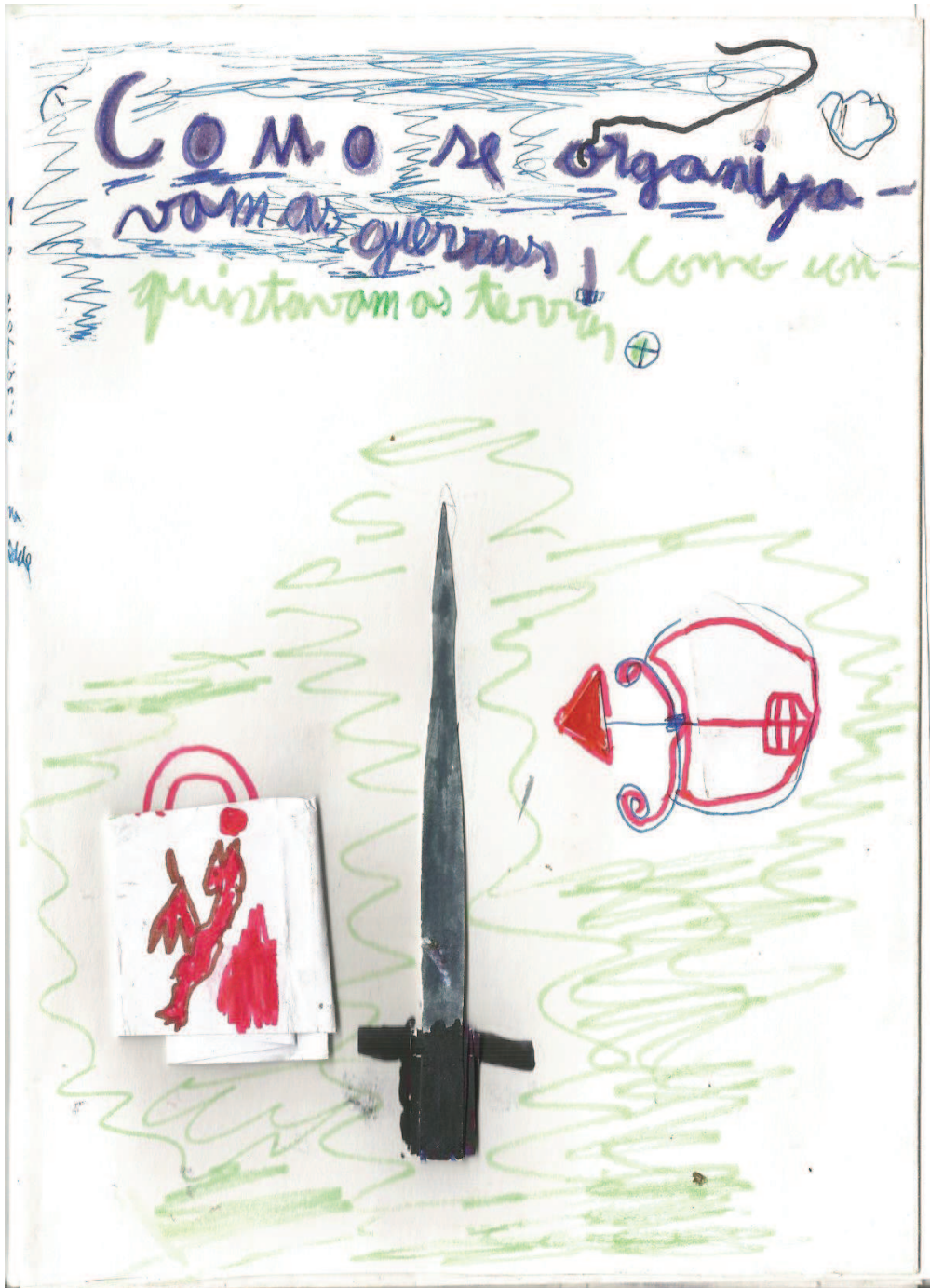
Média

lezi!!!

Autora:

Ilustradora:

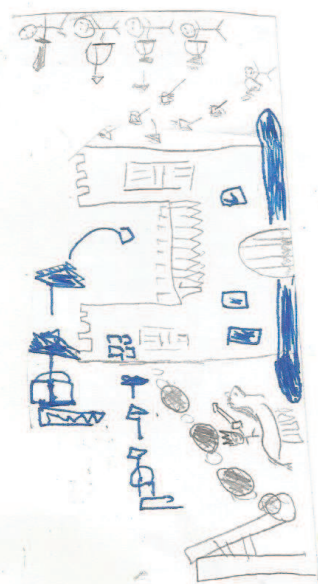
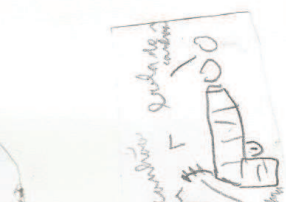




Como é uma conquista os alunos?

U objetivo se ocupa o mais possível o diferentes aspectos
tanto em âmbito teóricas que métodos rápidos (horas de análise
avaliada) e a mais está a ser germinando para os métodos
muito flexível como a possibilidade de aprendizagem
satisfatória e a possibilidade de aprendizagem a
fornecer.

Uma das maneiras de ensinar é ensinar que as funções são
uma unidade via unidades e etapas. Na prática, ensinar a ensinar a
de a aprendizagem para o aluno, que se torna a parte
fundamental de transferir a aprendizagem.



- U que é que os alunos a conquistar os temas?
- An que os assuntos que os alunos motivam;
- A vontade de ter um novo poder;
- Diferentes temáticas;
- Livros, filmes;
- Atividades familiares.

Impartición de guerra en Chile
 A guerra impositiva es necesaria
 para que a nobleza aristocrática
 se mantenga, pero para que se mantenga
 es necesario que se mantenga la
 aristocracia. Sin embargo, la
 aristocracia se mantendrá
 siempre.

Fin



Batallas importantes en Chile
 • Batalla de S. Matías (1728)

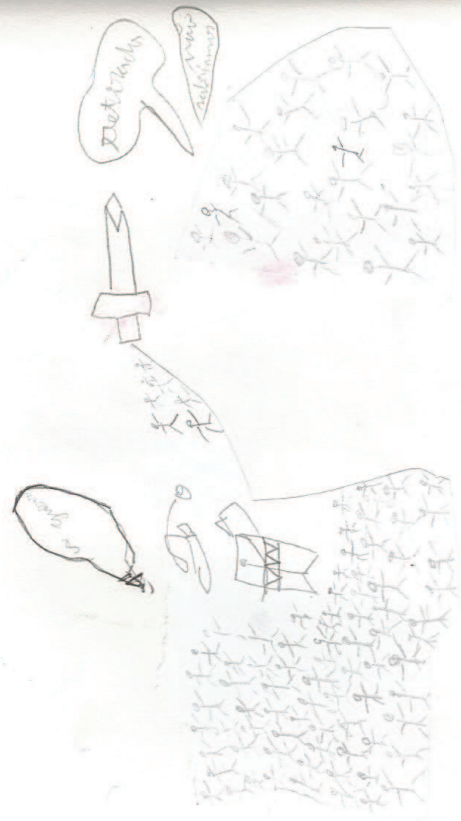
Batalla en que Felipe Hermenegildo
 derrotó a los españoles.

• Batalla de Aysén (1881)

Fuó una de las grandes batallas
 en que Chile derrotó a los
 argentinos.

• Guerra

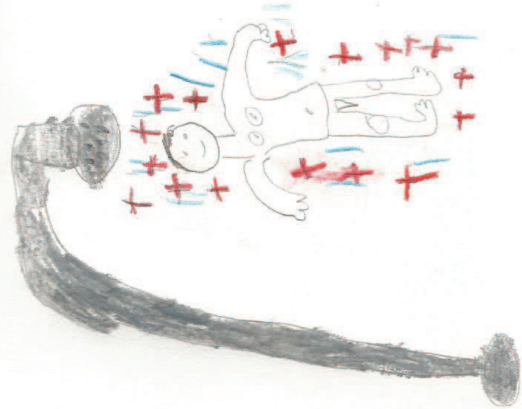
Batallas entre Chile y Argentina
 en las montañas de los Andes.



Leitura e escrita em português no quotidiano da comunidade
de língua portuguesa em Cabo Verde

- promover a leitura e a escrita em português;
- promover a participação de todos;
- promover a leitura e a escrita em português.

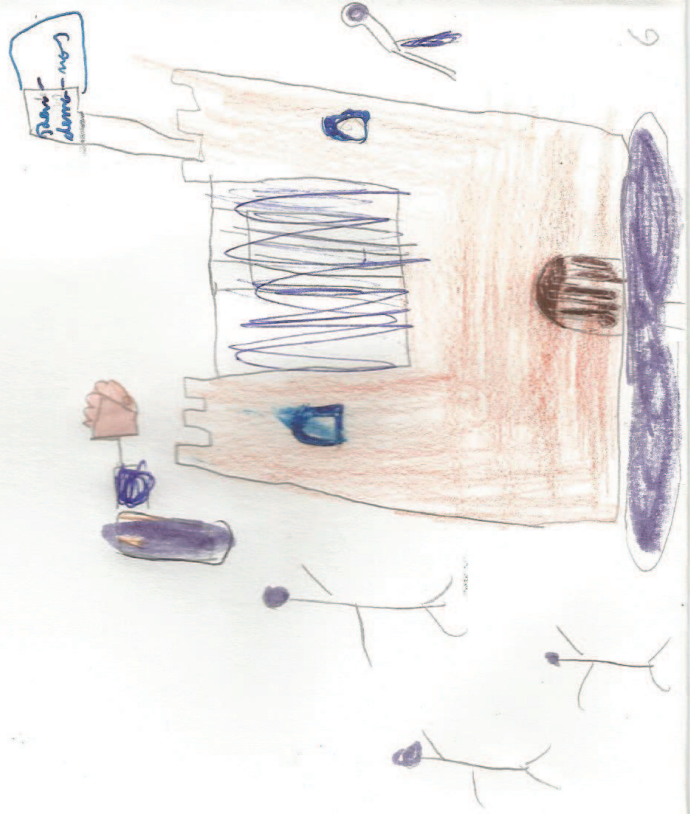
Leitura e escrita em português no quotidiano da comunidade de língua portuguesa em Cabo Verde



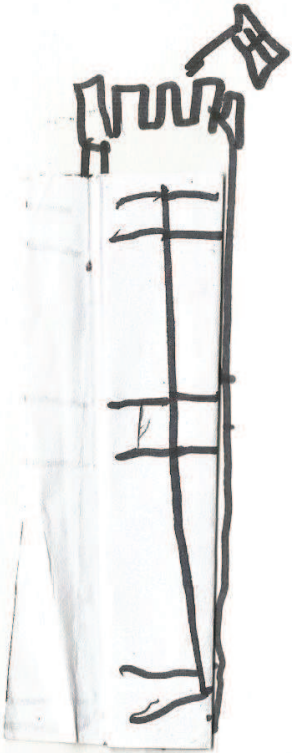
5

Como se desenvolvem as aprendizagens?

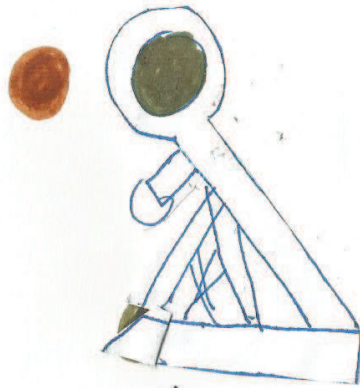
As aprendizagens desenvolvem-se através da interação social e da



6



Zinn



!
in tepleta



!
in ostelo



spok



!
ostelo



Que tipo de dentes de castelo?

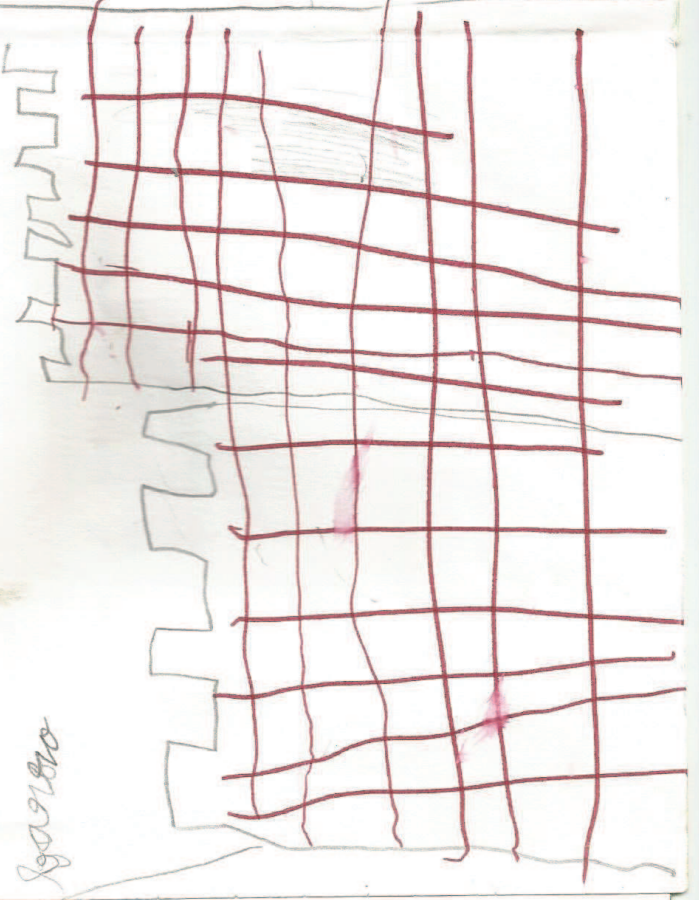
tinham muralhas altas e grossas, e de vigia e relógios onde se colocam para os bandidos e inimigos capturados.

Como se construíam os castelos?
Até ao século XI, aproximadamente os castelos eram feitos de madeira e depois passaram a ser construídos com enormes blocos de pedra.



Esta parte média as pedras do castelo
Piscarum - para o leste

Quando tempo demora a se
desenvolver um castelo? (sem 50, trabalho
em e quando termina antigas os castelos dem
passam 25 anos a ser construídos.



Castelo

No castelo a família partilhava o mesmo
 cama / todas as refeições dos habitantes do
 Castelo foram preparadas na mesma cozinha.
 Havia uma sala onde o senhor organizava
 as reuniões e banquetes.







U Camponês

U camponês guiava as arvores, cultivava as terras para dar o alimento, como por exemplo: trigo, diferentes verduras para fazer o pão e legumes.

Para cultivar a terra utilizavam de várias ferramentas tais como: Enxada, Arado, Charrua e foice.

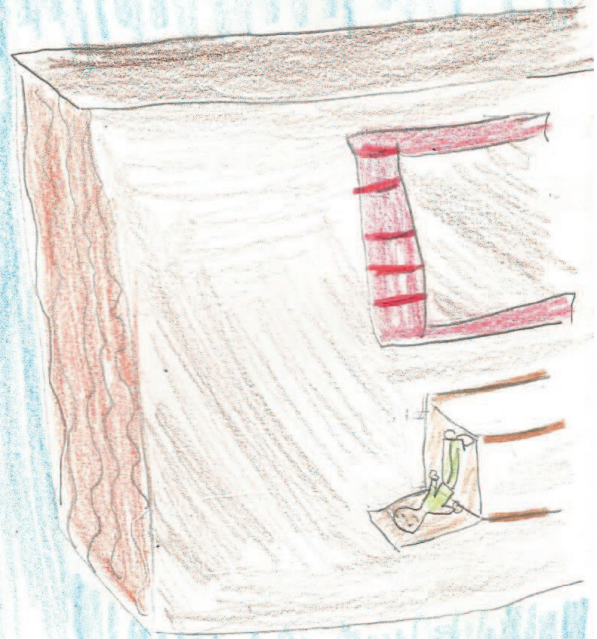


U Tecelão

A produção de roupa era feita num grande tabão, alguns teciam e outros preparavam as fiças nos tearéis.

U alpicote era um artista na produção de roupas, a partir de cálculos precisos era capaz de personalizar o vestimenta.

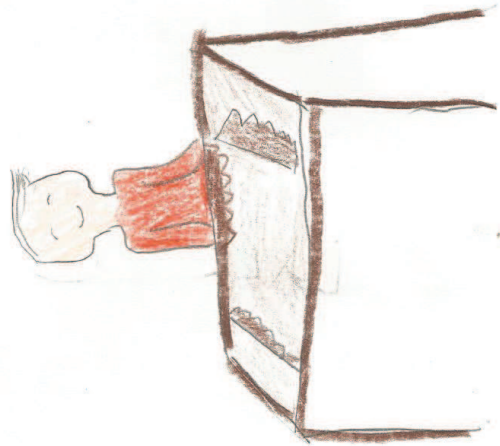
Um bom alpicote era tão disputado pelas mulheres quanto um bardo. (Cantores e contadores d histórias da Idade Média.)



↳ Carpinteiros

Uma das especialidades mais importantes da Idade Média, produziam carroças, móveis, como por exemplo: mesas, cadeiras, armários, porta-ventos, instrumentos musicais, e.t.c...

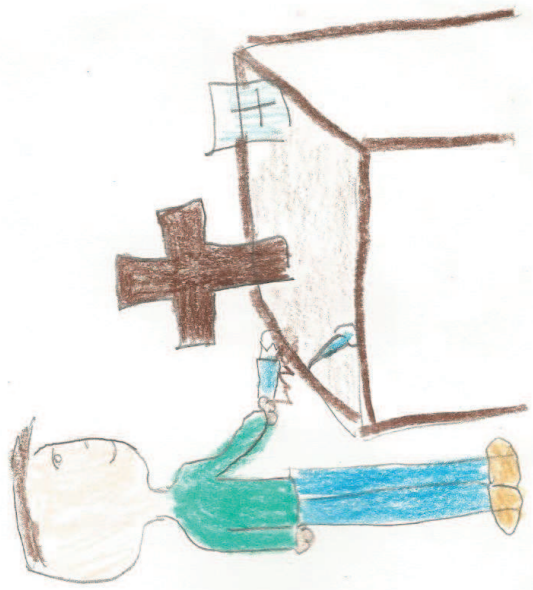
As principais ferramentas de um carpinteiro são o machado, a serra, a plana e o lixizel.



↳ Ferradores

É aquela que constrói armadeiras e arromas, mas mais do que isso constrói também náuticos utensílios, como por exemplo: Enclavos, para a agricultura;

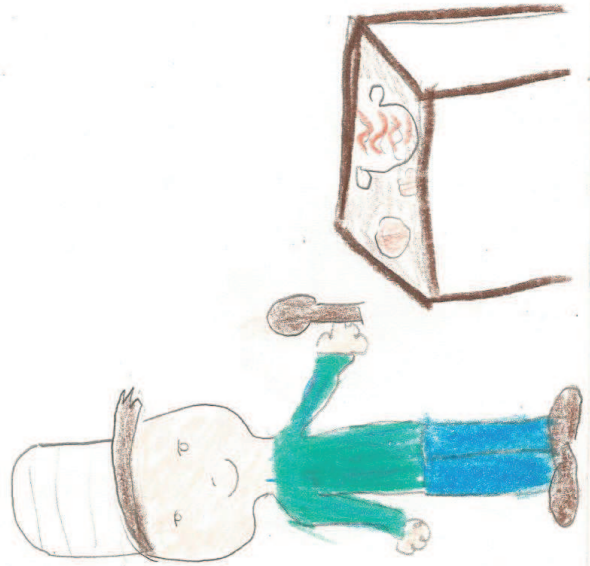
Ferradores para proteger os cascos dos cavalos. Machado, (ferrador) para os lenhadores cortarem a lenha.



O Padeiro

Em casa, o povo fazia pão de centeio e outras sementes secas. O centeio era um cereal muito usado pois, não exigia grandes cuidados no cultivo e misturava em abundância.

O pão obtido pelo povo, por métodos de fabrico muito primitivos, era grande, escuro e comia-se duro, acompanhando outros alimentos, como a carne e ervas.

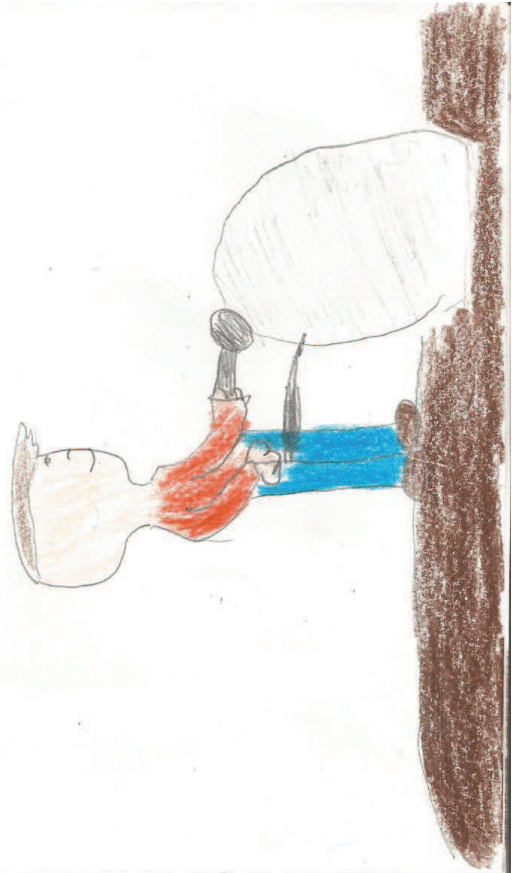


O Pedreiro

É aquele que trabalha com as pedras. O pedreiro constrói vários tipos de coisas tais como:

- Muros
- Paredes
- Escadas
- Telhados
- ...

O nome pedreiro foi dado aos que têm este trabalho porque todos as suas construções eram feitas de pedras.





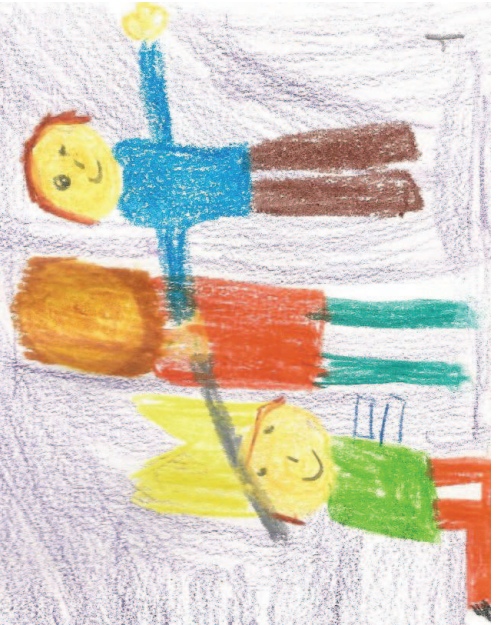


Índice

- 148 Quem podia ser rei ou rainha?
- 219 Quem podia ser rei ou a filha
supérstite ou o primo maldoso?
- 319 Que tipo de comida o rei comia?

Quem podia ser rei ou rainha?

Quem podia ser rei ou a filha ^{supérstite} ou o primo maldoso.



Quando o rei morria e não tinha filhos quem deveria ser rei, a irmã raposa ou o primo raposo?

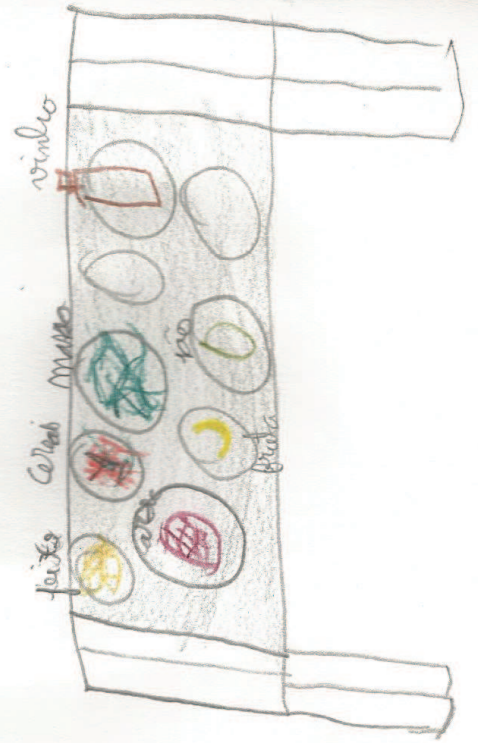
Quando o rei morria, quem poderia ser rei a tia o primo raposo?



Ansoi

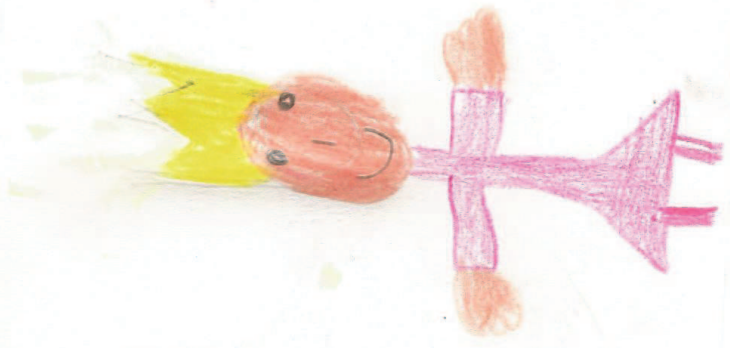
Que tipo de comida o rei comia?

O rei comia carne, peixe, colono, massa, pão doce, am, fruta e vinho nos dias de festa.



Porque usam os reis e os reis e os reis e os reis

Uma coisa diferente e... Uma coisa diferente e... Uma coisa diferente e... Uma coisa diferente e... Uma coisa diferente e...



6

Onde é que as rainhas e os reis estão? Onde é que as rainhas e os reis estão? Onde é que as rainhas e os reis estão?

As rainhas também os seus filhos em casa no Castelo, ajudados por mulheres porteiros



5

Anexo VII – Avaliação do trabalho de projeto (Questionários)

Avaliação do trabalho do projeto “Histórias da História”

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto “Histórias da História”	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.		X		
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim, porque trabalhamos em equipa e por trabalhar em equip conseguimos acabar o livro.

O que mais gostaste de fazer no projeto?
O que mais gostei foi apresentar o meu projeto aos outros.

Avaliação do trabalho do projeto “Histórias da História”

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto “Histórias da História”	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.			X	
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Eu gostei de realizar este trabalho porque foi o primeiro trabalho de grupo que nós fizemos e porque foi um trabalho da nossa nova matéria.

O que mais gostaste de fazer?

O que eu mais gostei foi poder fazer as perguntas à nossa escolha e podermos ter liberdade.

Avaliação do trabalho do projeto “Histórias da História”

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto “Histórias da História”	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.		X		
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	X			
Resultado alcançado.	X			

• Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim acho que foi um ótimo trabalho por isso acho que gostei principalmente porque adoro a Johny Web e acho que foi um ótimo trabalho de grupo pois acho que foi um trabalho muito bom pelo grupo pois acho que foi um trabalho muito bom.

O que gostaste mais de fazer?

Gostei de fazer a ilustração dos livros e de fazer um grupo com o meus melhores amigos.

Avaliação do trabalho do projeto “Histórias da História”

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto “Histórias da História”	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	X			
Resultado alcançado.	X			

• Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim gostei, porque este trabalho foi realizado por mim e os meus amigos e sempre aprendi alguma coisa.

O que é que gostaste mais de fazer no projeto?

O que eu mais gostei foi de pesquisar e de fazer o livro.

Avaliação do trabalho do projeto "Histórias da História"

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto "Histórias da História"	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	Bastante	Bastante		
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim, porque gosto de história e acho que foi uma boa ideia.

O que mais gostaste de fazer e projeto?
 O que mais gostei foi trabalhar em conjunto porque em equipa a lição ficou mais completa.

Avaliação do trabalho do projeto "Histórias da História"

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto "Histórias da História"	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	X			
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim, eu gostei de realizar este trabalho porque fizemos a tarefa mais rápido.

O que mais gostaste fazer?

O que eu mais gostei de fazer foi apresentar o projeto.

Avaliação do trabalho do projeto "Histórias da História"

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto "Histórias da História"	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.		X	X	
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	X			
Resultado alcançado.		X		

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim, gostei de fazer este trabalho, porque foi a primeira vez que fiz um trabalho em equipa.

o que mais gostaste de fazer? o que mais gostei foi do trabalho de equipa, porque aprendemos a trabalhar juntos.

Avaliação do trabalho do projeto "Histórias da História"

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto "Histórias da História"	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.		X		
Colaboração do adulto.		X		
Colaboração dos colegas do grupo.		X		
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim, porque eu gosto de ir pesquisar coisas e de trabalhar em grupo e assim ficamos a aprender mais.

o que gostaste mais de fazer?

o que eu gostei mais de fazer foi pesquisar a internet coisas sobre o clero.

* porque a Vera ajudou mais

Avaliação do trabalho do projeto "Histórias da História"

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto "Histórias da História"	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	X	*		
Resultado alcançado.		X		

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim, porque fizemos um livro
trabalhamos juntos - no livro
em grupos.

O que mais gostaste de fazer?

O que mais gostei foi aprender, fazer e ajudar os colegas.

Avaliação do trabalho do projeto "Histórias da História"

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto "Histórias da História"	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	X	X		
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim eu gostei de realizar este trabalho porque acho
que é uma boa maneira de passarmos mais tempo
juntos e ao mesmo tempo aprender história

O que gostaste mais de fazer?

O que eu gostei mais de fazer foi a parte da informação

Avaliação do trabalho do projeto "Histórias da História"

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto "Histórias da História"	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.				X
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	X			
Resultado alcançado.		X		

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim, porque gostei mais porque das minhas aulas que divertiu-me imenso.

Que mais gostaste de fazer?
~~Gostei de fazer todas as etapas do projeto.~~

Avaliação do trabalho do projeto "Histórias da História"

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto "Histórias da História"	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	X	X	X	X
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim gostei porque estava com os amigos.

o que gostaste mais de fazer?
 Eu gostei mais de fazer o desenho e a recolha.

Avaliação do trabalho do projeto "Histórias da História"

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto "Histórias da História"	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.		X		
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.		X		
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Eu gostei muito porque trabalhei em equipa e também porque gosto de escrever e ler.

O que gostaste mais de fazer?

Eu gostei mais de estar com as minhas amigas e também de pesquisar.

Avaliação do trabalho do projeto "Histórias da História"

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto "Histórias da História"	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	X			
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim, eu gostei de realizar este trabalho porque este foi um trabalho espetacular e ainda por cima fiz com a Catarina e com um grupo excelente.

O que gostaste mais de fazer?

R: O que eu mais gostei de fazer foi trabalhar com o grupo e com a Catarina.

Avaliação do trabalho do projeto “Histórias da História”

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto “Histórias da História”	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.	X			
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Sim gostei de realizar este trabalho porque gostei de saber mais coisas sobre história.

O que gostaste mais de fazer?
foi de apresentar o projeto aos colegas.

Avaliação do trabalho do projeto “Histórias da História”

Coloca um X na coluna que corresponde à forma como avalias cada uma das situações apresentadas.

Projeto “Histórias da História”	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Material para recolha de informação.	X			
Colaboração do adulto.	X			
Colaboração dos colegas do grupo.			X	
Resultado alcançado.	X			

- Gostaste de realizar este trabalho. Porquê?

Eu gostei de realizar este trabalho porque consegui recolher muita informação nova.

O que gostaste mais de fazer?
O que eu gostei mais foi de tudo, porque estava com as minhas amigas a procurar informação nova.

Anexo VIII – Avaliação do trabalho de projeto (Conversa informal)

Grupo: “Como funciona o clero?”

Material para recolha de informação

- *Como recolheram o material, onde o foram buscar (livros, internet, revistas, ...)?*

C: Fomos buscar aos livros, à Internet. Cada uma foi pesquisar em sua casa e depois trouxemos para a Catarina ver.

M: Cada uma foi pesquisar em casa informações sobre o nosso tema e depois juntámos tudo.

C: Só depois, quando já tínhamos a informação toda é que decidimos quem é que ficava com cada tópico. Primeiro todas pesquisaram e procuraram sobre o clero no geral.

- *Onde encontraram mais informações?*

M: No computador e na internet.

C: Acho que só encontrámos uma informação nos livros, o resto foi tudo no computador.

M: Eu também acho que todas nós fomos buscar alguma informação às aulas de história que a Teresa dá.

C: Sim, eu também fui. É sempre necessário. Há muitas escolas que não têm história logo no 3ºano.

- *Onde foi mais fácil recolher e seleccionar a informações?*

L: Na internet

C: Porque na Internet nós podíamos ir relembrando algumas coisas que o clero fazia e que demos nas aulas de história e pesquisar mais acerca disso. Nos livros só diz a informação que o escritor quis, não é propriamente aquela que nós queremos, às vezes.

M: Mas a Internet às vezes também está errada. Tem mais opções mas às vezes estão erradas.

Colaboração do adulto

- *Que adultos vos ajudaram?*

Todas: A Catarina!

Eu: Só a Catarina?

C: Não, os meus pais também me ajudaram a pesquisar na internet.

M: Os meus pais também. Não, a minha mãe, o meu pai não, estão separadas.

L: E a Teresa!

C: A mim foram os dois, o meu pai é mais de computadores e a minha mãe é mais de História, é uma das disciplinas que a minha mãe mais gosta. E a Teresa também nos ajudou a pesquisar nos índices dos livros.

M: Mas principalmente a Catarina.

Eu: Luisinha, os seus pais também a ajudaram?

L: Não, fiz sozinha. A mãe deixou-me ir para ao computador mas eu fiz sozinha, eu gosto.

C: A mim, eu só consegui pesquisar porque a minha mãe me ajudou a procurar em trabalhos de história de outras escolas que estavam na internet e eu consegui ver informações nos livros e nas fotografias que eles puseram lá.

M: A minha mãe trouxe informação a mais e nós resumimos.

Eu: Mas a sua mãe fez consigo?

M: Não, a minha mãe foi pesquisar e deu-me as folhas e eu sublinhei o que era mais importante.

Eu: Ah! Então você não fez a pesquisa no computador e depois sublinhou para seleccionar a informação mais importante, foi isso?

C: Acho que a mãe dela pesquisou a informação, depois pediu para a impressora imprimir.

M: Sim, e eu depois sublinhei as coisas que eu achei que eram melhores

C: E depois nós, cá na escola, sublinhámos a outra cor aquelas palavras que nós não percebíamos muito bem, íamos ao dicionário ver o que e que eram e púnhamos como se nós percebêssemos, por palavras que nós percebíamos.

- *Que tipo de ajuda deu o adulto?*

C: Hmm ... a procurar no índice e no computador ajudou-nos a pesquisar, a pôr os nomes e aquilo que se lembrava.

Eu: Mais alguma coisa?

M e L: Não é basicamente aquilo que a Carolina disse.

- *Achas que foi importante a ajuda do adulto? Porquê?*

C e M: Eu acho

L: Eu também acho

C: Porque nós podíamos não ter encontrado o índice, procurar, procurar, procurar e não ter encontrado ou então pesquisado, pesquisado e não ter encontrado. Por exemplo eu à primeira tentei sozinha mas não consegui e a minha mãe ajudou-me.

L: Sim a ajuda da Teresa também foi importante porque nós estávamos à procura no índice e não encontrámos, depois a Teresa é que nos ajudou

C: Havia um que era a,b,c,d e havia outro que era de números e nós não tínhamos a certeza porque o de números era um bocadinho mais pequeno, era muito melhor.

M: Nós antes pensávamos que era o índice mas afinal estávamos a ver no sumário.

Eu: Acham que a minha ajuda foi importante?

Todas: Sim!

Eu: Porquê?

C: A Catarina é que nos deu as opções de irmos buscar aos livros. A Catarina trouxe-nos os livros para nós conseguirmos pesquisar

- O que acha que podia falhar/correr mal se não tivesse a ajuda e o apoio de um adulto?

M: Acho que nós não conseguíamos tanta informação, acho que... hm ... sei lá ... tínhamos muitos erros na ortografia, acho que não conseguíamos ir pesquisar tantas coisas como nós conseguimos.

C: Podíamos achar, por exemplo víamos escrito clero mas não era a mesma coisa que nos livros e depois no projeto podíamos dar a informação toda errada. Se não fosse um adulto a ver que nós estávamos mesmo a procurar no índice porque antes estávamos a procurar no sumário, se não fosse a Teresa nós íamos falhar tudo.

M: Se calhar em vez do clero íamos pôr a informação da nobreza ou do povo.

C: Pois aparecia no livro a pirâmide da idade média e nós encontrávamos ali primeiro nobreza, depois realeza, depois o povo e o clero estavam assim sem nada estavam assim misturadas e nós púnhamos a informação do povo.

Colaboração dos colegas do grupo

- Todos os elementos do grupo recolheram e trouxeram informações para o trabalho?

Todas: Sim!

- Todos os elementos do grupo participaram com o mesmo empenho?

Todas: Sim!

- *Como se estabeleceram as regras no grupo?*

Todas: Ahhh ...

Eu (para ajudar): Tinham regras, estipularam algum tipo de regras para se organizarem melhor?

C: Não, acho que não havia muitas regras.

M: Pois

C: Tínhamos, como sempre de estar em silêncio para conseguirmos ouvir as opiniões umas das outras.

M: E depois conseguir que nós conseguíssemos estar sempre todas de acordo, conseguirmos chegar a um consenso.

Eu: Boa, isso é uma ótima regra e essencial para se conseguir trabalhar em grupo.

C: Sim, porque imagina, eu e a M temos a mesma opinião, a L não, temos mesmo que chegar a um consenso, porque a L tem uma ideia diferente de nós as duas mas temos de chegar à mesma, não é só porque duas é mais do que uma, não é assim temos mesmo que chegar a um consenso, a uma ideia que as três concordem.

C: Ai a ajuda do adulto também é importante

M: Sim para dizer como achava que estava melhor

C: Sim e nós depois víamos se concordávamos.

- *Quais foram as maiores dificuldades encontradas para tomar decisões em grupo?*

M: Acho que nenhuma, não sei!

Eu: Tiveram dificuldades para tomar decisões no vosso projeto.

M: Acho que não.

C: Estávamos sempre num consenso.

M: Às vezes alguma estava desatenta ou não tinha ouvido.

C: Mas depois ela percebia ao ler a seguir.

- *Ajudaram e respeitaram os colegas do grupo?*

Todas: Sim!

- *Gostaram de trabalhar em grupo?*

C e L: Sim

M: Eu adorei

- *Quais foram as vantagens que encontraram por trabalharem em grupo?*

C: Era melhor porque se fosse sozinhas tínhamos de estar ali a procurar tenhamos a ajuda do adulto mas depois cansávamo-nos de escrever e não tínhamos a outra para nos ajudar a escrever, cansávamo-nos de ler não tínhamos a outra para nos ajudar a ler, é muito mais difícil

M: E eu canso-me muito rapidamente de escrever

L: Não te cansas de certeza mais rápido do que eu.

C: Eu não me canso nada, adoro escrever!

Eu: Luísa, que quase ainda não ouvi a sua voz, diga-me lá a sua opinião, acha que é melhor trabalhar em grupo e com outros colegas ou individualmente? Porquê?

L: Eu gosto mais de fazer um trabalho de grupo porque primeiro aproximamo-nos mais das pessoas com quem estamos a fazer, não gosto nada de fazer sozinha porque ...

M: Dá mais trabalho

L: Dá mais trabalho, é mais difícil, é muito mais giro se fizermos em equipa.

C: Em equipa é, como a minha mãe disse, nas férias: “Vocês só têm desportos individuais não em equipa, como vólei, futebol e assim... Olhe, o meu irmão tem surf, é só ele que faz, o meu outro irmão também faz ginástica desportiva, nenhum deles é em equipa.

Eu: E a sua mãe tem razão porque os desportos e os trabalhos em equipa são muito importantes porque tal como a L disse, e muito bem, são também uma forma de aproximar e unir as pessoas.

C: Sim. Imagine, eu não era zangada com a L mas também não me dava muito com ela, mas não era de zanga e como fizemos este trabalho juntas ficámos a conhecer-nos muito melhor.

Eu: Ou seja, também é bom não fazermos os trabalhos sempre com os mesmos amigos, as mesmas pessoas.

C: Pois, eu não quis.

M: Eu, na semana anterior, antes da Páscoa, ninguém da minha aula veio, por isso eu aproveitei para conversar com os da outra aula e troquei com a Teresa Escária o email e começámos a falar nas férias da Páscoa.

C: Eu não quis sair daquele grupo para ir ter com as minhas amigas porque quis ver com quem calhava, não saí de um lado para o outro para não dar confusão, foi porque quis ver quem é que iria estar interessado no mesmo tema que eu.

C: Eu não me dava muito com a M e a L e agora já me dou muito mais.

M: Eu não me dava muito com a Carol

C: Sim agora já nos damos muito mais, a L até já nos conta imensas histórias.

Resultado alcançado

- Gostaram do produto final?

Todas: Sim!

C: Foi muito giro, ainda por cima porque história era a disciplina nova, nós não sabíamos muitas coisas e assim a pesquisar na internet e com o trabalho ficámos a saber imensas coisas, porque sozinhas não tínhamos muito interesse.

- Nos resultados acham que se esqueceram de alguma coisa?

M: Resultados como assim?

Eu: No produto final, o livro acham que ficou alguma coisa por dizer, por escrever,..?

C: Não

M: Eu acho que podíamos acrescentar mais alguma coisa.

C: Mas aquelas coisas que dissemos foram as mais importantes.

M: Sim, podíamos acrescentar mais algumas coisas mas acho que o mais importante nós pusemos.

C: Por exemplo antes do trabalho eu achava que o clero vivia em casas normais mas agora sei que a maioria vivia nos mosteiros.

- Quem falou na apresentação oral?

Todas: Todas!

Eu: Distribuíram igualmente?

C: Foi um bocado difícil porque podiam achar injusto mas pronto, conseguimos chegar a um acordo. A L não se importou de ler o mínimo, até porque ela não queria ler muito mas depois também leu o índice e o título.

- Como foram distribuídas as tarefas?

Eu: Por exemplo a apresentação, o que fizeram para se organizarem? Como decidiram quem lia o quê?

L: Eu acho que foi boa, toda a gente disse o que queria ler.

C: Ainda para mais, todas se divertiram!

M: A Luísa queria ler menos por isso leu só aquele pedacinho.

C: Aquele pedacinho, mais o índice e mais o título.

M: Eu não me importava de ler qualquer coisa, mas não muito, também, e a C queria ler mais por isso ficou com mais uma página do que nós, para ler.

C: Porque eu gosto muito de ler é por isso que eu na primeira comunhão não quero ir cantar, quero ir ler.

M: Por isso eu fiquei com um médio, a C ficou com um médio e um gigante e a L ficou com um pequenino mais o índice e o título.

- *Correu bem ou poderia ter corrido melhor?*

Todas: Correu bem

L: Acho que correu bem!

C: É óbvio que pode sempre correr melhor mas, para nós que fizemos pela primeira vez trabalho de grupo, trabalho não, projeto de grupo acho que correu muito bem

- *O que acham que não correu tão bem no vosso trabalho?*

C: Hmm ... acho que se a L quisesse ela até podia ler mais mas se ela não quisesse é óbvio que não ia ler mais.

M: Acho que podíamos ter tirado mais informação de livros, poderíamos ter pesquisado um pouco melhor.

Eu: Dos livros que eu trouxe?

C: Dos livros que a Catarina trouxe e dos nossos, da biblioteca também.

- *Que mudanças fariam e em quê para que o trabalho ficasse ainda melhor?*

M: Pesquisariamos mais informação.

C: Mais informação e em mais livros.

M: E púnhamos também aquela informação que não era assim tão necessária

C: A sub-necessária, a que não era assim tão importante. Aquela que não é...

M: Super-importante!

C: Imagine... Em que ano é que o clero começou a ser um grupo social? Não íamos pôr isso porque isso acho que não interessa a muitas pessoas mas se fosse para melhorar o trabalho podíamos também colocar essa. Mas no projeto pusemos apenas a informação que achámos que as pessoas queriam mesmo saber sobre o clero.

- *O que mais gostaram de fazer?*

C: Eu gostei mais de ler e de pesquisar a informação porque eu fiquei pronto, essa informação nunca me passaria pela cabeça e agora que fui pesquisar com a ajuda de adultos e pronto foi ótimo.

L: O que eu mais gostei de fazer ...

C: Foi tudo. A mim foi muita coisa. A mim foi tudo, mas das coisas mais importantes foi de pesquisar.

L: Eu acho que o que gostei mais foi de ler, sinceramente.

M: O que eu gostei mais foi também ler na apresentação.

- *Porque é que escolheram este tema?*

C: Porque era o que mais me interessava. Eu escolhi porque à primeira não tinha percebido muito bem que espécie de temas, mas depois, quando a C me explicou, eu percebi logo e queria saber mais sobre o clero porque nós sabíamos que o clero era aquele que rezava, pronto, e essas coisas da igreja. Agora ficámos a saber coisas não só da igreja como o que é que comia o clero em dias de festa.

L: Porque achei giro e porque nós não sabíamos nada sobre o clero, só que ele rezava. Então eu queria saber mais alguma coisa sobre aquilo.

Eu: E você Maria?

M: Também foi por isso. Eu achei que era a coisa que nós não sabíamos assim tanto.

C: Eu pensei logo, eu quero que seja um grupo social porque um grupo social nós pronto, só sabíamos a pirâmide, o que é que eles fazem, aquelas coisas básicas que eles fazem, só que agora podíamos pesquisar à vontade e pronto foi isso.

Eu: E foi um ótimo pensamento C

- *O que é que este trabalho acrescentou aos vossos conhecimentos? (O que achas que aprendeste com este trabalho? Não só no domínio da história mas com o trabalho no geral?)*

C: Muito! Eu aprendi imenso. Não sabia quase nada disto, só sabia que eles eram copistas e que eles eram quem era da igreja, sabia as coisas da igreja, não sabia mais nada. Agora sei como se veste o clero, sei que trabalhavam na agricultura, sei onde é que eles viviam...

M: Onde é que eles viviam

C: Já me tinha passado pela cabeça que eles ensinavam mas não como é que eles ensinavam, isso nunca me tinha passado pela cabeça. Agora sei que eles ensinavam o que sabiam aos futuros monges para eles conseguirem ser monges.

Mas há aqui uma informação que eu ainda não sei, os alunos são do povo ou mesmo do clero?

M: Os futuros monges são do clero.

Eu: Eu penso que os alunos também poderiam ser do povo e depois, com os ensinamentos recebidos por parte dos monges, é que poderiam então passar a pertencer ao clero e ser futuros monges também.

M: Mas podiam entrar para as aulas todas as crianças que quisessem, para ser monges?

Eu: Pois, essa questão já não sei responder com cem por cento de certeza, mas está aí uma ótima questão e curiosidade para colocarem na próxima aula de história, sim?

M: Sim, boa ideia, vou apontar para não me esquecer. Eu acho que só entravam aqueles do povo que queriam mesmo e que tinham mais sabedoria.

- *O que já sabiam inicialmente era verdade?*

Eu: Aquilo que escreveram inicialmente na grelha, na coluna que indicava “O que sabemos”

C: Sim era.

M: Sim

- *Conseguiram descobrir coisas novas?*

Todas: Sim, muitas!

C: Muitas e muito giras.

Eu: Como por exemplo?

M: Onde viviam os monges, o que comiam, como se vestiam. Já sabíamos algumas coisas, sabíamos que eles usavam vestido as não sabíamos o resto, não sabíamos que usavam vestidos escuros, eu achava que eram brancos.

C: Eu sempre pensei que usavam cintos mas afinal não usavam.

L: Eu descobri que eles viviam nos mosteiros.

M: Eu também descobri que os monges trabalhavam na agricultura, não sabia.

C: Onde está essa informação

M: Está na parte do tópico que diz “Como funcionava o clero” aqui no desbravamento das terras, eu até fiz um desenho sobre isso nesta página, um monge a cultivar.

C: Pois, eu também não sabia isso, nunca me passou pela cabeça.

M: Eu pensava que era só o povo que trabalhava na agricultura.

L: Também eu.

- Foi fácil elaborar este projeto?

M: Foi, acho que sim

C: Mas também tivemos algumas dificuldades, a pesquisar, porque se nós fizéssemos completamente sozinhas acho que não ia dar em nada.

- *Querem fazer mais trabalhos de projeto?*

Todas: Sim!

M: Com a C.

- *Já tinham feito algum trabalho de projeto deste género?*

C: Em grupo não mas já tivemos, já fizemos sobre os animais e sobre um livro.

M: Mas foram trabalhos individuais. O do livro foi no segundo ano e o do animal foi o primeiro. Agora no terceiro podemos escolher uma coisa qualquer para depois apresentar aos colegas

C: Eu fiz do Basilisco, um animal que quase ninguém sabe.

L: Eu já não me lembro o que é que era.

C: É uma espécie de lagarto que consegue correr por cima de água.

Eu: É um réptil então.

C: Sim, é um réptil.

L: A minha apresentação oral no primeiro ano foi horrível, sozinha.

Eu: Foi horrível, L? Então qual foi a diferença que sentiu dessa que fez sozinha para esta agora que teve o apoio e a presença de duas colegas?

L: Sozinha é mais difícil, porque não tens tanta ajuda. E eu fiz o trabalho com a minha mãe e ela disse-me que os leões andavam em bando mas quem anda em bando são os pássaros, passei uma vergonha! A Ana Mesquita (professora) é que teve de me dizer.

- *Também gostaram dos trabalhos dos outros colegas?*

C: O das profissões, o que eu gostei mais foi o das profissões.

M: O que eu gostei mais foi o dos divertimentos da Idade Média.

C: Foi o teu! (referindo-se ao trabalho dos seu grupo)

M: Sim, para além do meu, os que eu gostei mais foi o dos divertimentos e o das profissões

C: Foram todos giros mas o que eu mais gostei, tirando o meu, foi o das profissões porque foi o tema que mais me interessou. Nós podemos não nos ter lembrado quando a C. nos perguntou, só que depois quando eles disseram lembrámo-nos e foi engraçado.

Grupo: “Como se divertiam na Idade Média?”

Material para recolha de informação

- *Como recolheram o material, onde o foram buscar (livros, internet, revistas,...)?*

T: Na Internet, nos livros da biblioteca

F: E dos livros da C.

- *Onde encontraram mais informações?*

F: A maioria foi dos livros que a Catarina trouxe.

- *Onde foi mais fácil recolher e seleccionar a informações?*

F: Na Internet.

Eu: Porquê?

F: Porque nos livros estávamos sempre ali a ver imensas páginas e dava mais trabalho, na Internet era só pesquisar e ler.

Colaboração do adulto

- *Que adultos vos ajudaram?*

F: A mim ajudou o pai.

T: A C.(eu)

F: A C. e a T.(professora) também nos ajudaram.

V: A mãe.

- *Que tipo de ajuda deu o adulto?*

F: O meu pai levou-me ao escritório do meu avó, pôs lá na Internet e pronto, foi só isso.

T: A C. trouxe imensos livros, a T. explicou também o que é que era para fazer e dava-nos ideias, às vezes.

V: A minha mãe ajudou-me a pesquisar na Internet

- *Foi importante a ajuda do adulto?*

T: Eu acho que foi muito importante a colaboração e sem os adultos não teria conseguido!

F: Eu acho que foi importante porque as coisas que eu consegui pesquisar mais foi com a ajuda dos adultos.

- *O que achas que podia falhar/correr mal se não tivesses a ajuda e o apoio de um adulto?*

T: Os erros ortográficos, também não saberíamos a roupa que eles vestiam.

F: Às vezes, as palavras que eu não percebo, sem o adulto eu não conseguiria perceber o que é que eram.

Colaboração dos colegas do grupo

- *Todos os elementos do grupo recolheram e trouxeram informações para o trabalho?*

T: Não!

F: Ah!.. A T. não conseguiu trazer.

Eu: Porquê?

T: Porque eu estava sempre a pedir à mãe para me ajudar só que depois a mãe ou estava muito cansada ou ia jantar fora ou ia ao yoga.

F: Sim mas ajudou a procurar aqui nos livros que a Catarina trouxe.

- *Todos os elementos do grupo participaram com o mesmo empenho?*

T: Mais ou menos.

Eu : Mais ou menos porquê?

T: Porque eu também não colaborei muito com o grupo.

Eu: Só devido àquela questão de não ter conseguido trazer informações ou também não se empenhou lá muito quando estava a fazer o trabalho aqui na escola?

T: Foi só, pelo menos pelo que eu acho, por não ter trazido informações.

F: Sim , acho que todos os elementos trabalharam bem.

- *Como se estabeleceram as regras no grupo?*

F: Foi a Catarina que ajudou a ver o que é que tínhamos de dizer e depois também tivemos de organizar quem é que lia o quê no trabalho.

T: Não houve muitas regras.

- *Quais foram as maiores dificuldades encontradas para tomar decisões em grupo?*

T: Não foi de certeza descobrir quem é que lia o quê!

F: Sim, isso foi rápido.

T: Sim a F pediu para ler a nobreza, eu li a realeza.

F: Eu pedi porque fui eu que trouxe a nobreza e pronto mas depois organizámos fomos perguntar para ver se a V concordava.

- *Ajudaram e respeitaram os colegas do grupo?*

Todas: Sim!

- *Gostaram de trabalhar em grupo?*

F: Sim!

T Adorei

Eu: Porquê? Quais foram as vantagens que encontraram ao trabalhar em grupo?

- *Quais foram as vantagens que encontraram por trabalharem em grupo?*

T: A F dava ideias, a V hm, ..._como é que eu hei-de dizer, ficava muito caladinha e ajudava a termos silêncio (risos)

Eu: Ou seja a V com o seu silêncio ajudava-vos a ..

F: A concentrarmo-nos (risos)

T: É melhor 3 que 1

Eu: Porquê?

F: Porque com uma pessoa poderíamos não ter tido tantas ideias como se fizéssemos todas em conjunto.

Resultado alcançado

- *Gostaram do produto final e de fazer este projeto? Porquê? (Responderam na folha)*

T: Sim, adorei porque a Catarina ia-se embora e foi uma ideia genial.

V: Porque ficámos a saber mais.

F: Eu gostei de fazer este projeto, primeiro porque fiz com as minhas amigas e porque tive muita ajuda por isso foi giro.

Eu: E gostaram do produto final, do vosso livro, ficaram satisfeitas?

T: Sim fiquei muito satisfeita, não é como o satisfaz mas o satisfaz por acaso até satisfaz as pessoas

- *Acham que ficou alguma coisa por dizer/descobrir no vosso projeto?*

T: acho que conseguimos fazer um resumo do que queríamos dizer.

F: Sim.

- *Quem falou na apresentação oral?*

F: Hm ... nós todas.

T: Todas.

F: Primeiro foi a T, depois fui eu, depois a V e depois a T, certo?

T: Acho que sim.

- *Como foram distribuídas as tarefas?*

F: Sim conseguimos.

T: Foi fácil.

F: Como já somos amigas já é mais fácil.

- *Correu bem ou poderia ter corrido melhor?*

T: Podia ter corrido um bocadinho melhor.

Eu: Em que aspetos?

F: Se a Teresinha tivesse conseguido trazer mais informação podia ter corrido melhor mas correu bem.

V: Correu bem!

T: Podia só ter corrido um bocadinho melhor se eu tivesse trazido informação.

- *O que acham que não correu tão bem no vosso trabalho? (registar)*

T: A informação!

F: Pois, demorámos um bocado a ter a informação. Devíamos ter trazido mais cedo e mais informação.

- *Que mudanças fariam e em quê para que o trabalho ficasse ainda melhor?*

T: Eu ter ido pesquisar ao computador ou aos livros.

F: Ia ficar ainda melhor!

- *O que mais gostaram de fazer?*

F: Eu o que mais gostei de fazer foi de procurar e também gostei muito de apresentar.

T: Apresentar e ilustrar.

V: De apresentar, de ilustrar e também de escrever o livro.

- *Porque é que escolheram este tema?*

F: Eu escolhi este tema porque tinha curiosidade em saber como é que eles se divertiam.

V: Porque tinha curiosidade em saber como o povo se divertia mas como o trabalho era como se divertiam todos eu entrei para este grupo.

T: Achei giro e pensei que “Como se divertiam na Idade Média”, se calhar, era mais divertido do que os outros.

- *O que é que este trabalho acrescentou aos vossos conhecimentos? (O que achas que aprendeste com este trabalho? Não só no domínio da história mas com o trabalho no geral?)*

F: Como é que se divertiam na IM

T: E agora já sabemos como é que se divertiam.

V: Também aprendemos a trabalhar em grupo. Gostei muito!

- *O que já sabiam inicialmente era verdade?*

F: Sim era.

Eu: E lembram-se o que tinham posto no tópico “O que já sabemos?”

T: Os banquetes da realeza, ...

- *Conseguiram descobrir coisas novas?*

T: Sim descobrimos como é que a nobreza, o povo e o clero se divertiam, porque a realeza já sabíamos mais porque a T já tinha falado mais disso.

F: E não sabíamos que o clero apresentava peças de teatro.

T: Que a nobreza quando não tinha nada para fazer treinava-se para a guerra.

F: Jogava xadrez e caçava coelhos. Também não sabíamos que a nobreza cantava músicas de amor, de amigo ou de mal dizer.

T: Também não sabíamos que os pequeninos brincavam com armas de madeira, a brincar.

E você V. o que descobriu?

V: Não sou capaz de dizer mais nada.

F: A V. sabia que eles escreviam músicas?

V: Não!

F: sabia que eles jogavam xadrez?

V: Não

F: então está a ver como descobriu muita coisa?

- *Foi fácil elaborar este projeto?*

F: Foi

T: Sim.

Eu: E onde é que sentiram mais dificuldade?

F: A apresentar, tive um pouco de vergonha.

V: Sim, (disse logo a V a abanar a cabeça em sinal de consentimento).

F: Mas eu também gostei de apresentar, lá por ter um pouco de vergonha acabei por gostar

Eu: Isso mesmo! Porque temos sempre que tentar superar os nossos medos e receios e a F fez isso.

- *Querem fazer mais trabalhos de projeto?*

Todas: Sim!

T: Porque acho que é giro!

F: Porque é divertido e nós também já estamos habituadas porque todos os anos fazemos um projeto cá no colégio.

T: Mais um é melhor.

Eu: Qual é a diferença entre esse projeto que fazem todos os anos e este?

F: a diferença é que este foi sobre uma coisa que estávamos a dar em História e aprendemos mais.

T: E procurámos informação cá na escola, que não é muito normal, no outro pesquisamos só em casa.

F: No outro projeto, temos mais ajuda dos nossos pais, eles é que fazem cartolinas e neste projeto, cá no colégio, fazemos com os nossos amigos o outro fazemos sozinhos.

T: Sim, o outro é todo individual

Grupo: “Como se organizavam as guerras e conquistavam as terras?”

Material para recolha de informação

- Como recolheram o material, onde o foram buscar (livros, internet, revistas,...)?

V: Recolhemos nos livros, na internet e falando com as pessoas, com os pais, os amigos a Catarina.

F: Dos livros.

Eu: Que livros?

V: De história, que nós tínhamos, que a C. arranjava. Eu também vi na internet umas coisas de história

F: Também fomos à biblioteca cá da escola.

- Onde encontraram mais informações?

F: Na Internet!

V: Eu acho que foi nos livros.

F: Eu acho que foi na internet.

- Onde foi mais fácil recolher e selecionar a informações?

V: Como assim? (sussurrou o V., para não aparecer na gravação)

Eu: Dos locais que disseram, em qual deles é que foi mais fácil, para vocês, retirar e escolher as informações que precisavam?

V: Na biblioteca, dos livros.

F: Na biblioteca.

V: Na internet é mais complicado precisamos da ajuda dos pais para ir pesquisar.

F: A Internet também tem muitas coisas que não têm sentido

V: Coisas que nós não precisamos. Nós escrevemos, imagine, Batalha de Aljubarrota e depois aparecem imensas batalhas e essas coisas, pormenores que não são precisos.

Colaboração do adulto

- Que adultos vos ajudaram?

V: Os meus pais, a C. e a T. (professora)

F: Os meus pais, a C. e a T. (professora)

- *Que tipo de ajuda deu o adulto?*

V: Conhecimentos, ajuda em certezas ou não certezas. A Catarina trouxe livros, disse para nós irmos procurar na internet e explicou-nos melhor.

- *Foi importante a ajuda do adulto?*

F: Sem o adulto não teríamos conseguido encontrar a informação e fazer o livro.

V: Sim também acho que não teríamos informação e não dava para fazer, fazíamos uma nhanha. Não encontrávamos muita informação, encontrávamos pouca.

- *O que acham que podia falhar/correr mal se não tivessem a ajuda e o apoio de um adulto?*

V: As páginas bem divididas, podíamos pensar que eram sete ou uma coisa assim. Podia ficar tudo baralhado e as coisas não faziam sentido.

Eu: A informação poderia ter ficado toda baralhada e as pessoas não perceberiam.

V: Sim.

Eu: As páginas como assim? Tenta explicar melhor.

V: Não teríamos conseguido fazer este livro sem a C. porque havia páginas que a C. nos ajudou a juntar para caber tudo no livro.

Colaboração dos colegas do grupo

- *Todos os elementos do grupo recolheram e trouxeram informações para o trabalho?*

V: Sim, neste caso somos só dois.

F: Sim.

- *Como se estabeleceram as regras no grupo?*

F: Não houve regras.

V: Quando tínhamos dúvidas ajudávamo-nos um ao outro, tínhamos de estar ao mesmo nível, na mesma página, a acompanhar-nos, ler para ele também para ver como é que estava e ele lia para mim.

Eu: Ah! Então liam o que escreviam um ao outro para verem se estava tudo bem ou se faltava alguma coisa.

- *Quais foram as maiores dificuldades encontradas para tomar decisões em grupo?*

V: Distribuir as páginas para apresentar o projeto, se queríamos uma ou queríamos outra.

F: quem é que ficava com o índice.

Eu: Foi aí que encontraram maiores dificuldades, na organização da apresentação oral, certo?

V: Sim, mas mesmo assim não houve assim muitas dificuldades.

- *Ajudaram e respeitaram os colegas do grupo?*

Ambos: Sim!

- *Gostaram de trabalhar em grupo?*

Ambos: Sim.

Eu: Porquê?

Ambos: Porque somos os melhores amigos.

Eu: E foi por acaso que calharam no mesmo grupo?

F: Não.

V: Não, foi porque eu tive uma ideia e depois a C. foi perguntar ao F. se ele também gostava e queria fazer a minha ideia.

V: Foi quando a C., depois do teste, veio ter comigo perguntar se tinha alguma ideia.

F: Depois como eu não estava a ter nenhuma ideia a C. perguntou se eu gostava da ideia do Tato e se queria ficar no grupo dele e eu disse que sim.

V: Pois, só não sabíamos se íamos ficar os dois ou os três.

Eu: Então e se ficassem em grupos separados havia problema?

V: Não, mas eu gosto de estar com o F.

F: Com os trabalhos de grupo podemos fazer novos amigos

V: Alguns, porque na aula já somos amigos de todos. Mas se fosse em campos de férias aí já fazíamos novos amigos. Eu nos campos de férias faço sempre amigos.

- *Quais foram as vantagens que encontraram por trabalharem em grupo?*

V: Mais ideias.

F: Admiramos mais o estilo de trabalho do outro.

V: Temos cada um uma função.

Eu: Ah! Conseguem distribuir funções e tarefas e assim o trabalho fica melhor, é isso?

Ambos: Sim!

V: Trabalhar sozinho é mais difícil, temos menos informações, só uma pessoa é que faz, é mais difícil, não é Francisco?

F: Sim!

Resultado alcançado

- Gostaram do produto final e de fazer este projeto? Porquê?

V: Porque gostei, porque foi mais ou menos como eu imaginava. O que mais gostei de fazer foi a primeira parte das armas.

F: A terceira que eram as batalhas importantes na Idade Média.

V: Fui eu que tive a ideia dessa.

Eu: E o colega gostou da ideia, já viu? Que bom!

V: Ele quis dizer a quarta, a parte preferida dele é a quarta e não a terceira.

- Acham que ficou alguma coisa por dizer/descobrir no vosso projeto?

V: Não! Quer dizer, se fosse um projeto maior tínhamos mais coisas para dizer mas como era uma coisa mais pequena não.

- Quem falou na apresentação oral?

V: A C.!

Eu: Eu? Fui eu que falei na apresentação dos vossos livros?

F: Nós os dois!

V: Ah!

Eu: E houve igualdade na distribuição?

V: Sim, todos disseram o mesmo número de linhas

Eu: Então tentaram que os dois lessem mais ou menos a mesma quantidade de informação. Foi isso?

V: Sim. E o que mais gostávamos, também.

Eu: Ah! Também tiveram em conta o gosto de cada um de vocês, cada um leu o que mais gostou de fazer, é isso?

V: Sim, por isso é que foi tão difícil de organizar.

Eu: Porquê?

V: Sim porque eu queria ler uma coisa e ele também queria a mesma coisa.

- Como foram distribuídas as tarefas?

F: Já dissemos.

- Correu bem ou poderia ter corrido melhor?

F: Correu bem!

V: Correu muito bem! Muito bom mais! Excelente!

- *O que acham que não correu tão bem no vosso trabalho?*

Eu: Por exemplo, lembro-me que o Vasco tinha escrito na grelha de avaliação que achava que o projeto tinha sido mal planeado pelo grupo, o que quis dizer com isso?

V: É que foi um bocado feito em cima da hora

Eu: Ou seja não trouxeram a informação ...

F: Cedo ... trouxemos a informação tarde demais e por isso não deu para organizar muito bem.

- *Que mudanças fariam e em quê para que o trabalho ficasse ainda melhor?*

V: Ficava mais completo, trazíamos mais informação e mais cedo.

- *O que mais gostaram de fazer?*

(Já registado anteriormente)

- *Porque é que escolheram este tema?*

V: porque é um tema giro, principalmente para os rapazes.

F: E por curiosidade.

V: Sim!

F: Em como se organizavam as guerras e como se conquistavam as terras antigamente...

- *O que é que este trabalho acrescentou aos vossos conhecimentos? (O que achas que aprendeste com este trabalho? Não só no domínio da história mas com o trabalho no geral?)*

F: Tudo

V: Tudo sobre as guerras, as armas, como é que eles usavam as coisas na idade média, como é que se tornavam cavaleiros, imensas coisas...vai também ajudar-nos agora a percebermos melhor os filmes.

- *O que já sabiam inicialmente era verdade?*

Ambos: Era!

- *Conseguiram descobrir coisas novas?*

V: Conseguimos!

Eu: Como por exemplo?

V: O banho de purificação

F: Passavam um momento em oração. Novas armas, tipo arietes, bestas,..

V: Não sabia que naquele tempo já se usavam canhões.

- Foi fácil elaborar este projeto?

Ambos: Não!

Eu: Não, porquê?

V: Mas conseguimos, trabalhando em conjunto.

Eu: Mas porque é que disseram que não foi algo muito fácil de fazer?

V: Porque era complicado. Em escrever as coisas bem.

Eu: Bem, a nível de ortografia?

F: A nível da ortografia e da organização.

V: Imagine que quando estava lá escrito depois era difícil de emendar, essas coisas. Para caber bem tudo porque o livro era pequenino

- Querem fazer mais trabalhos de projeto?

Ambos: Sim!

- Já tinham feito algum?

V: Já. Mas em conjunto não.

F: Vamos fazer também um este ano mas não é em conjunto.

Eu: E preferem qual deles?

V: Prefiro junto.

F: Porque é mais fácil trabalhar.

Grupo: De que eram feitos os castelos e o que havia lá dentro

Material para recolha de informação

- *Como recolheram o material, onde o foram buscar (livros, internet, revistas, ...)?*

D: Na Internet. Eu fui pesquisar na enciclopédia mas não consegui. Então fui ao computador e vi em França que estão a construir um castelo com técnicas antigas, à martelada não é com aquelas coisas elétricas e diziam que iria demorar 25 anos e que o castelo estava a ser feito e que o sítio de Paris era Guédelon (fui verificar à internet e de facto o aluno e disse corretamente o nome do local e a informação que foi pesquisar).

Eu: Porque é que não conseguiu ir ver à enciclopédia?

Não consegui ir ver à enciclopédia porque já estava à última da hora e então eu não estava a conseguir porque era um dia muito difícil para mim e tivemos de fazer, tudo o que tinha de fazer, rápido. Eu pensei em ir à enciclopédia ver a informação mas já estava em cima do tempo e estava a perder tempo, por isso fui ao computador.

Eu: E você tinha enciclopédias de história em casa?

D: Eu tenho para aí uns 30 livros, dicionários e enciclopédias de vários temas, de história também.

G: Também na Internet. Eu tentei ir buscar a livros que talvez tivesse na casa da minha avó, da minha outra avó mas não consegui. Eu tentei ser o mais realista possível!

Eu: Realista, como assim?

G: Tentei ser como um senhor, mas sem internet! Mas tive de pôr. No final tive de ir ver porque foi a única onde encontrei informação. Tentei ir aos anos 40, não havia.

D: O meu site era www.castelos/guedelon.pt. Guédelon, porque era a cidade em França onde estava a ser feito o castelo.

- *Onde encontraram mais informações?*

G: Na Internet

D: Não consegui ir ver a outros sítios porque eu estava sempre a esquecer-me dos dias e então como era um dia tão difícil, não estava ali para estar 3 horas porque eu tinha de ir para o rugby e então fui à Internet e fiz logo os trabalhos todos que precisava. Foi como naquele dia do livro da Yara eu fiz os trabalhos de casa, acabei o livro da Yara e ainda fiz o campo de futebol para a cidade dos sólidos.

G: Já agora porque é que eu não fui à biblioteca no fim-de-semana?

Eu: Porquê? Ele tinha uma biblioteca ao pé de casa e não foi?

G: Não. Mas podia ter ido à Biblioteca Municipal.

Eu: Pois podia, tal como eu fiz. Todos os livros que vos trouxe foram também requisitados na Biblioteca Municipal de Almada.

- *Onde foi mais fácil recolher e seleccionar a informações?*

Ambos: Da Internet!

Colaboração do adulto

- *Que adultos vos ajudaram?*

D: O meu irmão!

G: A C.

D: A C. e o meu irmão, que também tem a idade da C., vai fazer 22 este ano, é um ano mais novo.

G: Eu tive a ajuda do meu pai, da C. e um bocadinho da T. para fazer as dobras.

Eu: A dobragem inicial do livro?

G: Sim.

T: A C. e a minha avó, ajudou-me também a pesquisar.

- *Que tipo de ajuda deu o adulto?*

G: O meu pai deu a abrir o site de História na Internet. A C. ajudou na maior parte das coisas por exemplo quando não sabia como se escrevia ia perguntar à C., quando não sabia onde ia escrever ia perguntar à C. e a T. ajudou-me nas dobragens.

Eu: O seu pai ajudou-o a ir ao site esteve a pesquisar consigo?

G: Não esteve comigo, estava a estudar. O pai está numa faculdade e estava a estudar. Então não tinha muito tempo meteu no site e disse “Tu que leias”. Eu estava a tentar, a tentar, a tentar e pedi...”Pai, pode meter?”...tu que leias!

D: O meu irmão ajudou-me a ver o site, lembrou-se daquele site e escreveu. A C. a mesma coisa que ele.

Eu: A mesma coisa como?

D: Ajudar a escrever, se eu não sabia o que era para meter a Catarina ajudava.

G: E também disseste que “ Esta porcaria de livro não servia para nada!”

D: Esta porcaria de livro não serve para nada! (Ele a imitar o que fez na altura, com o mesmo tom de voz irritado).

T: Ajudou também na ortografia, a organizar as coisas, onde íamos meter a informação.

- Foi importante a ajuda do adulto? Porquê?

G: Muito! Porque se a Catarina não tivesse dito como é que eu ia meter por exemplo aquela coisa do último, eu tinha feito um disparate ali.

Eu: Qual, está a falar do quê, recorde-me lá?

G: Aquele último desenho onde eu metia uma cama deste tamanho (vez o gesto de um retângulo) com 59 meninos lá dentro e três almofadas. A Catarina ajudou-me a não aldrabar. Do meu pai porque senão eu não teria conseguido ir buscar à Internet e da T. porque sem ela não tinha conseguido fazer o livro (o molde do livro).

D: Foi importante porque se o meu irmão não me tivesse ajudado a ir buscar informação não conseguiríamos completar o livro com toda a informação que era precisa. E da Catarina porque se a Catarina não me ajudasse eu ia desistir do livro e ia dizer “Este livro não serve para nada!”. E sem a Teresa a ajudar-me nas dobragens aquilo ficava umas 6 folhas e um livro não pode ser como um jornal.

T: Sim, porque tivemos mais umas perguntas e o trabalho saio melhor.

- O que achas que podia falhar/correr mal, se não tivesses a ajuda e o apoio de um adulto?

D: O que ia falhar é que o livro não ia ser completo, ficava um jornal, teria desistido, por isso só tinham ficado 2 livros, o do Tobias e o do Guilherme e assim não teríamos desenhos e imagens suficientes para pôr no filme (a apresentação em Power Point feita no final do projeto) e pronto correriam mal estas 3 coisas.

G: Podia ir ao site errado, poderia ir buscar a outro site qualquer que não fosse o que eu queria, podia ficar tudo mal escrito porque se não tivesse a ajuda de um adulto ficava praticamente tudo mal, as dobragens, ficava a informação toda para o lado, interpretaria muito mal e teria imensos erros de ortografia.

D: Posso dizer uma coisa em relação ao jornal! Eram as notícias como se vivia e como eram feitos os castelos e depois “Notícia de última hora!” Os castelos eram fixados com barro e demoravam 25 anos a ser feitos e antigamente eram feitos de madeira..blá, blá, blá,...

T: Podíamos ter escrito mal.

G: Ficava tudo péssimo!

Colaboração dos colegas do grupo

- Todos os elementos do grupo recolheram e trouxeram informações para o trabalho?

Todos: Sim!

- Todos os elementos do grupo participaram com o mesmo empenho?

G e T: Não!

D: Não, porque o livro estava-me a irritar a cabeça e eu estava-me a irritar e então quis fazer mais devagar e com menos empenho mas acabei por ficar ainda mais irritado e aquilo ia complicar muito mais, só que depois consegui controlar-me.

G: Com a ajuda de quem?

D: Com a ajuda desta pessoa (disse ele agarrando-me no braço).

Eu: E qual é a sua justificação G., para ter dito que, no grupo, não trabalharam todos com o mesmo empenho?

G: É porque...

D: A mesma coisa!

G: Sim, mais ou menos! Porque o D. quase que não acabava o livro. Acordou no final, completamente, pronto. E acho que se podia ter empenhado muito mais.

D: Isso foi até ao final, no final das duas últimas partes (uma dessas duas últimas partes continha a informação que o aluno recolheu acerca do tempo que demorava um castelo a ser construído, utilizando técnicas antigas e a outra continha um desenho livre que, segundo o aluno, foi o que mais gostou de fazer no seu livro, desenho esse relativo à temática mas que apresentava como personagens da “batalha” os amigos da turma, os quais ele fez questão de identificar na referida ilustração.

Eu: Mas mais vale tarde do que nunca! E você o que pensa relativamente ao empenho dos elementos do grupo?

T: Sim, também acho que podíamos ter feito um bocadinho melhor. O D, às vezes distraia-se e a fazia outras coisas.

G: Desistia muito, distraia o grupo todo. Nós tentávamos mandá-lo calar mas ele não se calava!

T: Mas também trabalhou bem!

G: E mais vale tarde do que nunca! Mas, olhe, não foi só ele que trabalhou mal eu ao princípio também estava um pouco a dormir, acordei mais ao menos na metade. Eu ao princípio estava

mesmo a dormir porque o D também me distraia um bocadinho mas depois já para o meio acordei e fui trabalhando.

Eu: D, diga-me lá quais foram os motivos que o levaram a não ter trabalhado com tanto empenho no início do projeto?

D: Porque não estava bem da cabeça!

Eu: Mas não achou o tema interessante?

D: Não, achei interessante ser da Idade Média, o problema é que eu não sou como um escritor, eu não sou uma pessoa com tanta paciência como um escritor para escrever um livro.

T: Tanto como o meu pai.

D: Pois, tanto como o pai dele. Só se for tipo o ilustrador do livro. Ilustrar estava com mais paciência do que para escrever.

T: Mas mesmo assim não estavas muito mal.

- Como se estabeleceram as regras no grupo?

G: No final dissemos, D já chega! No final finalmente acordou e continuámos trabalhar.

D: Encontrei o meu parafuso que estava perdido no chão.

Eu: Então quais foram mesmo as regras que estabeleceram entre vocês?

G: Que não nos podemos distrair uns aos outros, não podemos fazer muito barulho e que tínhamos de estar todos pelo menos no planeamento em teia e conseguimos.

Eu: Mas nem todos no grupo fizeram o planeamento em teia.

G: Tínhamos de pelo menos acabar todos os livros e isso conseguimos.

- Ajudaram e respeitaram os colegas do grupo?

G: Sim, quer dizer o D não respeitou muito no início mas no final respeitou imenso. Acorda, acorda desde o início D!

D: É porque eu depois como eu estava tão irritado, o parafuso saltou e eu estava à procura do parafuso só que não encontrava.

- Quais foram as maiores dificuldades encontradas para tomar decisões em grupo?

T: Ficou mais giro!

G: Conseguimos melhorar a paciência do D

D: Tu também não tens paciência para esperar pela tua vez! T,... T...,T...

Eu: E você D, quais foiram vantagens que encontrou em trabalhar em grupo?

D: O que eu encontrei foi arranjar um parafuso permanente, um parafuso mais ou menos permanente. É mais giro trabalhar em grupo porque trabalhar sozinho tu estás...

G: Quando tens uma dificuldade não tens a quem pedir ...

D: E tens de tirar muito mais informação ...

T: Assim tivemos muito mais informação sem ter tanto trabalho, cada um.

- Gostaram de trabalhar em grupo? Porquê?

Todos: Sim!

G: Para o próximo projeto quero ficar com este grupinho.

Resultado alcançado

- Gostaram do produto final e de fazer este projeto? Porquê? (Responderam na folha)

G: Desenvolvemos muito a escrita, ajudámo-nos muito uns aos outros.

D: Não tivemos tantos erros como noutros projetos

G: Conseguimos ajudar-nos uns aos outros e isso para mim é o mais importante.

T: Porque gosto de trabalhar em conjunto e porque gosto de História.

G: Eu também gosto muito de História.

D: Também eu! Eu vou para Humanidades. Eu ao princípio não estava a gostar tanto do projeto como gostei no final, estava a gostar do tema mas não estava com a paciência certa para escrever e de desenhar aquilo mas ...

- Acham que ficou alguma coisa por dizer/descobrir no vosso projeto?

G: Não, pusemos tudo o que queríamos, demos a nossa opinião, demos o nosso tema, era tudo o que queríamos fazer. Demos mais informação a esta escola.

D: Eu queria dizer que quando eu estiver naquele teste que é para saber qual é a tua área eu vou tentar que a minha área seja Humanidades porque tem História, tem Direito, tem Letras ...

Eu: Hum ... tem tudo o que você gosta?

D: Letras nem por isso!

- Quem falou na apresentação oral?

Todos: Todos!

Eu: E gostaram da apresentação oral?

G: Muito! Foi uma espécie de telefone para mostrarmos o nosso tema aos outros.

Eu: Uma espécie de telefone? Como assim?

T: Transmitiu aos outros aquilo que nós queríamos dizer.

- Como foram distribuídas as tarefas?

Eu: Por exemplo como se organizaram na apresentação oral?

G: Organizámo-nos um cada um mas eu fiquei só com um para ler porque tinha dois desenhos como todos e, como a minha letra não se percebia lá muito bem, eu só fiz uma e eles fizeram duas páginas mas porque apareceram dois dos meus desenhos na apresentação e só um deles.

D: Mas eles tiveram de juntar as coisas (texto do T e desenho do G) porque, ó G, tens de admitir, não tens assim uma boa letra e o T tem melhor e então como o T tinha um erro no desenho, estava riscado então o G tinha o desenho sem riscos, então deu o desenho ao T para substituir pelo dele e ficar mais bonito na apresentação.

Eu: E organizaram de alguma forma quem ia ler o quê?

G: Sabíamos que cada página era um mas como havia 5 páginas, eles os dois leram uma a mais. Mas eu não me importei nada de ler só uma. Eu só queria dar o nosso tema aos outros para ver se eles aprendiam alguma coisa.

D: Pronto pá eu estou farto de perguntas! Vou apertar o parafuso!

- Correu bem ou poderia ter corrido melhor?

G e D: Correu bem!

T: Podia ter corrido um bocadinho melhor.

G: Podia sempre ter corrido um bocadinho melhor.

Eu: Claro, e em que aspetos poderia ter corrido melhor?

G: Na escrita podíamos ter sido mais desenvolvidos.

D E no desenho.

G: Podíamos ser mais empenhados.

T: Podíamos também ter dado mais informações.

D: Podíamos melhorar em termos de decorarmos a escrita para a apresentação e de não termos erros e de resto, como o T disse, tínhamos de recolher mais informação.

- O que acham que não correu tão bem no vosso trabalho?

D: O empenho.

G: O empenho. Eu acho, como já disse, que as coisas podiam ter ficado melhor organizadas.

D: Mais organizadas. Organização.

- *Que mudanças fariam e em quê para que o trabalho ficasse ainda melhor?*

G: Podíamos ter organizado e melhorado um bocado mais, podíamos não ter causado tanto estardalhaço.

- *O que mais gostaram de fazer?*

G: A apresentação oral.

T Gostei mais de fazer o livro.

D: Eu gostei de tudo, da apresentação oral, de fazer o desenho à escolha.

- *Porque é que escolheram este tema?*

G: Eu mudei do meu tema para este porque achei que este tema era realmente muito interessante.

D: Porque quando comecei a gostar de História eu quis sempre saber como é que se faziam os castelos e esta foi a primeira oportunidade que eu tive de saber isso.

T: Eu porque achei muito gira a ideia do D.

- *O que já sabiam inicialmente era verdade?*

T: Era

G: Há umas que sim, outras que não.

Eu: Quais é que não eram?

G: Pois agora não me lembro.

T: Não G eram todas verdade, eu já sabia.

- *Conseguiram descobrir coisas novas?*

G: Como se fixavam as pedras do castelo. Não sabia que os castelos podiam ser feitos de madeira.

D: Eu, isso já sabia mais ou menos porque li dois livros desta grossura, sobre História, não sabia é que demoravam 25 anos a ser construídos com técnicas antigas.

T: Eu li o livro a “História Alegre de Portugal”, que está aqui na escola e o outro foi “Reis e rainhas de Portugal”. Aprendi como se fixavam as pedras do castelo.

D: Eu sabia mais ou menos isso porque estive a ler e havia uma página em que a D. Teresa e o D. Henrique que são os pais de D. Afonso Henriques, iam para o castelo de Guimarães e eu estava a ver e era feito de madeira, só que eu não estava a reparar tão bem e só depois quando comecei a acreditar porque antes não acreditava que os castelos eram superprotegidos com madeira, bastava dar um murro com um martelo que destruía o castelo.

T: Eu também não sabia que havia passagens subterrâneas.

G: Eu não sabia que os castelos eram feitos de madeira, não sabia que as pedras do castelo se fixavam com barro, também não sabia que a família dormia toda na mesma cama, não sabia das passagens subterrâneas para facilitar a fuga.

D: Isso eu sabia, eu não sabia que os castelos demoravam cerca de 25 anos a ser construídos.

T: Eu não sabia como se fixavam as pedras do castelo e que havia passagens subterrâneas.

- Foi fácil elaborar este projeto?

Todos: Não!

Eu: Não porquê?

T: Porque, ainda não estamos muito, ainda não fizemos muitos projetos por isso não estávamos muito bem preparados.

Eu: Então e porque é que vocês acham que não estão lá muito preparados para fazer estes projetos?

G: Porque não estamos tão envolvidos na escrita, para escrever tanto, os desenhos não nos saiam tão bem, por isso esta foi uma boa forma de treinar.

T: Eu não gosto muito de desenhar!

D: Não temos muito tempo para desenhar.

Eu: Nem para fazer este projetos?

D: Quer dizer, fazemos mais ou menos um por ano.

G: Temos de entregar um projeto sobre o que nós quisermos, até ao final de abril.

Eu: Mas projetos de grupo?

G: Não, projeto singular...individual, enganei-me.

Eu: Então, projeto em grupo, este foi o primeiro que fizeram?

T e G: Foi!

D: Já tínhamos feito textos.

G: Mas isso é textos não é um projeto.

- Querem fazer mais trabalhos de projeto?

Todos: Sim!

Grupo: “Profissões na Idade Média”**Material para recolha de informação**

- *Como recolheram o material, onde o foram buscar (livros, internet, revistas, ...)?*

F: Recolhemos o material pela internet e recolhemos também pelos livros mas foi mais pelos livros porque tinham mais informação. Os livros que a C nos deu.

Eu: Só nos livros que a C trouxe?

F: Também fomos procurar noutros livros mas a maior parte da informação saiu dos livros da C.

V: Eu perguntei também a pessoas! Ao namorado da minha mãe que sabe imenso.

- *Onde encontraram mais informações?*

F: Para mim foi na escola.

V: Eu também foi na escola.

Eu: Na escola como assim?

F: Cá no colégio, quando estávamos ainda a preparar o livro, quando estávamos a pesquisar nos livros nós percebemos mais aqui na escola porque a C nos ajudou.

- *Onde foi mais fácil recolher e seleccionar a informações?*

L: Eu acho que foi na Internet mas nos livros também foi fácil.

F: A mim foi mais fácil nos livros porque eu ainda não sei também mexer muito bem no computador por isso nos livros foi mais fácil.

L: Afinal, eu por acaso também acho que foi mais fácil nos livros.

V: A mim, eu primeiro perguntei ao namorado da minha mãe que profissões havia na Idade Média, ele respondeu e eu vi quais é que eram mais giras e depois fui pesquisar na internet.

Colaboração do adulto

- *Que adultos vos ajudaram?*

F: Quem me ajudou a mim a fazer as minhas duas profissões foi a minha irmã, fomos a um site que o meu irmão me disse onde havia profissões ótimas e depois fomos desenvolvendo aquele texto que apareceu lá.

V: A mim quem me ajudou foi o namorado da minha mãe e o meu irmão.

L: A mim foi o meu pai e a minha mãe.

- Que tipo de ajuda deu o adulto?

F: A mim, o adulto ajudou-me a ir ao site e a escrever as coisas no computador. Eu disse o que gostei mais para a minha irmã escrever porque não escrevo tão rápido como ela, porque ainda não estou habituado a escrever no computador.

V: A mim deram-me as profissões e eu escolhi as mãos giras e o meu irmão também foi escrevendo no computador, para ser mais rápido.

L: O meu pai andou a pesquisar no computador.

Eu: Consigo?

L: Sim, comigo e eu ia vendo o que é que gostava mais.

F: Ajudaram também a escolher as coisas mais importantes e essenciais para pormos no livro porque o livro era pequenino.

Eu: Mas vocês estavam sempre lá ao pé do adulto, não é?

Ambos: Sim

V: Eu disse ao meu mano e ele escreveu, ele só escreveu, eu disse tudo.

F: Sim para ser mais rápido. Eu fiz aquilo à noite porque me lembrei, porque se fosse eu a escrever estava no “a”, depois enganava-me no “e”

- Foi importante a ajuda do adulto? Porquê?

F: Eu acho que foi importante a ajuda do adulto porque se não fosse o adulto eu acho que o livro não ficava bom, ficou melhor porque a minha irmã me ajudou. Acho que também é a mesma coisa para elas!

V: Sim eu também tenho a opinião do F, também acho que a ajuda do adulto foi precisa porque assim eu demorava horas a escrever aquilo e também não sabia pôr desenhos e essas coisas.

L: Sim eu também não conseguiria escrever e não sabia como imprimir com as imagens. Ajudou-me a pesquisar.

V: A mim também me ajudou a pesquisar, a ver as coisas giras das profissões e normalmente nos projetos que eu faço (trabalho individual que apresentam todos os anos) o meu irmão ajuda-me sempre.

F: A ajuda da C. também foi importante porque nos ajudou a fazer o resumo, porque depois ficava uma coisa muito grande e já não cabia o desenho também.

- O que acham que podia falhar/correr mal se não tivessem a ajuda e o apoio de um adulto?

L: Eu não sabia onde ir selecionar, onde ir procurar as coisas e depois viria-me logo alguma coisa à cabeça e se calhar não era verdade.

V: A mim, primeiro eu não teria onde escrever as coisas porque o computador era do adulto e ele ajudou-me a pesquisar as coisas e a pôr os desenhos que eu também não sabia pôr. Eu também escrevia algumas coisas mas eram só as coisas pequeninas para não demorar muito tempo.

F: E acho que se não tivesse o apoio da minha irmã eu acho que tinha ficado muito comprido e em vez de desenvolver as coisas mais importantes iam estar coisas importantes e coisas que não eram precisas como, por exemplo, o pedreiro precisa de um martelo, isso toda a gente sabe, coisas óbvias mas quando eu disse uma forja que era onde eles trabalhavam as pessoas não sabiam porque também tinha um nome diferente e essas coisas é que são importantes e que nós devíamos pôr no texto.

Colaboração dos colegas do grupo

- Todos os elementos do grupo recolheram e trouxeram informações para o trabalho?

Ambos: Sim!

F: Uns trouxeram mais do que os outros, por exemplo a V trouxe mais rápido as informações do que nós mas depois a L percebeu que...como é que eu hei-de dizer isto...que se não trouxesse rápido as informações depois ficava mais atrasada, então a Leonor depois também trouxe e eu também trouxe e a colaboração delas foi muito boa.

- Todos os elementos do grupo participaram com o mesmo empenho?

L: Eu acho que sim!

V: Eu também estou de acordo com a L, também acho que sim.

F: Eu acho que sim porque não houve ninguém que esteve na preguiça, quando eu estive com a V a trabalhar, porque nós somos mais amigos, e eu vi a V a esforçar-se e em vez de fazer a letra à balda fez a letra bonita, porque depois aquilo ia aparecer no computador e as pessoas podiam ler e depois não se percebia.

Eu: E vai ficar ali exposto no baú da biblioteca para os meninos do colégio poderem ver e ler os vossos livros.

V: Pois vai, todos vão poder ler!

- Como se estabeleceram as regras no grupo?

F: Eu acho que houve regras porque não iam todos fazer a mesma coisa e estarem a lutar. Nós enquanto dois usavam a mesma folha para copiar depois o outro estava a fazer outra parte.

V: Não, acho que não impusemos mais nenhuma regra, nós somos amigos portanto também não íamos discutir.

L: Nós, por exemplo, não fomos todos pesquisar o camponês, foi cada um pesquisar melhor as suas duas profissões. Eu primeiro estava a fazer o cocheiro mas a minha mãe não percebia nada daquilo, era o meu pai que percebia e descobriu que o cocheiro não era uma profissão da Idade Média, uma grande baralhada, depois tive que fazer tudo outra vez, mas pronto, finalmente consegui.

F: Eu tive a ideia do ferreiro porque quando eu estava a ver a “Espada de além” que é um filme mais antigo, havia um cão que o dono era um ferreiro e aquilo passava-se há muitos, muitos anos e foi daí que tirei a ideia.

- Ajudaram e respeitaram os colegas do grupo?

V: Sim, eu acho que respeitámos as coisas do grupo e ajudámo-nos uns aos outros, porque também tínhamos de fazer o projeto em conjunto e se fosse só um a fazer tudo e o outro fizesse só um bocadinho não era muito justo e nós fizemos todos mais ou menos a mesma coisa.

- Quais foram as maiores dificuldades encontradas para tomar decisões em grupo?

- Gostaram de trabalhar em grupo? Porquê?

L: Eu gostei! Porque nós nunca tínhamos feito um trabalho assim, com mais pessoas, foi uma boa experiência.

F: Quer dizer, já fizemos trabalhos assim mas este trabalho foi com pessoas diferentes, normalmente ficamos com amigos mais próximos e desta vez, neste projeto aproximámo-nos mais. Agora já sou bastante mais amigo da L do que antes e se também não fosse a V e a L eu acho que o projeto ficava pior porque elas também davam ideias giras. Por exemplo, nos desenhos trocámos ideias uns com os outros.

V: Eu, ao princípio, quando falei ao telefone com a T, no último dia, quando estava doente porque a T está sempre a ligar-me...

Eu: Desculpe. T, a professora ou a colega?

V: A colega! Ela disse que iam fazer o projeto e também me perguntou logo em qual dos grupos eu queria ficar para dizer à C. Porque imagine que nós ficávamos com umas pessoas que não nos dávamos e depois não entendíamos nada.

F: Porque quando nós fizemos este projeto já estávamos mais ou menos amigos porque, imagine, se fizesse com uma pessoa que eu agora me estou a lembrar, corria bastante pior porque essa pessoa era mandona, dizia tudo à sua maneira e a L e a V não, elas também ouvem as ideias dos outros.

Eu: Mas não foi nada combinado, foi um acaso não é!?

Ambos: Sim!

Eu: Mas um feliz acaso que vos ajudou a aproximarem-se mais uns dos outros, ou seja é também uma das vantagens de trabalharem em grupo.

V: Em conjunto!

Eu: Vocês já tinham feito algum trabalho de grupo ou só individual?

F: Eu acho que já, nós.

V: Eu nunca tinha feito nenhum trabalho de grupo, só individual.

F: Nós já fizemos um trabalho de grupo mas com a C, vários, fizemos este, depois aquele da Yara.

Eu: Mas tirando esses trabalhos de grupo que fizeram com a C nunca tinham feito antes outros projetos em grupo?

Ambos: Não!

- Quais foram as vantagens que encontraram por trabalharem em grupo?

V: Eu acho que é muito mais divertido porque fazemos todos em conjunto e todos pensam da nossa maneira.

F: E, com as coisas uns dos outros, fica mais elaborado e mais giro.

V: Fica mais giro e divertido e fica tudo diferente, fica com várias ideias porque nós temos outros gostos.

L: Eu concordo com a V. Como eu nunca tinha feito um trabalho em conjunto sem ser com a C, acho que foi uma boa experiência e que foi ótimo trabalhar em equipa.

V: Eu já tive várias experiências e esta foi a que mais gostei.

Eu: Várias experiências do quê?

V: Destes projetos!

Eu: Mas então já tinha feito outros projetos de grupo?

V: Não, já tinha feito outros projetos individuais, os da ginástica, mas este foi o melhor.

Resultado alcançado

- Gostaram do produto final e de fazer este projeto? Porquê? (Responderam na folha)

F: Gostámos! Ao princípio pensámos que ia ser muito difícil e que íamos ter de trabalhar muito mas com este esforço que nós fizemos deu um bom resultado e acho que ficou muito giro o nosso projeto, não sei o que é que elas acham.

V: Eu gostei muito do nosso projeto e acho que as outras pessoas também gostaram.

Eu: Receberam comentários positivos e elogios dos colegas?

V: Sim, as minhas amigas disseram que estava giro e que o desenho que apareceu na apresentação também estava giro.

Eu: E Você L, gostou de fazer este projeto?

L: Sim, gostei de fazer o projeto porque foi divertido, foi uma nova experiência, nunca tinha feito um projeto com o F e a V e foi giro trabalhar em conjunto com eles.

- Acham que ficou alguma coisa por dizer/descobrir no vosso projeto?

V: Eu acho que não! Acho que ficou tudo bem feito, não nos esquecemos de nada

F: Eu também acho que não porque antes de apresentarmos o nosso projeto nós também o lemos e ficámos satisfeitos

V: Revemos o que tínhamos escrito.

F: Claro que havia alguns erros, não é? Isso também não faz mal.

Eu: Faz mal sim senhora! Mas pronto, é a errar que depois se aprende a fazer corretamente.

- Quem falou na apresentação oral?

F: Os três!

- Como foram distribuídas as tarefas?

Eu: Por exemplo, como distribuíram as tarefas na apresentação que fizeram aos colegas?

V: Cada um leu as coisas que fez!

F: Cada um leu as duas profissões que fez e que foi pesquisar, como a V disse, e depois a C pediu-me que lesse a primeira parte, das datas da Idade Média..

Eu: O período de duração da Idade Média?

F: Sim!

- Correu bem ou poderia ter corrido melhor?

V: Correu bem!

L: Sim, correu bem!

F: Correu bem mas o projeto também teve os seus altos e baixos.

Eu: Como por exemplo?

F: Como, por exemplo, houve uma vez, quando estávamos a começar o projeto, que não tínhamos ideias nenhuma, não tínhamos nada mas depois quando a V chegou, já todos estávamos mais confiantes, foi tudo para cima e desde aí nunca baixou porque fomos sempre rápidos, eu acho que fizemos tudo bem, não ficou nada à pressa, principalmente os desenhos.

Eu: Então o facto de a V ter entrado para o vosso grupo e ter logo trazido informação.

F : Também nos ajudou a dar um salto!

- *O que acham que não correu tão bem no vosso trabalho? (registar)*

V: Os erros ortográficos!

F: Os erros de ortografia.

Eu: Deveriam ter feito uma revisão mais cuidadosa?

V: Sim deveríamos ter feito isso melhor.

- *Que mudanças fariam e em quê para que o trabalho ficasse ainda melhor?*

Eu: Como é que melhorariam por exemplo essa questão dos erros ortográficos?

V: Perguntar às professoras, à C e à T.

F: Principalmente à C.

L: Poderíamos...

F: Posso?

L: Sim podes!

F: Poderíamos pôr profissões menos óbvias.

V: Eu acho que ficou tudo bem e eu sabia que todas as pessoas deviam saber as nossas profissões porque na história também existem essas profissões e por isso nós escolhemos essas mas depois nós continuámos e descobrimos mais informações e eles ficaram a saber mais coisas sobre essas profissões que nós fizemos.

Eu: Ou seja, a ideia era não serem profissões totalmente desconhecidas.

V: Sim. A ideia era eles ficarem a saber mais coisas

F: Porque eles já sabiam quais eram aquelas profissões, claro que não sabiam que eram aquelas que tínhamos escolhido e como a V disse, e muito bem, nós desenvolvemos mais dessas profissões e o texto ficou muito melhor.

L: Demos aos colegas informações extra que eles ainda não sabiam e que depois também os vai ajudar em História.

- O que mais gostaram de fazer?

L: Para mim foi pesquisar e escrever as coisas no livro para o organizar melhor. Gostei muito de escrever o livro, gosto muito de escrever.

V: Eu gostei de tudo mas o que eu mais gostei foi quando estava a ler, a apresentar o projeto. Mas de resto também achei tudo muito divertido de fazer.

F: O que eu gostei mais foi de ter este grupo maravilhoso com grandes ideias e também gostei muito de desenhar no projeto, porque elas também me deram ideias boas para fazer o desenho e o desenho ficou bastante melhor. A apresentação também ficou bastante melhor com o desenho.

- Porque é que escolheram este tema?

F: Não fui eu que escolhi o tema, foi a L.

L: Eu achei que poderia ser ...eu nunca tinha visto nenhum projeto feito com esse tema e achei que poderia ser muito divertido fazê-lo.

Eu: E vocês? O que é que vos levou a querer entrar no grupo da L?

F: Eu fui para o grupo da L porque também achei a ideia das profissões giras, também para aprender mais profissões. Eu fui à internet procurar eu descobri imensas profissões, mesmo quando não eram aquelas que me interessavam eu vi e fiquei a conhecer imensas profissões na mesma.

- O que é que este trabalho acrescentou aos vossos conhecimentos? (O que achas que aprendeste com este trabalho? Não só no domínio da história mas com o trabalho no geral?)

L: Eu aprendi mais, havia coisas que eu não sabia sobre as profissões.

Eu: Como por exemplo?

L: Eu não sabia que a oficina do ferreiro antigamente se chamava “forja”.

F: Descobri que a bigorna é um bloco maciço de ferro

L: Também aprendi com que ferramentas o ferreiro trabalha para além das outras que nós já sabíamos, como o martelo. Eu não tinha nem sequer ideia que havia uma bigorna.

V: Eu também aprendi as ferramentas que o camponês e o carpinteiro usavam.

F: Era o camponês que trabalhava as terras, para poderem ter os cereais, o trigo o arroz, para fazer a farinha, as coisas essenciais para comer como, por exemplo, o pão. Antigamente não havia morangos e chantilly essas coisas que agora já há?

Eu: Morangos como é um fruto que também se cultivava talvez já houvesse agora chantili, duvido!

F: Antigamente a farinha era feita com bolotas.

L: E o povo comia pão de centeio.

Eu: E ainda se lembram de algumas das ferramentas que o camponês usava?

L: Eu já tinha também ouvido falar mas não sabia muito bem o que era uma foice?

- *O que já sabiam inicialmente era verdade?*

E e V: Era!

L: Acho que sim, não me lembro lá muito bem.

- *Conseguiram descobrir coisas novas? (Já responderam anteriormente)*

- *Foi fácil elaborar este projeto?*

V: Foi um bocado difícil mas eu gostei.

Eu: Foi difícil porquê?

V: Porque também tivemos de pesquisar e era um projeto em grupo, também estávamos nervosos.

- *Querem fazer mais trabalhos de projeto?*

F: Adorávamos fazer mais trabalhos de projeto.

V: Eu também.

F: Com a C, especialmente com a C.

V: Vamos agora fazer outro projeto mas é individual e o meu irmão vai ajudar-me outra vez.

L: Os meus pais também.

Grupo: “Reis rainhas da Idade Média”

Material para recolha de informação

- *Como recolheram o material, onde o foram buscar (livros, internet, revistas,...)?*

V: Fomos à enciclopédia, a computadores...

B: Ao estojo (disse ela pensando que me estava a referir ao materiais como o lápis, as canetas,..)

V: A informação! - corrigiu a colega.

Eu: Sim, a informação, não usei a palavra mais correta, tem razão.

B: Na Internet, nos livros que a Catarina nos deu e pronto.

V e G: Eu fui buscar à Internet e aos livros e às enciclopédias lá de casa que diziam várias coisas da História. O meu pai era um aluno ótimo em história e então tinha lá muitas coisas.

- *Onde encontraram mais informações?*

V: Acho que foi nos I pads!

B: Nos livros que a C nos deu e na “Biblioteca Corujas”.

Eu: Isso é uma biblioteca que tem ao pé de casa?

B: Sim! Foi de lá que tirei algumas ideias, não sei se é “corujos” ou “corujas” (Fui pesquisar e a biblioteca é em Alvalade e chama-se Biblioteca Municipal Coruchéus)

VG: Ah! Foi também com a C, na biblioteca.

Eu: Quando eu trouxe os livros você esteve na biblioteca a pesquisar?

VG: Sim!

- *Onde foi mais fácil recolher e selecionar as informações?*

V: Eu acho que é muito mais fácil no computador.

Eu: Porquê?

V: Porque, eu não sei explicar muito bem, porque acho.

Eu: Não consegue mesmo arranjar uma justificação melhor?

V: Não, não consigo.

B: Na Internet ou no papel para tirar para cá para a escola.

Eu: Então mas foi mais fácil pesquisar nos livros ou na Internet?

B: Na Internet porque é só escrever, meter ok e procurarmos e pedir para guardar.

Eu: E porque é que é mais difícil para si pesquisar nos livros?

B: Porque nos livros temos de procurar as páginas, temos de ir ver ao índice e isso é mais confuso.

VG: Na Internet

Eu: Porquê?

VG: Porque a Internet também explica melhor e nós temos dicionário na internet para ver as coisas que não percebemos.

Colaboração do adulto

- *Que adultos vos ajudaram?*

V: Foste só tu! E a T, às vezes, quando tu tinhas de ir lavar as mãos, ajudar os outros, a Teresa também nos ajudava.

B: A C, a T e os meu pais para darem a informação da Internet.

VG: A mim foi a C, foi também os meu pais, a B porque a V não recolheu muita.

Eu: E os seus pais como a ajudaram?

VG: Disseram-me os sites, procuraram nos sites comigo e depois tiveram a ver as enciclopédias porque eu não sabia muito bem como procurar.

- *Que tipo de ajuda deu o adulto?*

V: Uma ajuda muito boa. Como por exemplo nós precisávamos mesmo de uma palavra que não sabíamos nada bem escrever ou uma palavra que achávamos que ficava mal e tu dizias-nos outra que ficasse melhor ou ajudavas-nos a escrever. Ou quando sabíamos uma informação e não sabíamos como explicar...por exemplo estava escrito na folha de rascunho “ Que tipo de comida o rei comi?” e foste tu que corrigiste e me disseste que tinha escrito de forma errada, que falta o a.

V: Uma ajuda muito boa! Tu ajudaste-me a fazer quase tudo.

Eu: E o que é o quase tudo, dê exemplos?

V: Ajudaste-nos a entender palavras que não percebíamos, os desenhos e mais outras coisas que eu não sei explicar.

B: A C, de ajuda, deu-me os livros para eu pesquisar e dos pais foi quando me emprestaram o computador deles para pesquisar na Internet.

Eu: E foi você que escreveu?

B: Não foi a mãe. E a C ajudou-me mais numa coisa!

Eu: No quê?

B: Na colaboração dos grupo, na aula toda ajudou todos.

B: Ah! C, se estiver ai uma pergunta a dizer que ajuda é que deram os meus amigos...

Eu: Não está mas pode responder aqui a essa questão também, que é muito pertinente. Obrigada B, então diga lá.

B: Então ajudaram-me a tirar ideias para o meu livro, ajudaram-me a acabar o livro a tempo antes da C fazer com eles o baú para onde íamos pôr os livros.

VG: Sei lá, estiveram comigo a... eu disse “Ó pai, mas eu não encontro aqui os sites, pode só pôr aqui que eu não consigo muito bem!” e ele veio pôr. Puseram os sites e depois foram-se embora.

- Foi importante a ajuda do adulto?

V: Muito, muito importante.

Eu: E porquê?

V: Isso já respondi na pergunta anterior.

Eu: Penso que não!

V: Havia imensas coisas que nós não sabíamos. Achávamos que não encaixávamos, pensávamos que a palavra estava mal e tu e a T estavam lá.” Isto aqui encaixa”, “aqui estão enganadas, metam antes não seio o quê/não sei que mais,” foram dizendo assim mesmo coisas que nós precisávamos porque senão não fazia sentido.

B: Eu acho que foi importante, porque a C está a esforçar-se imenso para estar aqui a acompanhar-nos a fazer o livro e a T está a ajudar-nos também a atentar que a C consiga o melhor por isso...

V: Ou seja (disse ela continuando o raciocínio da colega) está a lutar para que a C fique com uma professora 5 estrelas.

VG: Acho que foi importante porque eu não conseguia fazer aquilo sozinha, porque não sabia muito bem mexer naquilo.

Eu: No computador?

VG: Sim!

Eu: E a minha ajuda aqui na escola, acha que foi importante?

VG: Sim porque senão eu não consegui, porque não sabia o que era para fazer em relação por exemplo como é que nós procurávamos nos livros.

- O que achas que podia falhar/correr mal se não tivesses a ajuda e o apoio de um adulto?

B: As palavras por exemplo estavam mal escritas se a C não nos ajudasse a passar a limpo primeiro e também porque a C nos ajudou nas dobragens, não conseguíamos fazer o livro se não nos ajudasse primeiro nas dobragens.

V: Eu nem sequer fiz a dobragem porque eu fiquei muito doente e quando cheguei, super atrasada, à escola, já tinha a minha dobragem feita porque a T (colega) não se importou de fazer.

Eu: Então o que é que podia correr mal?

V: Acho que era tudo os desenhos, as palavras, se o livro fazia sentido se não...acho que era tudo! Acho que foi fundamental a tua ajuda.

VG: Acho que ia ter um trabalho pior porque, sei lá, não conseguia bem traduzir e ir buscar informações e selecionar aquilo que era suposto.

Colaboração dos colegas do grupo

- Todos os elementos do grupo recolheram e trouxeram informações para o trabalho?

V: Não!

B: Sim, menos a V e eu. Eu só tirei algumas pequeninas e não consegui responder a algumas perguntas, só consegui responder a uma da V (questão que este elemento do grupo se lembrou para acrescentar no trabalho)

V: Eu não, mas eu tenho justificação para não ter ido buscar! Estava doente, eu e as doenças! Eu sou muito doce e os micróbios adoram que eu fique doente. Depois logo que me deram a informação eu tentei ao máximo para conseguir só que a minha mãe “Não tens de ir para a cama, já são 9 horas!”

B: Não faças queixinhas da tua mãe!

VG: Sim, menos a V que não recolheu muita. É que eu e a B demos-lhe muitas coisas e ela disse que nunca tinha tempo ...primeiro disse que sim que podia e depois quando ia fazer já disse que não podia e que tinha o conservatório.

- Todos os elementos do grupo participaram com o mesmo empenho?

B: Não! Eu acho que a V não participou porque esteve doente e não se esforçou muito porque se a ela se tivesse esforçado mais, a folha era muito maior, tinha dos dois lados (folha do resumo da informação que iam pôr nos seus trabalhos) porque eu acho que a V conseguia arranjar mais ideias e empenho para responder às coisas. A VG também ajudou-nos imenso, foi ela que tirou todas as ideias praticamente e foi ela que teve mais empenho.

V: Mas olha, eu esforcei-me!

B: Eu sei V, eu sei que te esforçaste, não estou a dizer “A V não fez, nem sequer se esforçou nada!” – explicou ela.

Eu: Então V, diga-me agora você a sua opinião, todos os elementos do grupo participaram com o mesmo empenho?

V: Eu acho que sim! A B esforçou-se imenso eu senti isso...B, não é só a escrita que interessa (disse ela muito séria olhando diretamente para a colega), foste tu que me ajudaste por exemplo neste desenho (à medida que apontava para o desenho do seu livro) eu não sabia o que fazer e

foste tu que me ajudaste...B, não interessa só a escrita, o desenho também é super importante e tu foste a que mais te empenhaste no desenho!

Agora a VG foi a que mais se empenhou na escrita, também me ajudou neste desenho que eu não sabia o que meter, tive muito a ajuda das minhas colegas.

Eu: Então e quanto ao seu empenho?

V: Eu esforcei-me ao máximo mas não pude ajudar nem um bocadinho, mas empenhei-me imenso para fazer o meu livro.

B: Eu não quis dizer que a V foi péssima, por exemplo a V deu-me ideias também para fazer, eu não sabia algumas respostas e a V ajudou-me nessas respostas, ela ajudou-me a pensar nas coisas e a VG nessa coisa (nesse aspeto) só estava rabugenta.

VG: Sim, acho que a B foi uma ótima ajuda e sim a V também porque fez os desenhos bem e pintou.

Eu: Apesar de não ter trazido informação?

VG: Sim. Depois foi melhor, tentou mais ou menos recompensar as coisas que não tinha feito.

- Como se estabeleceram as regras no grupo?

Eu: Definiram regras?

B: Sim! A VG fez uma regra, eu não gostei dessa regra por isso eu não cumpria! Não sei se a V soube.

V: Que era qual?

B: A regra era: não podia copiar ninguém e tínhamos de pedir à VG se podíamos copiar, se podíamos fazer qualquer coisa, porque eu era a chefe daquele grupo.

V: Tu não eras a chefe do grupo, não era ninguém a chefe!

B: Porque fui eu que dei a ideia!

Eu: Foi você que sugeriu o tema do projeto?

B: Sim.

Eu: Certo, mas mesmo assim o grupo eram vocês as 3 e só se concordassem todas é que poderiam escolher uma chefe ou porta voz.

V: Um trabalho de equipa é para todos estarmos unidos e mesmo que um não tenha ideias o outro pode dar ideias e faz muito bem.

- Quais foram as maiores dificuldades encontradas para tomar decisões em grupo?

V: Eu acho que foi aquela da VG querer mandar, foi uma grande dificuldade. Aquela regra de não podermos partilhar as ideias uns com os outros.

B: A V partilhou ideias comigo porque pensava que eu gostava da ideia, e eu gostava da ideia.

VG: É porque nós não estávamos juntas a procurar as coisas não sabíamos muito bem onde é que procurávamos, estávamos sempre muito preocupadas se era para procurar aquela pergunta e se era para procurar nos livros ou na internet, estávamos sempre assim.

- Ajudaram e respeitaram os colegas do grupo?

B: Eu não respeitei a VG porque achava que ela estava a ser injusta mas respeitei a V.

- Gostaram de trabalhar em grupo?

B: Eu gostei.

V: Eu adorei!

Eu: Tirando essa pequena situação gostaram de trabalhar em conjunto?

V: Tirando essas coisas ela também nos ajudou um bocado.

VG: Eu gostei muito!

- Quais foram as vantagens que encontraram por trabalharem em grupo?

VG: Porque nós, quando estamos sozinhas, não temos muitas ideias do que podemos fazer e do que não podemos e como eu fiz em grupo tive mais ideias e tive mais colaboração.

Resultado alcançado

- Gostaram do produto final e de fazer este projeto? Porquê? (Responderam na folha)

B: Sim.

V: Gostei muito!

VG: Sim, adorei. Acho que ficou mesmo giro e acho que foi uma boa ideia.

- Nos resultados finais, esqueceram-se de alguma coisa ou meteram tudo o que queriam?

B: Eu acho que meti tudo o que queríamos, acho que a V também pôs aquilo que queria a VG também.

V: Pôs, porque depois nós tínhamos de mostrar os livros a cada um.

VG: Não, acho que não! Acho que estava mesmo no ponto

- *Quem falou na apresentação oral?*

V: Eu.

B: E eu! Foram todas

VG: Falámos todas. É que nós fomos ver se falámos igualmente, se não falámos e nós falámos igualzinho, cada uma falou a sua página.

- *Como foram distribuídas as tarefas?*

Eu: Como foi por exemplo distribuída a apresentação?

B: Foi tudo o que nós queríamos.

B: Depois a Vera ficou com 5 partes, eu fiquei com 4 e a V acabou por ficar só com 3

VG: Nós já tínhamos acabado um bocado mais cedo do que os outros e então tivemos ali a ver. E também eu e a B tivemos a falar um bocado ao telefone sobre isso.

Eu: E foi feita de forma igual, cada uma leu o que gostou e queria?

VG: Sim, acho que sim. Eu sim, mas não sei se elas também ficaram satisfeitas. Ma é que cada uma leu a sua página.

Eu: Aquilo que lhe calhou fazer e pesquisar?

VG: Sim, cada uma leu aquilo que fez e que gostou.

- *Correu bem ou poderia ter corrido melhor?*

B e V: Poderia ter corrido melhor!

- *O que acham que não correu tão bem no vosso trabalho? (registar)*

VG: Não sei bem.

Eu: Correu tudo bem!

VG: Nem tudo!

Eu: Então dê-me um exemplo do que podia ter corrido melhor

VG: Acho que nós podíamos, quando estávamos em casa no fim-de-semana, estávamos sempre a combinar coisas e acho que não tínhamos muita atenção ao projeto e podíamos melhorar essa atenção. Devíamos ter colaborado mais, nas pesquisas acho que foi pouco.

V. Concordo com a VG.

- *Que mudanças fariam e em quê para que o trabalho ficasse ainda melhor?*

B: Eu tenho uma ideia. A opinião da V era ótima, todas dávamos ideias, juntávamos ...

V: E depois podíamos fazer um livro muito maior.

B: A minha ideia era nós juntarmos estes 3 livros.

V: Era engraçadíssimo!

- Porque é que escolheram este tema?

B: Eu escolhi este tema porque achava que queria saber mais sobre os reis e descobri, não fazia ideia que havia uma guerreira e descobri enquanto fazia as pesquisas para o livro.

Eu: Que guerreira?

B: Joana d'arque! E vou utilizar isso para o projeto que vamos apresentar.

Eu: Olhe que bom! Então este projeto ainda a ajudou a descobrir um tema para o seu projeto individual?

B: Sim! Eu sabia que tinha de fazer esse projeto e isso ficou-me na cabeça porque eu não conhecia a história dela e achei interessante.

VG: Eu tive um bocado de pena da B porque ela estava sozinha no grupo dela e eu já tinha um grupo com as minhas amigas e depois vi a saírem do grupo da B e vi logo que a B estava sozinha e depois fiquei com a B.

- O que é que este trabalho acrescentou aos vossos conhecimentos? (O que achas que aprendeste com este trabalho? Não só no domínio da história mas com o trabalho no geral?)

V: Muito!

B: Muito mesmo, Aquilo que eu não sabia, passei a saber.

Eu: Como por exemplo?

V: Olha, eu não sabia para que é que se usavam coroas.

B: Eu não sabia o que é que o rei comia pensava que ele comia a mesma coisa que os outros.

V: Eu também não sabia que o rei comia de manhã um pão ou bebia água e ao almoço uma sopa.

VG: Acho que foi começar a mexer mais nos livros e acho que como eu sou péssima a História, não sei estudar muito bem e este trabalho fez-me rever as coisas que usavam no tempo da Idade Média porque nos desenhos do teste de História eu não tenho muito jeito porque não sei o que é que os reis e as rainhas usavam, o que é que eles vestiam, o povo, o clero. Também acho que a apresentação dos outros grupos foi muito importante.

- Foi fácil elaborar este projeto?

B: Não. Foi difícil, para mim, porque não tive ideias, por isso tive de tirar algumas ideias, da VG e algumas da V.

V: Tive muita dificuldade

Eu: Porquê?

B: Eu percebi que a V me copiou algumas coisas mas eu não me importo.

V: Foi muito difícil para mim. Primeiro porque não comecei quando devia começar, tive de fazer tudo ao despacho e depois também se não fosse a ajuda das minhas colegas eu sei que não ia resultar.

VG: Mais ou menos, umas coisas não.

Eu: Então onde é que sentiu mais dificuldade?

VG: É que estive muito concentrada nos livros do meu pai, na Internet tinha de estar ali a olhar para aquilo a ler e a copiar, isso foi mais difícil mas mesmo assim foi muito giro.

- *Querem fazer mais trabalhos de projeto?*

B: Sim. Com a C sim.

V: Eu acho que não vai ser a mesma coisa!

Eu: Então?

V: Sem a C cá.

Eu: Então porquê?

V: Porque tu és muito importante.

Eu: Obrigada pela vossa ajuda!

VG: Eu também quero!

- *Já tinham feito algum?*

B: Já!

Eu: De grupo?

B: Já, já, já!

V: Sim.

Eu: Já? Qual?

B: Aquele da C, a cidade dos sólidos.

Eu: Ah! E sem ser comigo?

B: Aqui na escola acho que não. Nos ateliês fizemos.